

REVISTA DA SEMANA

N.º 50

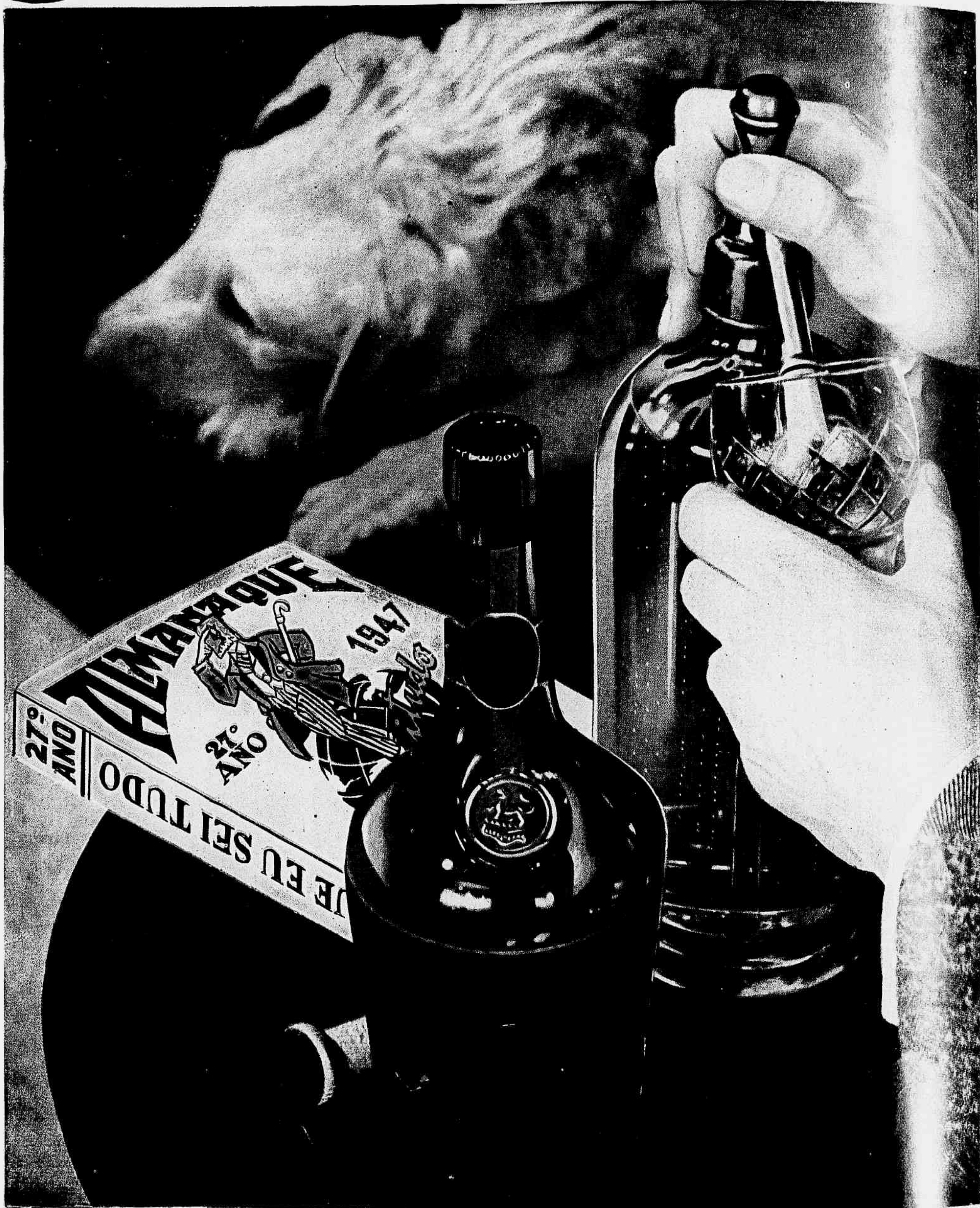
CR\$ 2,00 EM TODO O BRASIL

14 - 12 - 46



To Revista da
Semana - Happy
Holiday - greetings
Vivian Lind

Bom Gosto



... é tudo isto : o ambiente requintado, a delícia do paladar e — principalmente — o encanto do espírito, com a leitura agradável e proveitosa, que se terá adquirindo o

EU SEI TUDO

ALMANAQUE

para 1947, à venda antes do Natal em todo o Brasil.
Pedidos a COMPANHIA EDITORA AMERICANA
Rua Maranguape - 15

Preço : Cr \$ 12,00, em vale postal ou pelo reembolso.

O MUNDO

Marcha

O MUNDO MARCHA e os automóveis também, celfando vidas aqui, ali, acolá... E, às vezes, morrem os que vão dentro, como o senhor Gabriel Monteiro da Silva, que era secretário do presidente Dutra, aspirava o governo de São Paulo e acabou tendo honras fúnebres de ministro de Estado, por ocasião do seu enterro, consequente a um desastre fatal na estrada Rio-Petrópolis. Outras vezes morrem os que vão fora, como sucedeu com Léo Rowe, secretário da União Pan-Americana, com sede em Washington, onde ele foi colhido por um auto, e grande amigo do Brasil. Essas duas notícias foram muito tristes e mostram que o automóvel não é só um instrumento de conforto, mas também de morte, como, sem dúvida, concluiu Mr. de la Palisse ou o senhor conselheiro Acácio... O mundo marcha também nos domínios da política. Na internacional dos Estados Unidos apertam o crânio do caudilho espanhol, o pitoresco general Franco, caricatura de Hitler e de Mussolini... Internamente, tivemos, afinal, última a recomposição ministerial com a entrega das pastas das Relações Exteriores e da Educação e Saúde Pública a dois elementos da União Democrática Nacional, os Srs. Raul Fernandes e Clemente Mariani. No Senado, houve grande arranca-rabo e na Câmara igualmente, tudo por causa de um discurso infeliz do ex-ditador, senão, o ex-ditador desculpou-se e quis acusar o ex-embaixador dos Estados Unidos, Senhor Adolf Berle, de ter preparado a sua deposição, o que aquele diplomata declarou ser uma ridícula invenção. Houve também bafafá no Partido Social Democrático, que o ex-ditador atacou com veemência, — e segundo as últimas notícias, ao fecharmos esta página, o senador dos pampas havia sido convidado a renunciar... — coisa dura para um continuísta dos pampas havia sido convidado a renunciar... — coisa dura para um "continuísta" inveterado. No Ceará, dizem os telegramas, o interventor não quer ver os prefeitos metidos em baixa política e sim convertidos em administradores imparciais. Daí ter posto no olho da rua os de Nova Russas, Tamboril, Joazeiro, São Benedito, Barbalha e Camocim. Pena é que, nos outros Estados, esse bom exemplo não seja adotado... A Paraíba esteve no cartaz, com o lançamento da candidatura do Sr. Oswaldo Trigueiro a governador e do ministro José Américo de Almeida a senador. O Sr. José Américo de Almeida, indiscutivelmente o maior homem público do seu Estado e uma das mais eminentes personalidades da República, — a quem se deve o torpedeamento da ditadura com a entrevista-bomba "Correio da Manhã" que lançou a candidatura Eduardo Gomes e sepultou o DIP roto das coisas mortas, — não quis aceitar o lançamento de sua candidatura por várias razões, inclusive por não ter permitido que a U.D.N. a apresentasse no Rio. Mas os paraibanos são gente teimosa e lançaram a grande e desde já vitoriosa candidatura mesmo contra a vontade do candidato, que acabou tendo de se inclinar, democraticamente, à vontade dos seus coestaduanos. Outro dia falamos dos jornalistas que são candidatos a vereadores. Hoje, é bom falarmos do pessoal do rádio que também pleiteia ser eleito para o Conselho Municipal. Entre outros aí estão Ary Barroso, com a sua gaitinha, para comentar musicalmente as vitórias da sua bancada (seu nome foi lançado pela UDN); Claudio Mancini, candidato da Esquerda Democrática; Silvino Neto, que pretende levar Anestésio para o largo da Mãe do Bispo sob a legenda do Partido Trabalhista; e finalmente, o locutor integralista Bilo Guardia... Sairá vitorioso algum deles? Cuidado que não vá se repetir o que se deu com Ladeira, que colocou sua popularidade radiofônica a serviço de um partido sem eleitores, como candidato a deputado, e ficou sem votos, lendo os seus anúncios na Mayrink... Por falar em rádio, causou sensação nos círculos radiofônicos a decisão da popularíssima cantora Isaurinha Garcia, que, assim que terminar seus contratos, pretende ingressar num convento, a exemplo do que fez seu colega José Mojica. Em Buenos Aires, iniciou-se um surto de peste bubônica, sendo iniciada a imediata desratização dos portos, "gares", aeródromos e esgotos. No Rio de Janeiro, há muito tempo não se faz mais a "claytonagem" e a cidade vive cheia de ratos e baratas. Não se fumiga mais os esgotos e, se houver um surto de peste, vai ser um horror. E' melhor acabarmos logo com os ratos, se bem que, com a desratização, também vá morrer muita gente... Na semana passada falamos nas seis toneladas de baralhos que vieram ocupando no navio "Normadown" praça que poderia ter sido ocupada por sacos de trigo e dissemos que o Brasil está cheio de cassinos clandestinos... Prova de que não mentimos: a polícia de Belo Horizonte varejou uma casa de jogo a seis quilômetros da capital, onde havia não apenas baralhos, mas roletas, bacará, campista, etc.. O Estado Novo ainda não havia acabado por ali... Nos domínios das artes, queremos assinalar, com prazer, o êxito da exposição do pintor João Rescala, prêmio de viagem do Salão Oficial (quando havia Salão, porque agora o onipotente Sr. Osvaldo Teixeira não deixa...), e que, de regresso, nos mostra lindas paisagens e tipos dos Estados Unidos e do México. E além de tudo houve um calor de riar, um calor como nunca, porque se é certo que o mundo marcha é certo, também que o Rio, em dezembro, se torna uma cidade perfeitamente inabitável...



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais rapidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projetos e inquietações povoa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade,

o início da adolescência constitui por isto mesmo uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em boas condições a mocinha deve ser preparada física e psicologicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam—e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso—são as primeiras providências a tomar. Para isto **Regulador Gestelra** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dores durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos esses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do **Regulador Gestelra**.

A ação que o **Regulador Gestelra** exerce sobre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do **Regulador Gestelra** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.



AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA PARTE

OS NOSSOS CONCURSOS LITERÁRIOS

CONCURSO DE CONTOS — São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam dispor com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — O conto deve ser invariavelmente datilografado, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — O conto submetido a este concurso deve ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

CONCURSO DE TEATRO — A comissão julgadora ainda não nos entregou o seu parecer.

CARTA A REDAÇÃO

O professor Antonio Carneiro Leão, membro da Academia Brasileira de Letras e diretor da Faculdade Nacional de Filosofia, a propósito da reportagem "Aqui o fascismo perdeu uma batalha", dirigiu ao nosso diretor-secretário a seguinte carta:

"Prezado amigo. — Acabo de ler com grande satisfação a bela e prestigiosa reportagem que a REVISTA DA SEMANA fez em seu último número sobre a Faculdade Nacional de Filosofia. Como professor e diretor desta casa de educação e cultura venho agradecer ao distinto amigo e à ilustrada e generosa redação dessa conceituada revista o inestimável serviço prestado a nossa Faculdade.

Aproveito a oportunidade para subscrever-me admo. e amo. atº. e obgo. A. Carneiro Leão, diretor da Faculdade. — Rio, 18 de Novembro de 1946".

OFICINA DE 1ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

R. CARIOCA N.º 28

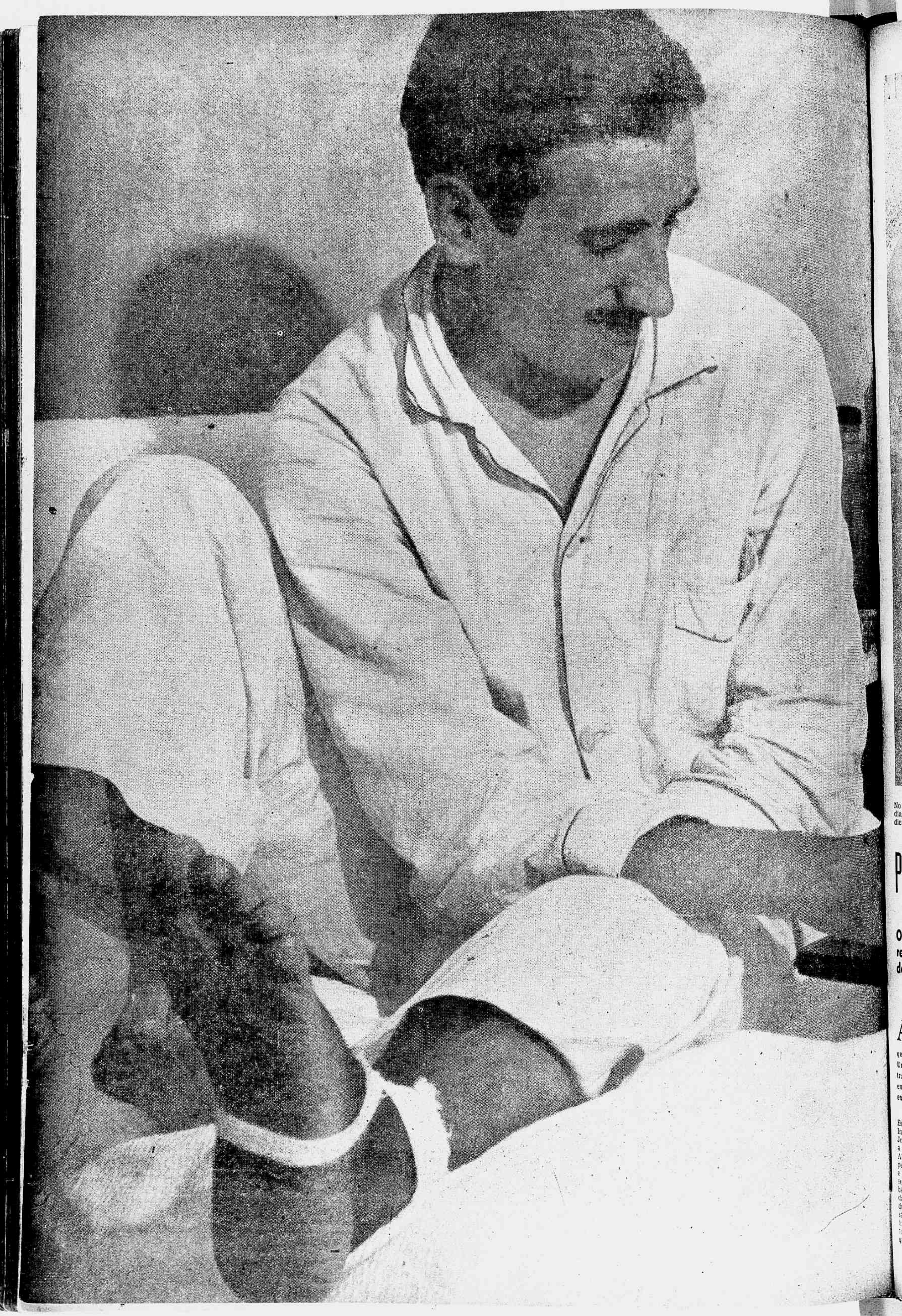
Joalheria

DE OURO

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



No
dia
die

P

O
re
de

A
qu
Un
tra
en
ex

Es
In
Je
a
A
pe
e
se
bi
ch
di
su
tr
qu



No Centro de Readaptação dos Incapazes das Forças Armadas não se nota o ambiente tristonho, próprio dos hospitais. A disciplina facultava-lhe o livre acesso, a qualquer hora do dia à sala de esporte, à biblioteca, e também ao exterior do edifício. A distração auxilia a Comissão de Readaptação está resolvendo o problema das mutilações físicas e psíquicas que trata de readaptar física e psicologicamente os que regressaram como inválidos dos campos de batalha. Uma das piores heranças das trincheiras são os estados traumáticos e neuropáticos que, se não forem tratados cientificamente, acompanharão o indivíduo pelo resto da existência, perdurando em estado latente em seus atos, dos nossos ex-combatentes. Centenas de homens estarão recebendo esse tratamento no próximo ano.

PARA ÊLES A GUERRA NÃO É APENAS UMA LEMBRANÇA!

CRIFA, ESPERANÇA DE UMA VIDA NOVA PARA OS NOSSOS "PRACINHAS" MUTILADOS

O Brasil inaugura o primeiro hospital de readaptação de veteranos estropiados — Quatrocentos soldados estarão sendo reeducados para a vida civil, já no próximo ano — Ex-combatentes de todos os Estados do Brasil virão estagiar no Rio afim de se readaptarem — Quando o analfabetismo cerceia a ação dos médicos especialistas — A história de alguns "pracinhas" mutilados.

Reportagem de NEY MACHADO

A guerra moderna precipitou a criação em diversos países de mais uma especialização da medicina: a que trata de readaptar física e psicologicamente os que regressaram como inválidos dos campos de batalha. Uma das piores heranças das trincheiras são os estados traumáticos e neuropáticos que, se não forem tratados cientificamente, acompanharão o indivíduo pelo resto da existência, perdurando em estado latente em seus atos,

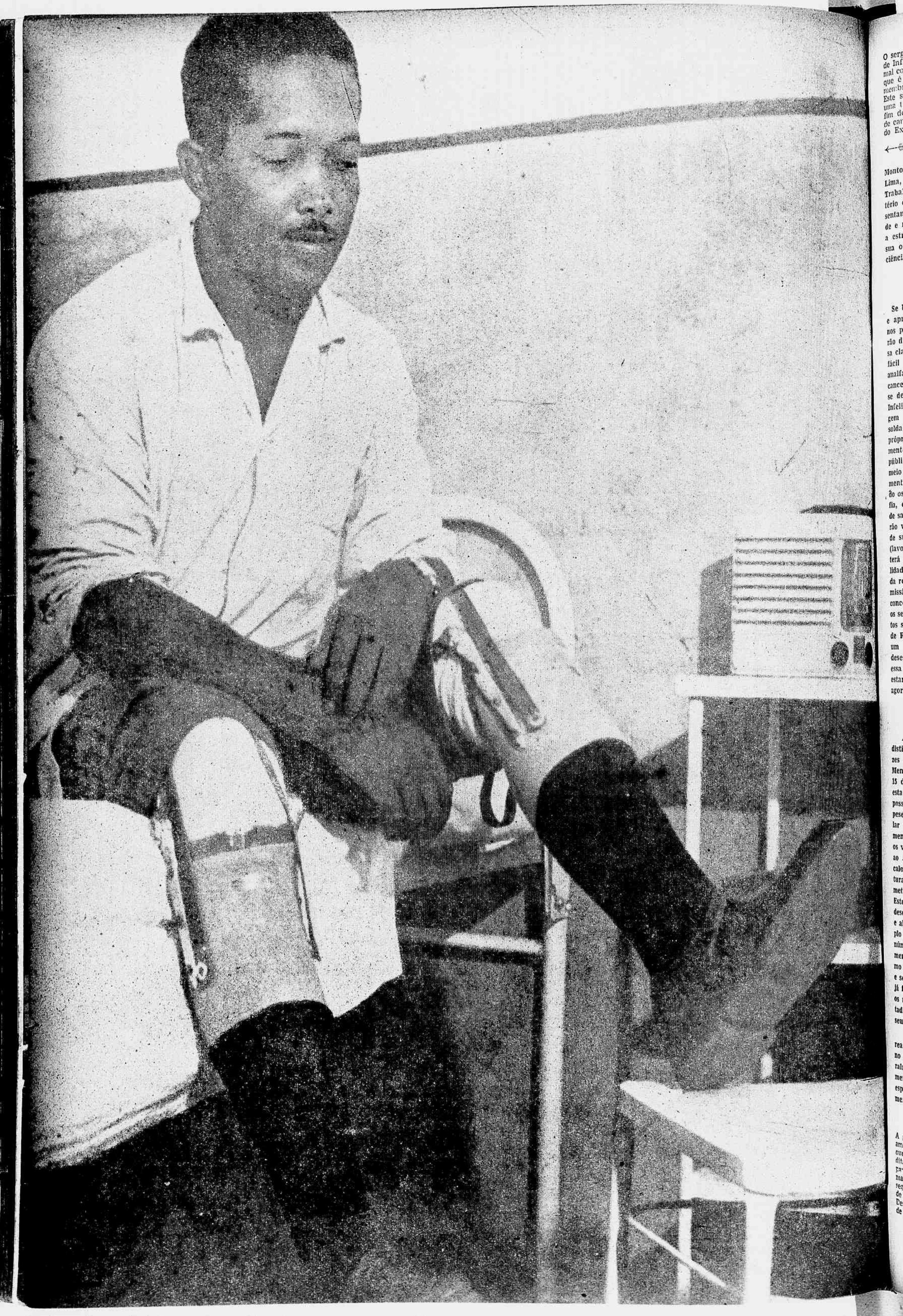
mesmo depois de clinicamente curado. A ciência da readaptação dos julgados incapazes é relativamente nova, tendo sido iniciada há mais ou menos vinte anos, na cidade de Barcelona, Espanha e sido imediatamente seguida pelos cientistas da Bélgica. O seu objetivo era reeducar os civis gravemente acidentados e devolvê-los, na medida do possível, à sociedade. As guerras, cada vez mais deshumanas, obrigaram outros países, como a Rússia, França, Canadá, Alemanha e Estados Unidos a procurar reaproveitar o material humano que voltava severamente estropeado das suas trincheiras.

Os nossos soldados, nesta última grande guerra, tiveram participação ativa nas linhas de frente e o Brasil recebeu, como um dos pesados tributos, a volta de muitos dos seus filhos parcialmente inutilizados. A Pátria pela qual haviam se sacrificado tinha o dever de fazer alguma coisa por eles. Não podia esquecê-los. E, em janeiro de 1945, por iniciativa do ministro da Guerra de então, era criada a Comissão de Readaptação dos Incapazes das Forças Armadas, cujo objetivo era instalar em nosso país um estabelecimento especializado para a reeducação dos nossos

soldados, allás o primeiro em toda a América do Sul. Como o nome por si só esclarece, este serviço deverá ter maior amplitude, atendendo também aos invalidados das nossas forças armadas em tempo de paz, desde que as lesões por eles sofridas tenham servido de motivo para o seu afastamento do serviço ativo.

Será por isso — como acreditamos — um serviço de assistência permanente, pois o Exército, a Marinha e a Aeronáutica, — exatamente como as atividades civis — contribuem, infelizmente, para as estatísticas, com uma quota anual de acidentados em seus serviços, muitos dos quais ficam inválidos para sempre. A estes também será dado o amparo da CRIFA, abreviatura pela qual já ficou conhecida a Comissão de Readaptação. Essa comissão é composta de seis membros, cinco médicos e um advogado, representando cada um deles os Ministérios da Guerra, Marinha, Aeronáutica, Educação e Saúde, Trabalho e também, o DASP, sendo subordinada diretamente à Presidência da República. A comissão atual, quase a mesma desde a sua fundação, é composta pelos senhores: Almirante Fábio de Vasconcelos, presidente; coronel-aviador Luis Belmonte

Este é Hélio Silva, ex-"pracinha" do 11º Regimento de Infantaria, filho de Dolores de Campos, município de São João del-Rei. Quando o caminhão em que viajava iniciou a travessia de uma ponte, próxima à cidade italiana de Alessandria, houve a explosão de uma mina colocada ali pelos alemães. O rádio-telegrafista Hélio Silva ficou trinta e seis horas desacordado e quando voltou a si já estava sendo operado no Hospital Militar de Bologna. Recebeu uma placa de platina aparafusada no local da fratura da tibia, como o seu colega de Ponta Porã, mas esta ligação foi retirada aqui no H.C.E., por não ser mais necessária, no seu caso. O "pracinha" Hélio manda, por nosso intermédio, os seus votos de feliz natal para os seus parentes de São João del-Rei e de Dolores dos Campos e promete que "este será o último natal que passará longe dos seus".



O serg
de Inf
mal co
que é
men-b
Este s
uma t
fim de
de car
do Ex

Monte
Lima,
Traba
tório
sentan
de e
a esta
sua o
ciênci

Se t
e apt
nos p
rão d
sa cla
fácil
anali
cance
se de
Inteli
gem
solda
própr
ment
públi
meio
ment
ão os
fla, e
de sa
rão v
de si
(lavo
terà
lidad
da re
missi
conce
os se
tos s
de F
um
dese
essa
esta
agor

disti
zes
Men
15 d
esta
poss
pese
lar
men
os v
ao
calo
tura
met
Este
dese
e al
plo
núm
men
mo
e se
já f
os
tad
seu

rea
no
ral
men
esp
me

A
am
cuc
difi
ra
ma
res
de
De
de

O sergipano Augusto Freire, ex-infante do 11º Regimento de Infantaria, sediado em São João del-Rei foi atacado do mal conhecido na gria da caserna como "pé de trincheira", que é uma espécie de paralisia progressiva que ataca os membros inferiores, motivada por uma fratura prolongada. Este soldado esteve durante vinte e três dias dentro de uma trincheira gelada nas encostas do Monte Castelo. No fim desse período foi levado inconsciente para o hospital de campanha e mais tarde trazido para o Hospital Central do Exército, do Rio, onde foi operado, perdendo ambas as pernas.

Montojos; major Luis Paulino de Melo; Dr. Jair Negrão de Lima, que é o advogado, representando o Ministério do Trabalho; Dr. Nilton de Campos, representante do Ministério da Educação, e Dr. Ari de Castro Fernandes, representando o DASP. A esses homens foi confiada uma grande e nobre tarefa: a de organizar teórica e praticamente a estrutura dos serviços de readaptação, planejando a sua organização, modelando e criando os métodos dessa ciência em nosso país.

DIFICULDADES PRELIMINARES

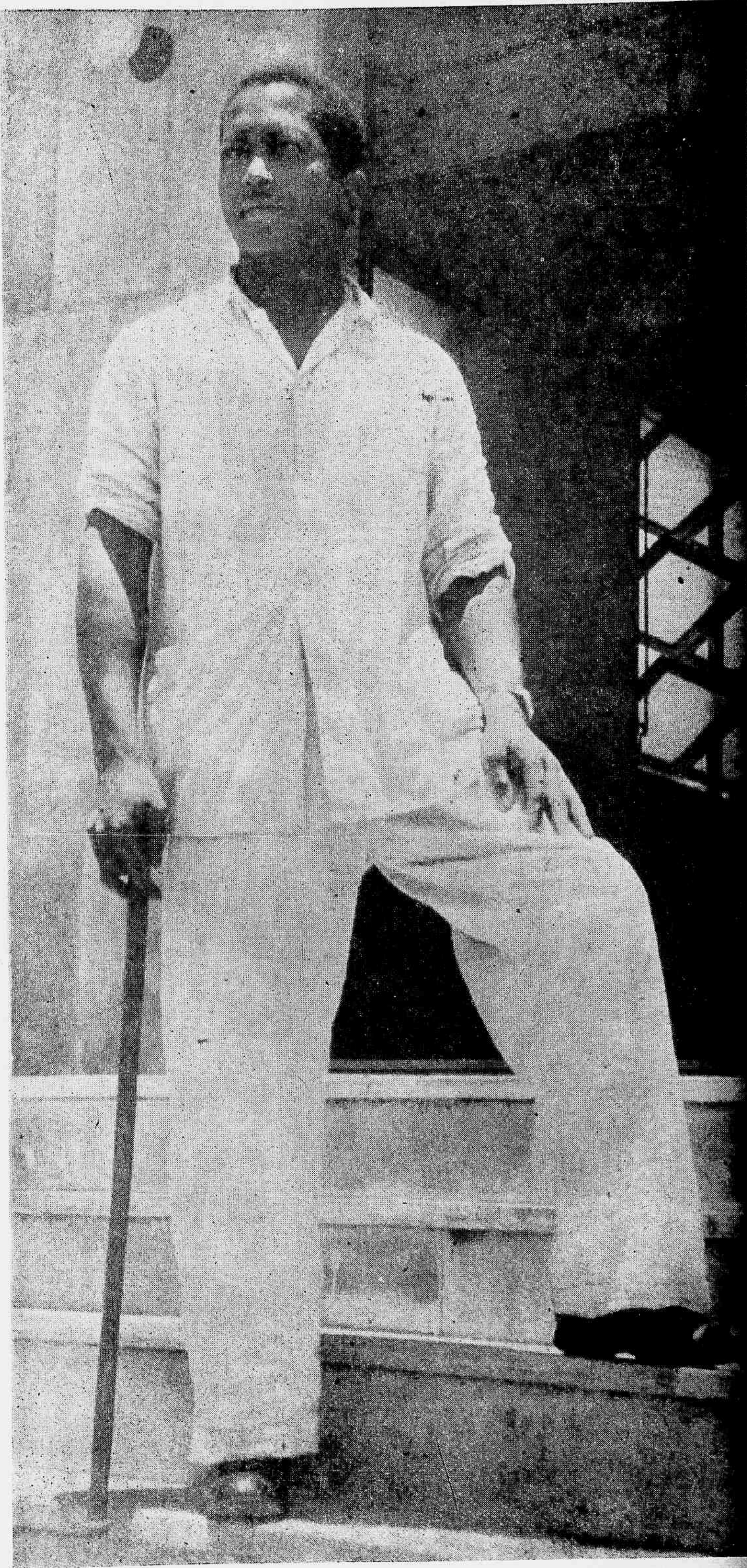
Se bem que esses técnicos tenham como fonte de estudo e aprendizagem os estabelecimentos similares existentes nos países que acima mencionamos, os problemas que terão de enfrentar no Brasil serão muito maiores. Uma coisa clara para nós, os leigos, é que a readaptação é muito fácil a homem de nível cultural mediano do que a um analfabeto. O homem de relativa instrução tem ao seu alcance uma boa dezena de ofícios e artes aos quais poderá se dedicar, mesmo que tenha algum membro amputado. Infelizmente o Brasil ainda é um país de grande percentagem de analfabetos. Que novo ofício poderá aprender um soldado que mal saiba ler e dificilmente garatuje o seu próprio nome, quando voltar à sua atividade civil parcialmente inibido por uma amputação? Dezenas de empregos públicos ficaram automaticamente fora de cogitação como meio de atender às necessidades de vida de mutilados, somente por esta falha. A um analfabeto que tenha perdido os membros inferiores não se poderá ensinar datilografia, escrituração, ou qualquer outro mister que dependa de saber ler bem ou escrever. A outros homens, que deverão voltar às cidades do interior do Brasil, onde os meios de subsistência se reduzem a uma meia dúzia de ofícios (lavoura, tecelagem, garimpagem, pequeno comércio, etc.) terá que ser dado um ofício que se adapte às suas possibilidades dentro do meio ao qual se destinam. Por isso, além da readaptação física dos nossos soldados, tem ainda a comissão problemas correlatos que terá de os ir resolvendo concomitantemente. Disso — como podemos observar — os seus membros têm plena consciência e se os seus propósitos se realizarem, como até aqui tem acontecido, o Centro de Readaptação estará prestando dentro de pouco tempo um grande serviço, benéfico sob múltiplos aspectos. Nós desejamos que o governo continue dando mão forte a essa realização, como até agora tem feito, porque, assim, estará fazendo uma obra duradoura e meritória. Vejamos agora a parte prática do que já foi realizado pela CRIFA.

O MORRO DOS VENTOS SUAVES

A instalação do CRIFA — abreviatura homônima, que distingue neste caso o Centro de Readaptação dos Incapazes das Forças Armadas — no pavilhão do Hospital dos Menores, estabelecimento anexo ao Instituto Profissional 15 de Novembro, à rua Clarimundo de Melo, próximo à estação de Quintino Bocayuva, preenche na medida do possível as atribuições que lhe foram confiadas, em que pese o caráter provisório da cessão. O pavilhão hospitalar está situado no cimo de um pequeno morro, completamente isolado, proporcionando uma visão repousante sobre os vales e montanhas próximas. O barulho dos trens chega ao alto da colina muito suavemente, já amortecido, e o calor da baixada suburbana se transforma numa temperatura agradável depois que o automóvel sobe os trezentos metros da rampa que dá acesso ao Centro de Readaptação. Este é, sem dúvida, um hospital "sui-generis"; acolhedor desde os primeiros degraus que nos levam ao "hall" fresco e alegre, de piso lustroso a poder de cera. O edifício amplo dá-nos uma impressão ainda maior de amplitude pelo número pequeno de pacientes que abriga. Existem ali somente vinte e poucos, dos quatrocentos que já no próximo ano lotarão as suas enfermarias e corredores. Duzentos e sete processos, referentes à admissão de novos pacientes já foram despachados, dependendo somente de concederem os regimentos onde servem as postulantes reformas solicitadas, para que, então, eles possam iniciar na CRIFA o seu estágio de recuperação.

Sendo uma instituição destinada a proporcionar uma readaptação completa, física, moral e mental, não existe no regulamento do Centro o rigorismo que se observa geralmente nas casas de saúde. Ao lado da reeducação dos membros mutilados ou paralisados, procura-se curar o seu espírito dos abalos nervosos, das depressões, da astenia mental que contrairam durante a guerra. Assim é que de-

A frangrena que tomara conta de suas pernas obrigou a amputação de ambas, à altura do joelho. A primeira vez que tentou usar duas pernas mecânicas desesperou-se, acreditando na impossibilidade de se habituar. Remeteram-no para o Centro de Readaptação, para onde foi levado de maca. Ali, debaixo de uma assistência especializada, conseguiu vencer o seu desânimo, e agora, com poucos meses de estágio, a sua locomoção é admirável, quase perfeita. Desce várias vezes por dia, sem nenhuma ajuda, uma rampa de mais de trezentos metros. Um belo exemplo do que pode fazer o CRIFA.



verão voltar para a vida social os que ali ingressam: capazes, tanto quanto possível, física e mentalmente.

A GUERRA PARA ELES NÃO É APENAS UMA LEMBRANÇA...

O dormitório, que atualmente tem pouco mais de duas dezenas de camas ocupadas, abriga verdadeiros heróis, para os quais, infelizmente, a guerra ainda não terminou, pois estão ainda sofrendo os seus efeitos, longe das suas famílias, que ainda não os puderam rever. Alguns foram diretamente dos hospitais dos campos de batalha para os Estados Unidos e daí vieram para o Rio de Janeiro. Outros foram operados aqui mesmo, no Hospital Central do Exército, e enviados depois para o Centro de Readaptação. Muitos voltam diariamente, ou em determinados dias da semana em transporte especial da CRIFA, aos hospitais do Exército, onde continuam os seus tratamentos de traumatologia-ortopédica, de massagens, etc. Sendo o Centro de Readaptação um organismo especializado, que se destina apenas à reeducação desses homens, não é de interesse econômico instalar seções de cirurgia, ortopédia, etc., possuindo apenas departamento de clínica médica, que coadjuva o tratamento recebido nos hospitais especializados. E assim, complementarmente, recebem os nossos soldados toda a atenção possível. Estes soldados, que até há alguns anos atrás voltariam para as suas cidades natais inúteis para o resto da vida, marcados impiedosamente pela recordação das batalhas, estão tendo agora novas esperanças. A Nação está começando a reconhecer sua dívida para os que se sacrificaram pela democracia e para defendê-la e procura proporcionar os recursos necessários para refazê-los física e espiritualmente. Nada mais justo. É uma dívida que cada um de nós tem em particular para com esses obscuros heróis. Por tal motivo, quando mais tarde o Centro procurar colocar os seus readaptados em empresas particulares ou públicas, é mister que lhes seja facilitado o ingresso nas mesmas, inclusive tendo preferência sobre os fisicamente mais capazes, desde que o mesmo serviço possa ser por ambos desempenhado com igual rendimento. Lembrem-se de que para eles o estrondar dos campos de batalha ainda não silenciou.

UMA RECORDAÇÃO DE MONTE CASTELO

O soldado Augusto Freire, do glorioso 11º Regimento de Infantaria, sediado em São João del-Rei, em Minas, é

uma recordação viva das páginas que os nossos pracinhas escreveram nas encostas geladas de Monte Castelo. Durante vinte e três dias consecutivos ele lutou contra os alemães nas faldas daquela montanha, combatendo dia e noite, dormindo pouco, dando todo o esforço de sua alma combativa de sergipão para não arredar o pé de cada palmo de terreno penosamente conquistado. A neve branquejava tudo e o interior da trincheira era forrado de gelo duro. Mas a tensão da luta não lhe deixava sentir a friagem que pouco a pouco lhe foi endurecendo os dedos dos pés, as articulações do tornozelo e por fim, no vigésimo terceiro dia, lhe paralizou toda a perna. O valente caboclo, acostumado à zona tórrida de sua terra natal, a pequenina vila de Estancia, perdida no Estado de Sergipe, não aguentou mais o rigor do inverno das montanhas da Itália. Transportado para o hospital de campanha em janeiro do ano passado e de lá para o Hospital Central do Exército, no Rio, teve as duas pernas amputadas, à altura dos joelhos, operação tornada imperiosa pela gangrena, que já lhe roía as carnes. Esteve no H.C.E. até julho, quando, já convalescente, foi trazido para o trabalho de readaptação do CRIFA. Perguntamos-lhe como se achava agora. E ele, sorridente, foi nos contando:

— Algum tempo depois da operação, quando comecei a usar estas "duas" pernas mecânicas, pensei que nunca poderia andar em cima destas coisas. Ficava desesperado e, outras vezes, desanimado de tudo. Quando vim para o Centro fui trazido de maca, pois ainda não sabia andar. O pessoal daqui foi paciente. Todos me encorajavam a todo instante, divertiam-me quando eu ficava triste, enfim faziam o possível para que eu resistisse.

— E hoje, como se sente?

— Nem pareço o mesmo. Ando perfeitamente. Desço sozinho, várias vezes por dia, essa ladeira que os senhores subiram na entrada. Jogo "ping-pong" e me encontro disposto a trabalhar, logo que me dêem como readaptado.

Enquanto conversávamos fomos percorrendo diversas seções do Centro. Depois de fazer exibição de suas qualidades como raquetista do tênis de mesa, em que a ligeireza dos seus membros inferiores era quase normal, Augusto Freire fez questão de mostrar que também descia escadas como qualquer um de nós. E era confortador ver sua fisionomia simples tornar-se tão feliz por conseguir descer, de um modo mais ou menos firme, os degraus da escada, ele que há menos de dois anos pulava como um gato e fazia verdadeiras proezas de agilidade quando o

seu regimento arremetia contra as posições inimigas de Monte Castelo!

A MINA CEGOU-LHE UMA DAS VISTAS

Na guerra todas as armas são igualmente perigosas. Mas há muito cidadão que daria tudo para não pertencer a um batalhão de "limpadores de minas". Entretanto, como dizem os "pracinhas" que a ele pertenceram, é um trabalho nada causativo, o perigo, é que é terrível... Os carros os levavam até a proximidade da estrada a examinar. Saltavam, montam-se das "sondas" apropriadas e começavam a fazer a "limpeza", protegendo o grosso da tropa que vinha atrás. Quando o instrumento acusava o "inimigo", começavam a cavar a terra, muito cuidadosamente, até encontrarem a "mina" explosiva. Todos os gestos eram calculados e executados com muita calma, tal como se fossem acender um cigarro recostados em um sofá. Nada de precipitações. Porque aquela era uma dessas profissões em que o indivíduo só erra uma vez; não se poderá repetir o erro, porque ao primeiro os "errados" em geral voam em pedaços pelo ar.

Quem nos explicava tudo isso era o soldado José da Costa Sampaio, que pertenceu ao 9º Batalhão de Engenharia.

— Como você ficou vivo, para contar essa história? — perguntamos-lhe.

O ex-ferroviário de Belo Horizonte continua:

— Nós já tínhamos tirado a "mina". Quando me trouxeram algum tipo novo, este era imediatamente levado para servir de estudo. Foi o que aconteceu com a última que desenterramos, no começo de uma estrada que seguia para a cidade italiana de Zoca. Tudo correu muito bem. Na hora de examiná-la, pois era um tipo desconhecido de explosivo, devo ter cometido qualquer engano. Lembrou-me, apenas, de um clarão fortíssimo que cegou a minha vista e mais nada.

Depois de ligar o rádio, colocado à sua cabeceira, continua filosoficamente:

— Tive muita sorte, pois é muito difícil escapar-se com vida de uma explosão como aquela. Fiquei cego desta vista (seu dedo aponta-nos o olho direito). Dos outros ferimentos já fiquei completamente curado.

— Que pretende fazer quando retornar à vida civil?

— Desejo voltar ao meu lugar de ferroviário em Belo

(Continua na pág. 54)

Este que está recebendo massagens nos músculos do tornozelo endurecido é o lavrador Arcênio Meza de Moraes, que veio de Ponta Porã para lutar com a FEB nos campos da Itália. Teve a perna direita fraturada em vários lugares e a consolidação foi tão difícil que teve de ser enviado aos Estados Unidos, para um tratamento adequado. A consolidação da fratura foi abreviada com a injeção de um parafuso de platina, que ele conservará dentro da perna, para toda a vida, como um estranho "souvenir" da sua passagem pela América do Norte.





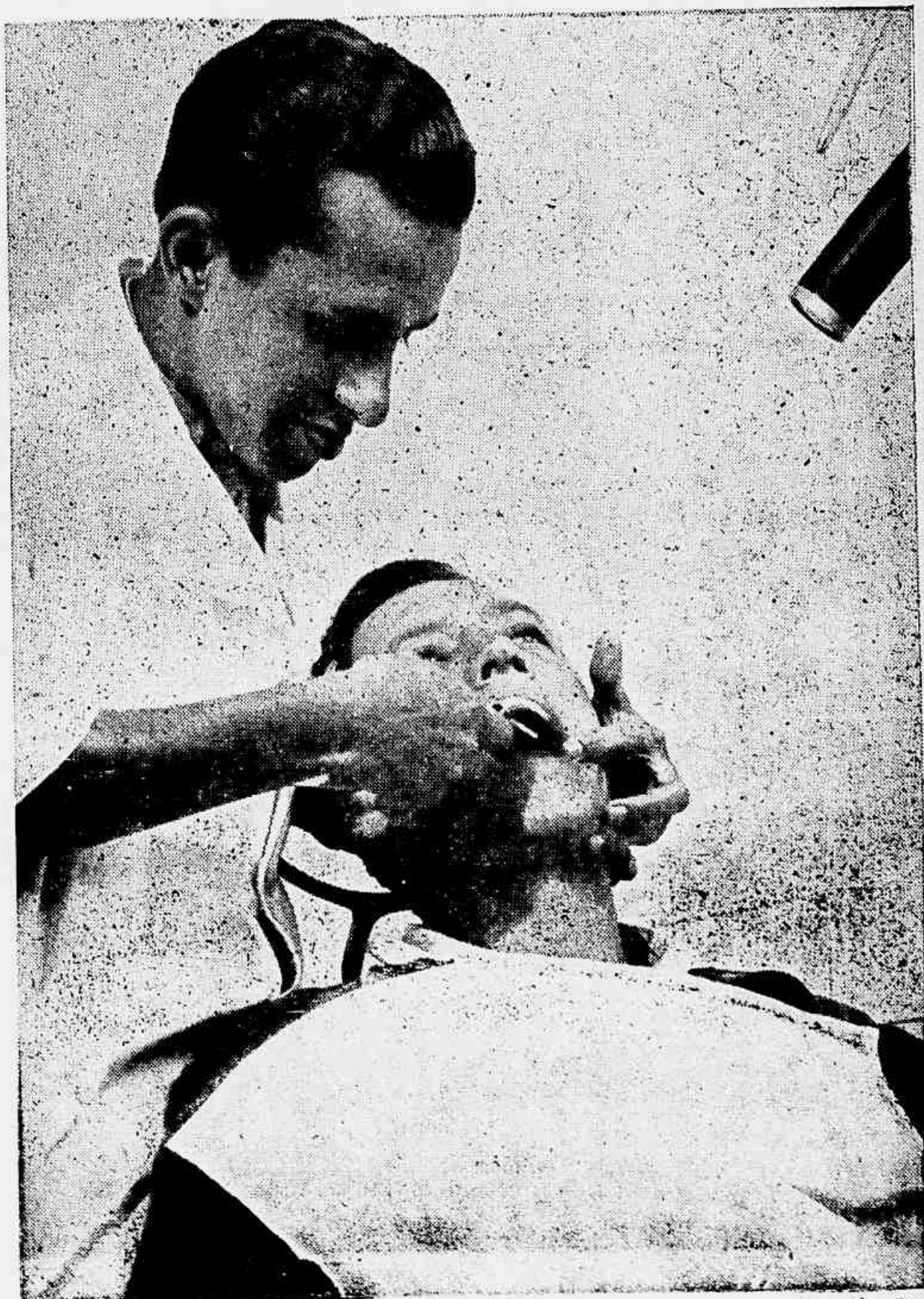
O ex-"pracinha" José da Costa Sampaio, pertenceu ao 9º Batalhão de Engenharia. Perto da cidade italiana de Zoca a explosão de u'a "mina" cegou-lhe uma das vistas. O CRIFA já lhe proporcionou o conhecimento de um novo ofício, compatível com a sua semi-invalidez. Ele sairá do Centro de readaptação moral e fisicamente apto para a vida civil.

Diariamente o Centro de Readaptação faz transportar em seus próprios veículos os internados que continuam em tratamento nos hospitais militares. A foto mostra a chegada da ambulância, trazendo um soldado que voltava do H.C.E. — Os seus veículos transportam aos domingos a rapaziada para os "match" de futebol.



Francisco Moreira Filho, outro que voltou parcialmente inutilizado dos campos da Itália. Depois de operado no Hospital Central do Exército veio estagiar no Centro, onde recebe a atenção médica necessária para a sua readaptação. O Centro proporcionou-lhe uma infinidade de distrações para que o seu espírito esqueça o mais breve possível a visão da catástrofe.

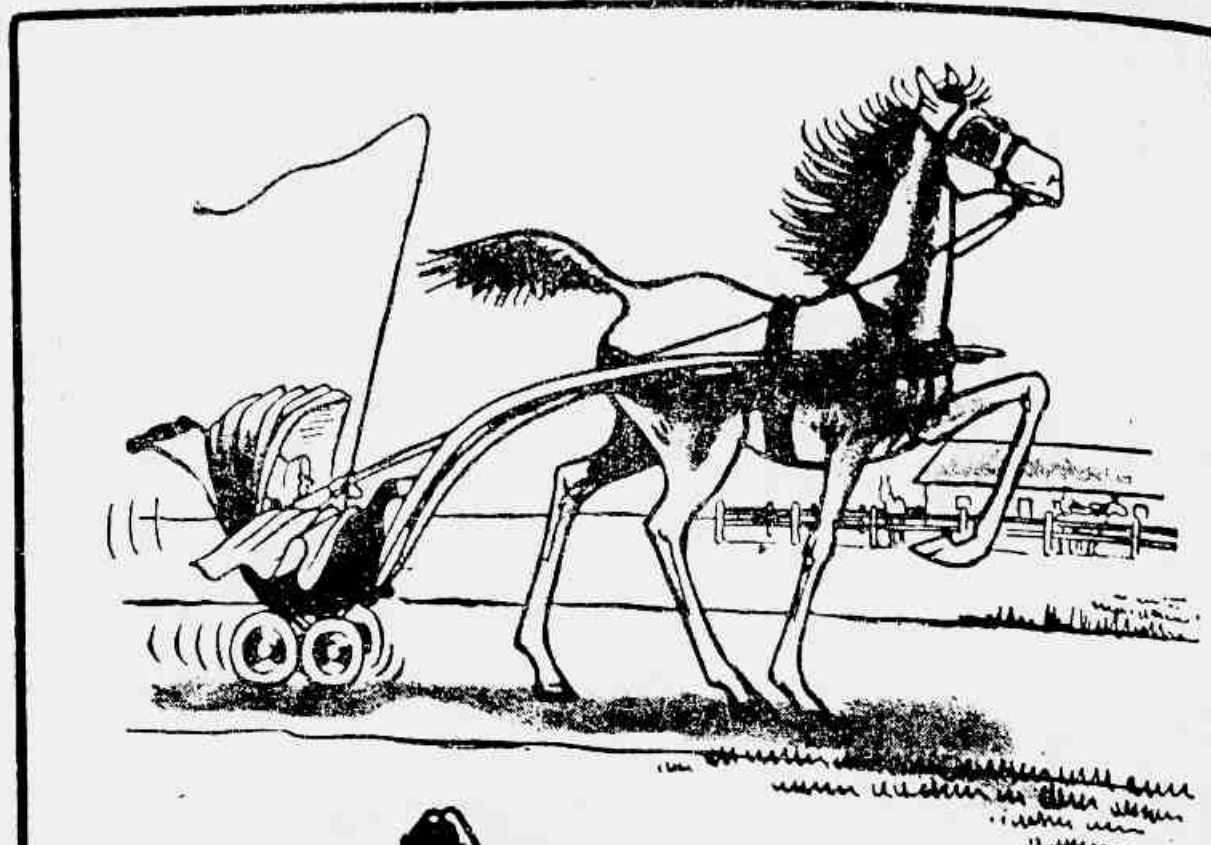
O CRIFA já possui um completo gabinete dentário para tratar dos soldados durante o seu longo período de readaptação. Na gravura o tenente Tércio Secca, atualmente respondendo pela direção do Centro, melhorando a boca do "pracinha" Arnaldo Esterline, que pertenceu ao 6º Regimento de Infantaria.



BOM HUMOR



— Escute, sargento... o senhor hoje está de bom humor?



— Isso não é nada... O filho do vizinho começou a correr com três meses de idade...



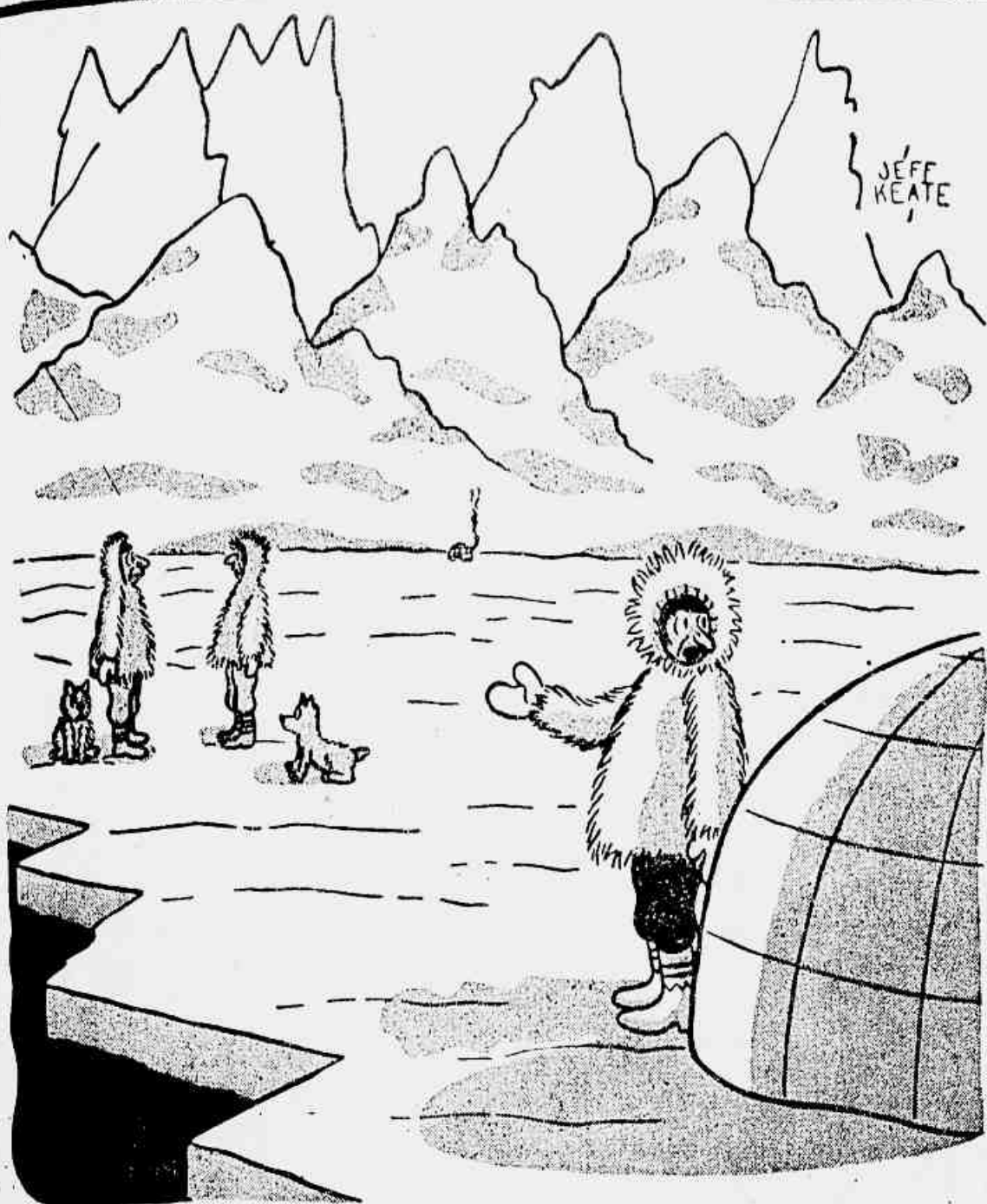
— Dei o fora nele porque veio com a velha história de me prometer um "test" cinematográfico... E descobri, depois, que ele é o presidente da Metro! Como eu sou idiota!



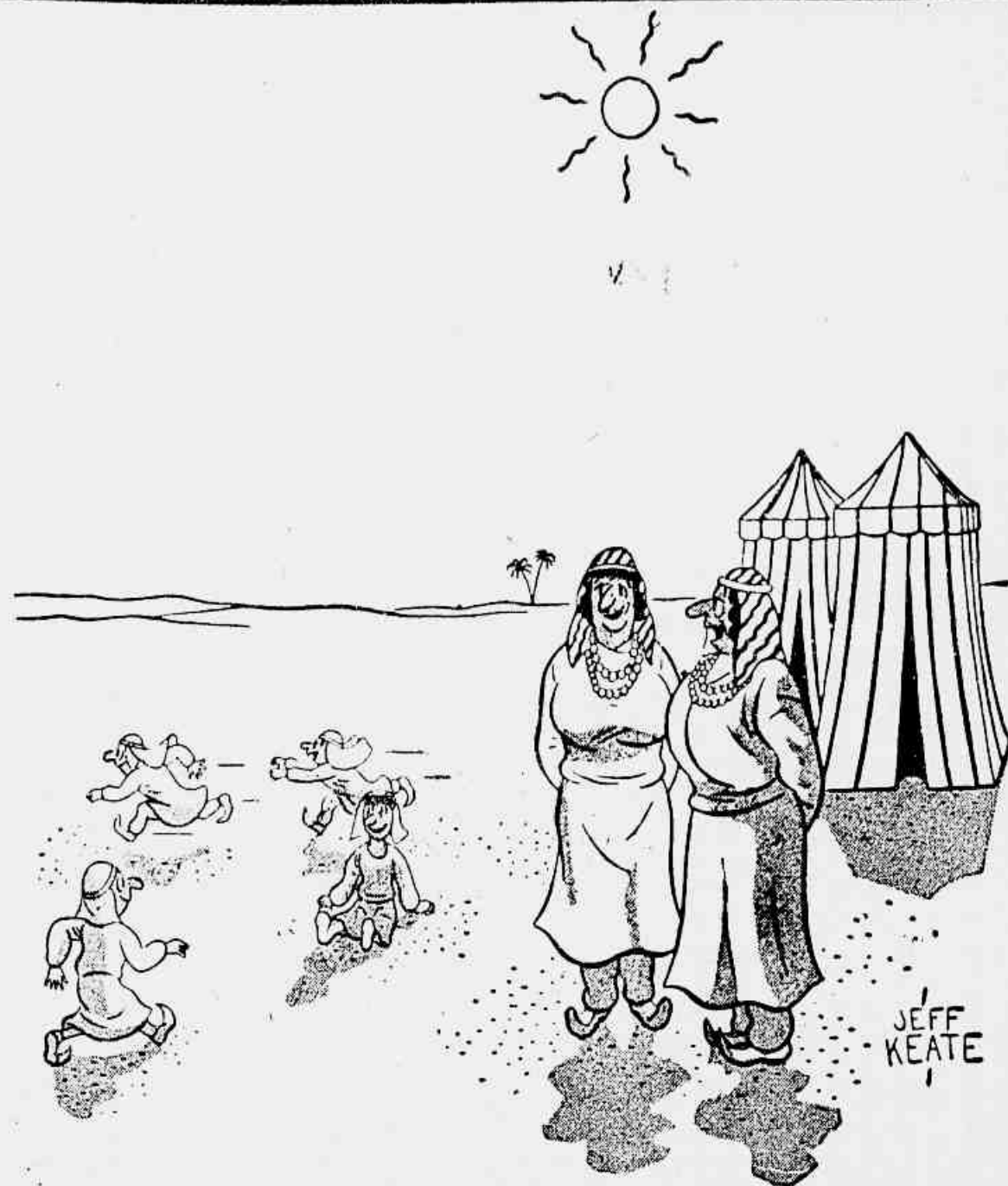
— Eu não lhe dizia que o nosso cachorro diverte muito as visitas?



— Queira desculpar a minha curiosidade... Mas isso deve estar um bocadinho gostoso, não é mesmo?



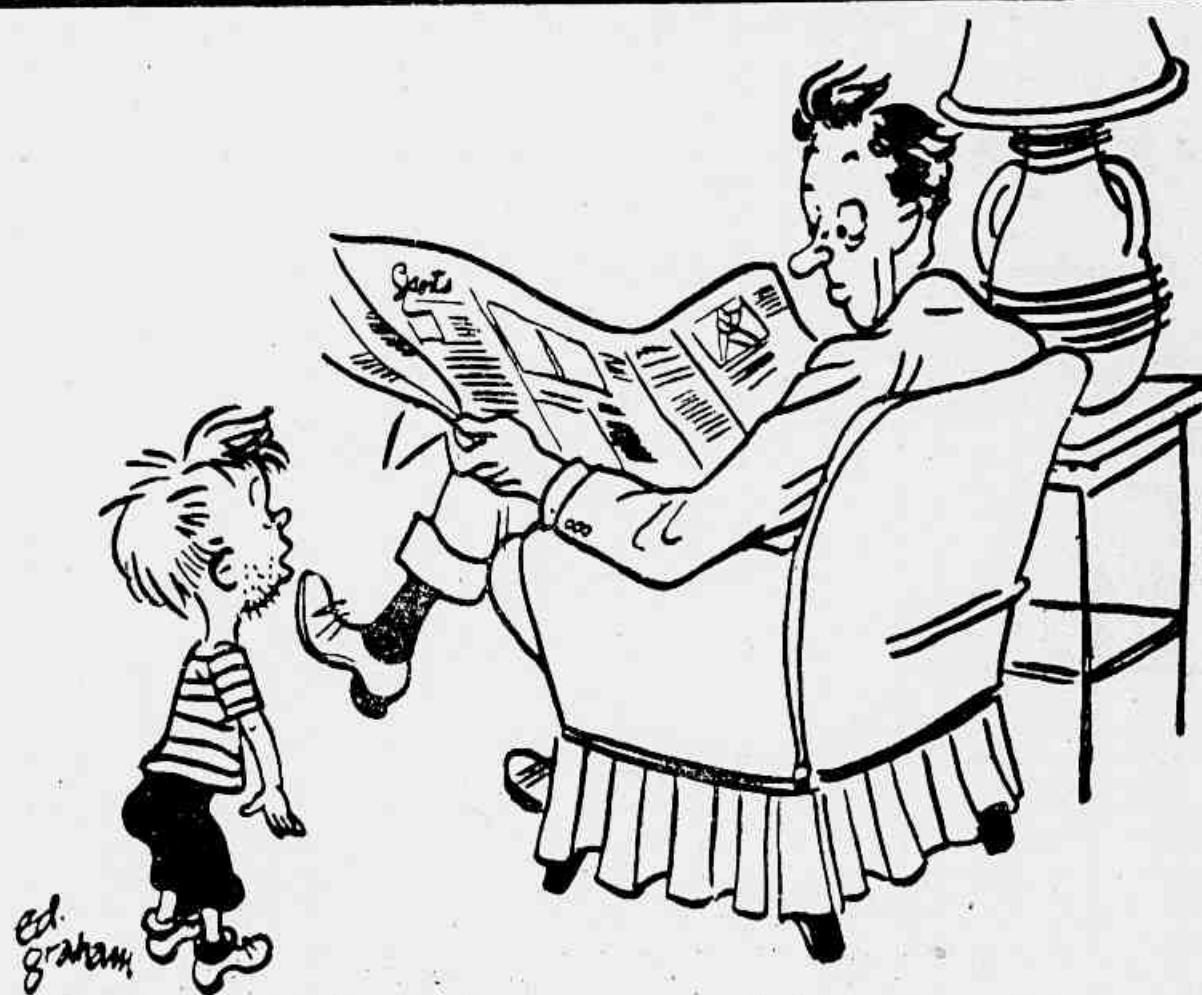
— Bem... Vou ali adiante, ver porque motivo há uma verdadeira multidão reunida aí perto...



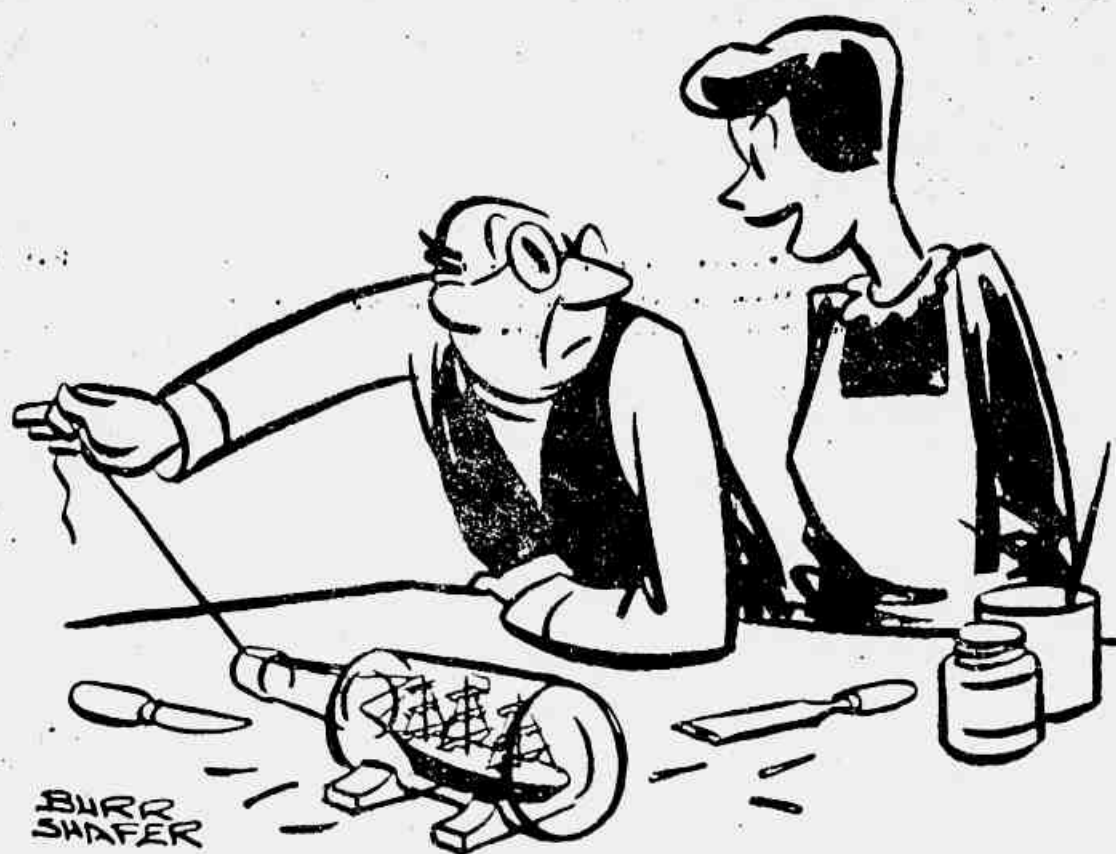
— De uma coisa podemos estar certas, aqui no deserto, minha amiga... É que as crianças não correm o menor perigo de se molharem...



Nós viemos apenas nos oferecer para lambar as panelas...



— Onde é que o senhor está escondendo a navalha? Pergunto porque eu tenho um encontro com uma pequena...



— Muito bonito, na verdade, senhor meu marido. Mas trate de tirar essa porcaria daí porque eu tenho quem me dê um cruzeiro por essa garrafa...



— Está vendo? A tal gravata de elástico vira bigode cada vez que eu tenho soluços!



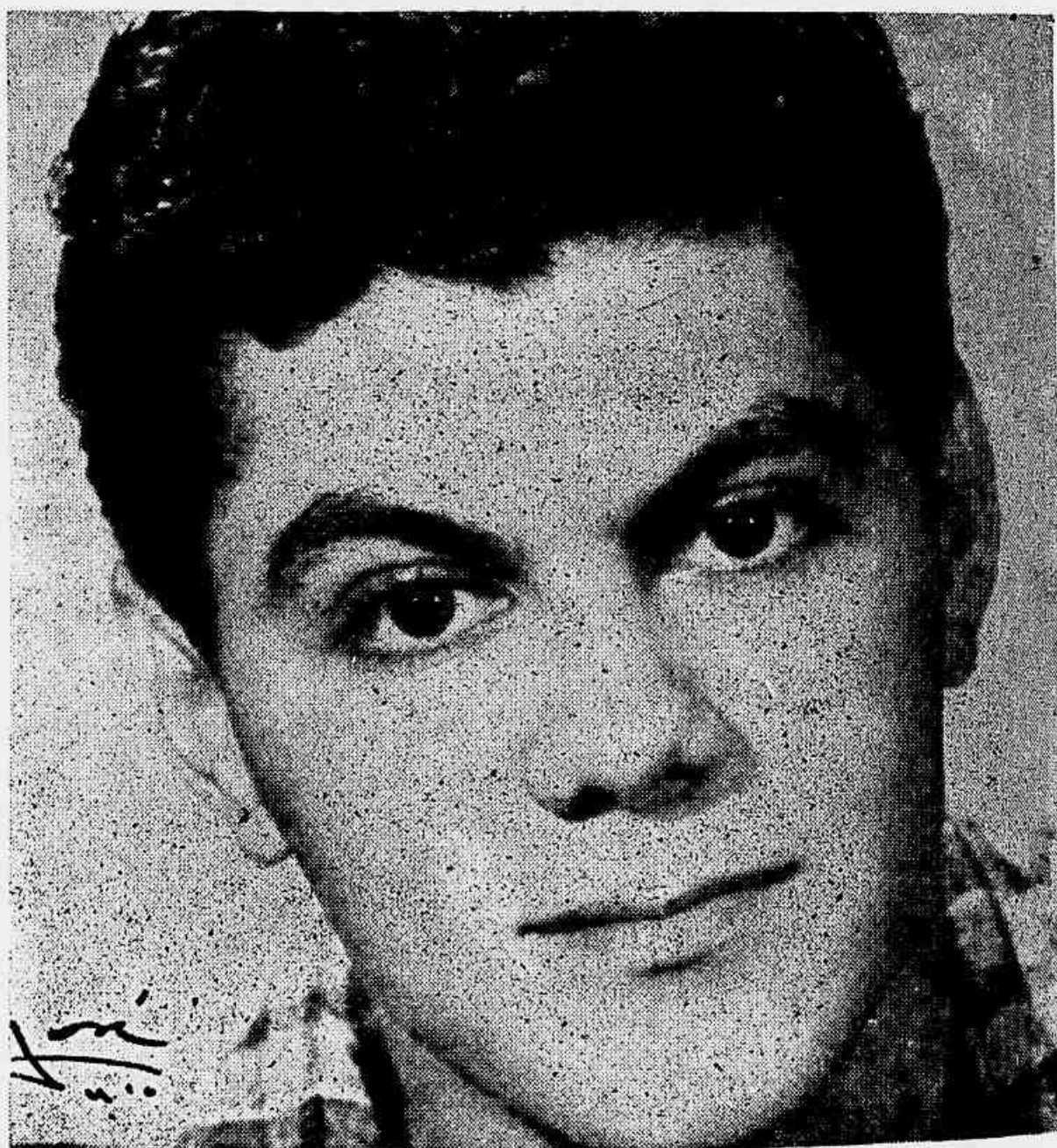
VICTOR JOSÉ LIMA, crítico cinematográfico da Rádio Mayrink Veiga e radiofonizador de vários filmes de sucesso, é uma figura bastante conhecida dos ouvintes de programas cinematográficos. Nascido aos vinte e dois de outubro de 1920, no Rio de Janeiro, fez o curso primário na Escola Nilo Peçanha, indo depois estudar no Ginásio São Bento. Daí transferiu-se para o Instituto Lafayette, afim de concluir o curso de humanidades. Com treze anos de idade conquistou o primeiro lugar no Concurso do Selo Postal da Criança Brasileira, promovido por um dos jornais cariocas. Secretariou "Cine-Rádio-Jornal", escrevendo sensacionais reportagens. Escreveu e ilustrou vários contos para o suplemento do "O Jornal" e, agora, publicou "Inglês Básico e Prático". Adaptou para o cinema uma peça de Berliet Junior intitulada "Tragédia de um homem feio", a ser rodada brevemente pela Brasil Vita Filmes. Torcedor do Fluminense, Victor José Lima, que substituiu Celestino Silveira na PRA-9, encontra-se, no momento, nos Estados Unidos, contratado pelo governo norte-americano. Nesse país, está ele fazendo um completo estudo sobre as atividades radiofônicas, uma vez que se acha empenhado em aprimorar seus conhecimentos nesse setor. E, nas horas de folga, trabalha em novos originais para o microfone, a maioria dos quais será apresentada pela Rádio Mayrink Veiga. Sua distração favorita é o cinema, embora não tenha predileção por "astros" ou "estrelas". Também se dedica à leitura, gostando de novelas policiais.



A música de classe encontrou em Nazira Mansur uma das suas mais completas representantes, levando-se em conta seu excelente material de voz. Sendo descendente de sírios, nasceu a dezesete de julho na cidade de Florianópolis, onde iniciou seus primeiros passos na arte, revelando-se uma promissora intérprete de músicas de classe. Tanto assim que, em 1940, obteve uma bolsa de estudos para tirar o curso no "Conservatório Brasileiro de Música", bolsa essa concedida por intermédio do então interventor de Santa Catarina e hoje vice-presidente da República, Sr. Nereu Ramos. Ingressou no Conservatório no curso da professora Roxy King Shaw, tirando todo o curso com distinção. No ano de 1942 foi apresentada num concerto pelo "Centro Musical Roxy King", sendo muito bem sucedida. Nesse mesmo ano apresentou-se ao microfone da Rádio Club do Brasil, depois de atuar durante algum tempo na "Jornal do Brasil". Terminando o contrato com essa emissora, recebeu vantajosa proposta da Cruzeiro do Sul, aí passando a cantar. No mês de agosto do corrente ano, embarcou para Santa Catarina, percorrendo suas cidades principais e realizando recitais de canto. Visitou o Paraná, e só em Curitiba deu sete concertos. Regressando ao Rio, Nazira Mansur retornou à Cruzeiro do Sul, onde canta às terças e sextas-feiras, às dezenove horas. Pesa cinquenta e oito quilos, tem um metro e 56 de altura, possui cabelos e olhos castanhos, tez clara e gosta da leitura, principalmente dos livros sobre a vida de mulheres célebres. É solteirinha da Silva.



A atuação de Tina Vita no rádio vem de longe. Começou cantando ao microfone da Rádio Club do Brasil, onde interpretava canções e trechos de operetas. Depois esteve alguns anos afastada do microfone. Mas, em 1938, Mafra Filho, que, nessa época, juntamente com Sady Cabral dirigia o rádio-teatro policial do Programa Casé, na Mayrink Veiga, convidou-a a tomar parte nos espetáculos de teatro-cégo. Tina Vita atendeu ao convite, abandonando o canto. Seu ingresso no rádio foi o resultado de uma irresistível vocação artística, pois, além de rádio-atriz, ela foi bailarina, chegando a ser a primeira do elenco dirigido por Maria Olenewa, em 1927, quando foi criada a Escola de Dança no Teatro Municipal. Mais tarde foi concertista, merecendo as mais calorosas críticas, inclusive a do velho musicista Oscar Guanabara que disse: "...nesse andar, dentro de muito pouco tempo teremos na senhorinha Tina Vita, uma segunda Magdalena Gray". Nascida em São Paulo, a atual exclusiva da PRE-3 viveu o momento mais emocionante de sua carreira, quando interpretou no teatro a tragédia "La Flacola sotto il moggio", de Gabriel D'Annunzio, ao ser ovacionada freneticamente pelo numeroso público que enchia o Municipal. E quanto a sua predileção por artistas de teatro, esta recai em Dulcina, Olga Navarro, Delorges, Procópio, Sady Cabral, Jaime Costa, Teixeira Pinto e Rodolfo Maier. No cinema prefere Bette Davis, Greer Garson, Charles Boyer e Paul Muni. Atualmente Tina Vita está interpretando um papel completamente diferente de tudo quanto já fez na novela "Divina Pecedora", de Jesy Barbosa. Ela faz a Maria Madalena.



O locutor Nevio Macedo nasceu na praça do Alto do Bronze, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, a dezesseis de fevereiro de 1926. Com um metro e setenta de altura e pesando setenta e cinco quilos, ele veio para o Rio, ingressando casualmente na Rádio Globo. Não permaneceu aí por muito tempo, em virtude de ter logrado melhor proposta da Tupi. Agora está na Guanabara, segundo suas palavras, está passando por operações plásticas, e não é de espantar que ela ainda chegue a ser uma "Gilda" do ar... Nevio já exerceu funções jornalísticas na qualidade de reporter do "Radical" e do "Diário da Noite", além de estudar advocacia. No cinema ainda não trabalhou mas há muito lhe vem dando sua colaboração. Durante um ano gravou "O esporte em marcha" e "A marcha da vida". Com a ida de Luis Jatobá para os Estados Unidos, ficou narrando os jornais da Cinédia. E atualmente é o novo narrador de "Aviação Filme". Apreciando todos os colegas de microfone tem, portanto, predileção pelos programas comandados por Cesar Ladeira, Carlos Frias, Gagliano Neto e Celestino Silveira, pelas locutoras Maria Helena e Lucia Helena. Alda Garrido, Maria Sampaio, Bibi Ferreira, Jaime Costa e Palmerim Silva são seus artistas preferidos na ribalta. Nevio Macedo Mattioli é o seu nome completo. Torce pelo Vasco, é capaz de comer em casa duas galinhas assadas de uma só vez, tem no azul a cor preferida e é exímio nadador. No tocante a escritores, gosta de Erico Veríssimo, Monteiro Lobato, Castro Alves e Augusto Frederico Schmidt. Amigo de todos, destaca-se entre os valores novos que o nosso rádio possui.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

DULCINA, GRANDE ATRIZ DE LINGUA ESPANHOLA

O sensacional êxito de "Chuva" em
Buenos Aires

O que acaba de se verificar com relação à carreira artística de Dulcina de Moraes representa um fato inteiramente inédito na história do nosso teatro. Tendo a ilustre atriz brasileira resolvido levar à cena o drama "Chuva", que os autores norte-americanos John Colton e Clemence Randolph habilmente escreveram, com base no conto de igual título de W. Somerset Maugham, um empresário argentino, de passagem pelo Brasil, entusiasmou-se de tal modo com o espetáculo, que resolveu repeti-lo em Buenos Aires com a mesma artista no papel central, o de Sddie Thompson, aliás magistralmente vivido no nosso palco. Feita a proposta, Dulcina de Moraes não hesitou. Filha de cubana, — pois sua mãe a atriz Conchita de Marais, é compatriota de Martí e de Nicolau Guillen, — tendo estudado o espanhol e já visitado várias vezes a Argentina, inclusive em excursão profissional, ao lado de Leopoldo Fróes, representar em espanhol não era, para ela, uma prova difícil. Como, entretanto, o povo de Buenos Aires a receberia à frente de um elenco de língua espanhola? Em Buenos Aires, está hoje constituído o melhor reduto do teatro em língua espanhola do mundo, com atrizes como Lola Membrives, Margarita Xirgu, Antonia Herrero, Catalina Bárcena, etc., e atores como Miguel Faust Rocha, Pedro Lopez Lagar, Luis Arata, Ernesto Vilches, etc. Era, portanto, num meio ilustre que Dulcina de Moraes ia se submeter à concorrência e ao confronto. Sua estréia, entretanto, foi felicíssima e redundou num magnífico triunfo pessoal. Triunfo exaltado por toda a crítica, que a proclamou uma atriz de exceção, uma grande figura do teatro em língua espanhola. "La Prensa", um dos jornais que lideram a imprensa argentina, escreveu a respeito de Dulcina o seguinte:

"A célebre atriz, a quem conhecemos anos atrás, como



Dulcina de Moraes, a ilustre atriz brasileira, que conquistou em Buenos Aires mais um brilhante triunfo.



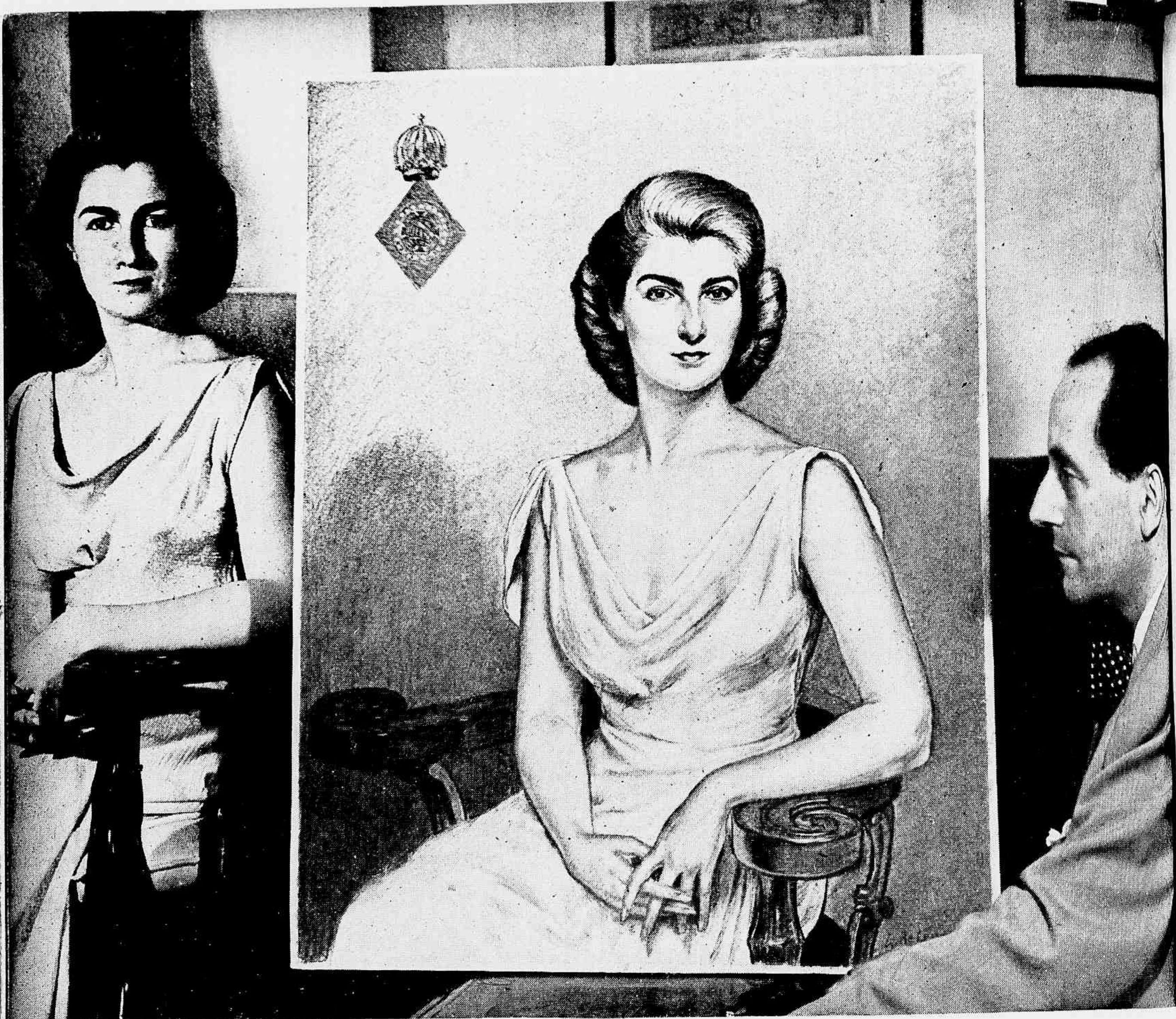
primeira figura da Companhia Leopoldo Fróes, foi alvo, ao entrar em cena, de uma ovação prolongada e verdadeiramente cordial. Sua arte amadureceu, com os anos, e volta como uma atriz de verdadeira categoria, mostrando temperamento, fibra, capacidade para a explosão dramática, como pôs em evidência nas três cenas fundamentais do segundo ato e, ainda, maleabilidade singular, para passar de um estado de ânimo a outro, com riqueza de matizes, nos detalhes; ação natural e livre: dição clara e expressiva, que não foi desmerecida pelo leve sotaque de seu idioma natal, completando sua personalidade de "comediante".

"La Nación" também se manifestou entusiasticamente, como, de resto, todos os jornais, acentuando:

"Dulcina de Moraes, atriz de prestígio, no Brasil, demonstrou, ontem, ao apresentar-se no Teatro Astral, com uma interpretação em castelhano, que também pode ocupar um lugar de exceção em nossa cena. O trabalho interpretativo de Dulcina foi rico e variado em todas as suas facetas, pois, a atriz brasileira encarnou Sadie Thompson com expressão de grande vivacidade. Caracterizou, exteriormente, a figura, com linhas ondulantes, colorido — e foi detalhando-a, com sutileza, ao definir seu espírito. O que surgiu, ampla e firmemente, desse trabalho, é que Dulcina pertence à categoria de artistas dramáticos que sabem compor e manter uma personagem, por um estudo minucioso, reconstruído, logo, passo a passo, no palco. Cabe assinalar, ainda, que Dulcina Moraes é uma diretora com experiência, pois, apresentou uma viva representação da obra, dentro dos cenários de Saulo Benavente. Por essa dupla tarefa, realizada com muita felicidade, a inteligente atriz foi efusivamente aplaudida".

Registrando o significativo êxito de Dulcina de Moraes em Buenos Aires, felicitamos o teatro brasileiro por essa vitória conquistada em terra estrangeira por um dos seus elementos mais representativos.

Dulcina de Moraes, no papel central de "Chuva", o de Sddie Thompson, tão vibrantemente interpretado pelo seu talento dramático.



D. Thereza de Orléans e Bragança, o pintor Gaetano de Gennaro e o retrato, que consta da exposição inaugurada no Copacabana Palace Hotel.

O RENASCIMENTO DO PASTEL

Elogiada pela critica e pelo público a brilhante exposição de Gaetano de Gennaro

O artista italiano Gaetano Gennaro inaugurou recentemente no Copacabana Palace Hotel uma significativa e brilhante exposição de arte, que mereceu os mais calorosos elogios dos nossos críticos de pintura. Entre outros Celso Kelly, n' "A Noite", dedicou-lhe um artigo altamente elogioso, no qual declarou ver "nesse amadurecido e conciente pintor italiano uma das mais belas expressões da arte atual, confirmando as tradições de excelência da pintura italiana".

Nascido em Nápoles, o pintor italiano, ora radicado no Brasil, onde aportou há alguns meses, herdou seu belo talento tanto da linha paterna como da linha materna de sua família. Seu avô paterno fora um desenhista e gravador de notas do Tesouro Real da Itália. Seu tio materno

foi Luigi Barone, cujo magnífico painel decorativo na estação ferroviária de Nápoles sempre foi muito admirado pelos turistas. Tendo seus pais morrido cedo, Gaetano de Gennaro, muito jovem foi viver em Grenoble, na Suíça, com amigos fiéis do casal. Ali iniciou seus estudos de humanidades ao mesmo tempo que passava as noites trabalhando com o escultor Urbain Basset. Aos quinze anos dirigiu-se a Nice, onde durante quatro anos, estudou com o renomado professor Messa, no colégio de Arte Decorativa, só então voltando à Itália, ainda assim, por pouco tempo. Espírito inquieto, Paris foi o seu novo destino. Na capital francesa, Gaetano de Gennaro encontrou um amigo e mestre em Albert Bernard, que foi a única influência que se fez sentir mais ou menos prolongadamente sobre

sua mentalidade independente. Trabalhador prodigioso, Gaetano de Gennaro tem uma espécie de permanente instinto turístico, um desejo de ver sempre novas terras e novas gentes. Conquistou êxito significativos em muitos países. — Itália França, Suíça, Inglaterra e Irlanda, — antes de vir ao Brasil. Dotado de excepcional energia, absorvido por cada um dos detalhes de sua arte, chegou até mesmo a fabricar ele próprio os pastéis com que trabalha, afim de obter com maior exatidão as cores desejadas. Há quinze anos atrás, fazia sensação em Paris, expondo no Salon des Indépendants. Nessa ocasião, "Le Martin" destacava sua presença entre os expositores, nestes termos: "Este ano, tivemos uma bela surpresa, ao testemunharmos o renascimento do pastel, revelado pelos so-

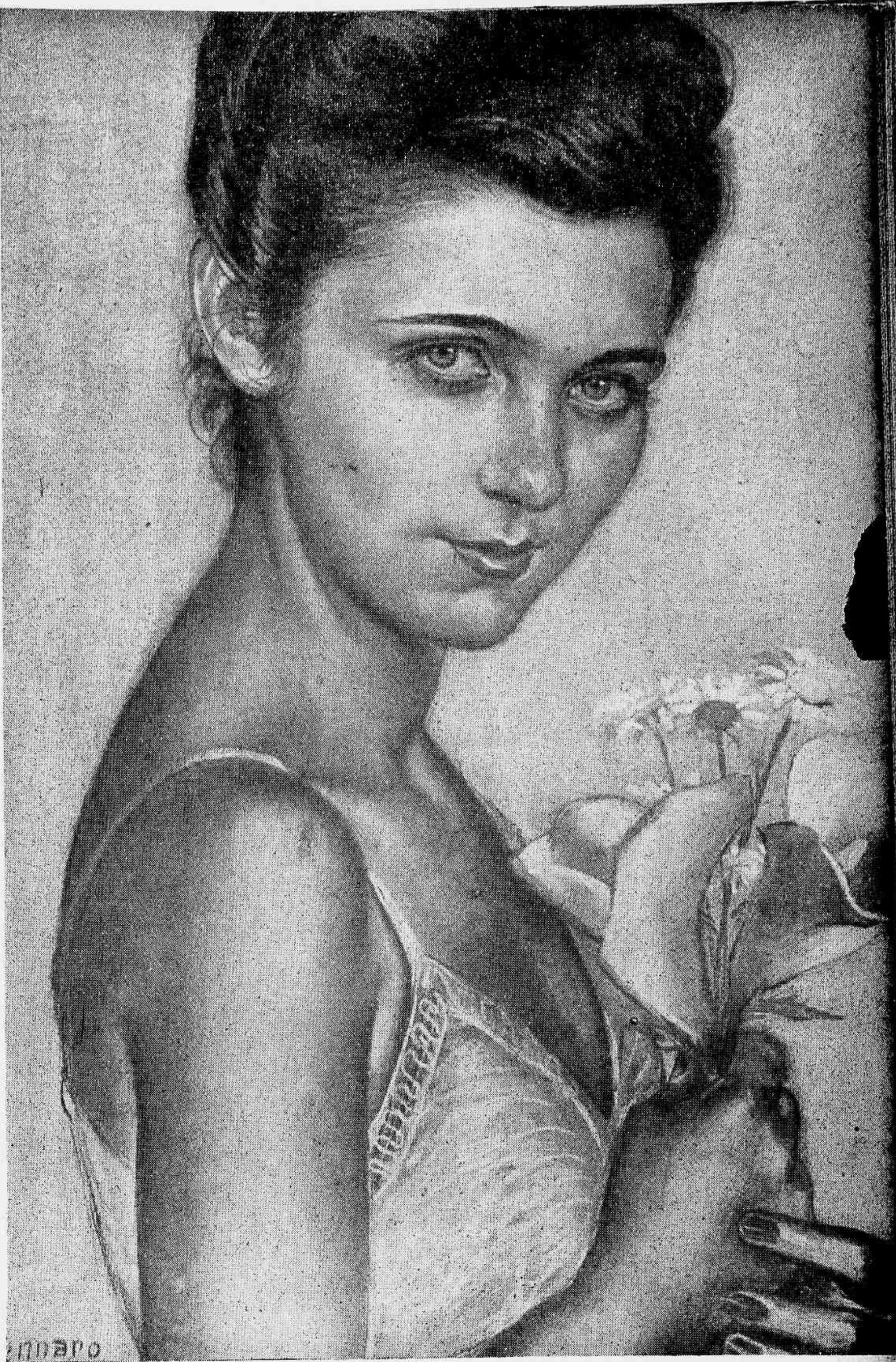
Retrato de uma moça da Bahia — pastel de Gaetano de Gennaro.

berbos retratos desse pintor de reputação firmada Gaetano de Gennaro, trabalhos que são incontestavelmente o que há de melhor no Salão".

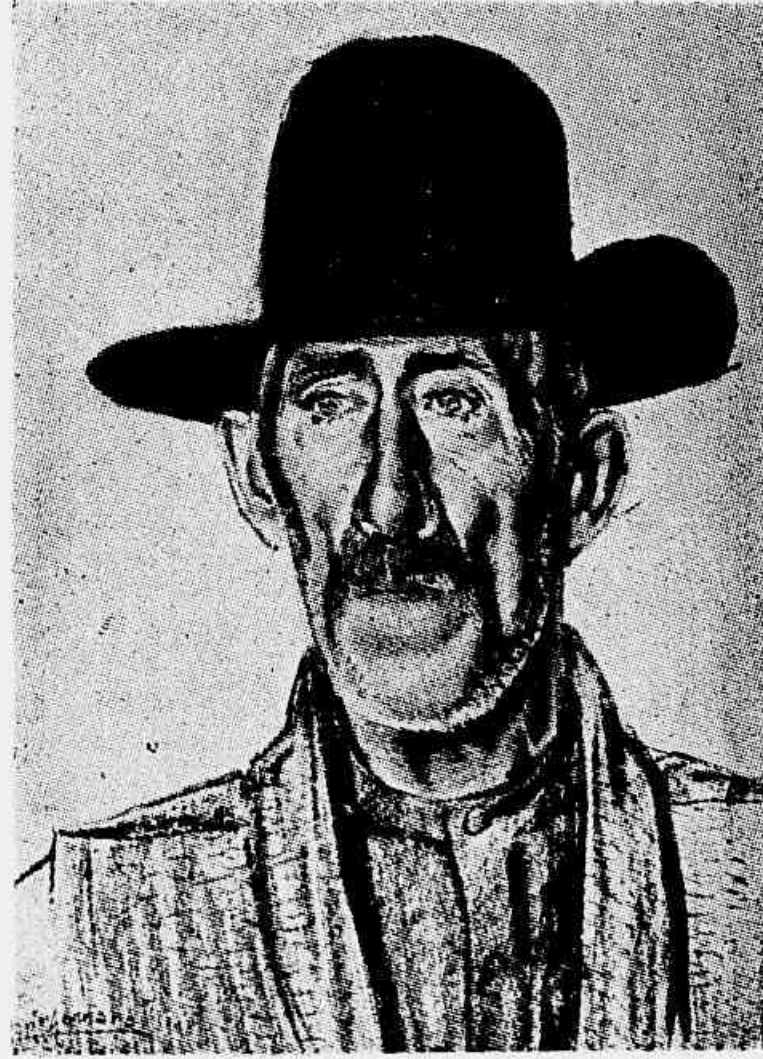
O pastel é um dos mais novos processos de arte e os mestres italianos e franceses o consideram o mais perfeito, porque é composto quase inteiramente de pigmentos em pó, ao qual um pouco de goma é adicionado, apenas para tornar esse pó compacto. Tratado com vapor de formalina e colocado entre duas lâminas de vidro, torna-se praticamente inalterável e representa, desse modo o mais durável de todos os meios. Provas conclusivas podem ser encontradas na comparação de quadros a pastel com quadros a óleo do mesmo período no Museu do Louvre. Ali estão os pastéis de La Tour e de Perroneau, executados no século XVIII, e ainda hoje conservando todo o brilho. Não é necessário gastar palavras para provar isso: o óleo, com o tempo, fica ressecado, escurece ou amarelece, ao passo que o pastel guarda todo o brilho fresco e colorido. Mas, para trabalhar a pastel, é necessário muito maior maestria. Gaetano de Gennaro, que reabilitou o pastel, que é responsável pelo renascimento e prestígio desse gênero de arte, faz também esculturas e pinta a óleo, mas a sua verdadeira fama internacional foi conquistada como pastelista.

Um dos seus trabalhos famosos, executados na Inglaterra, foi o retrato da embaixatriz Regis de Oliveira, citado por Kees Van Hock, no seu livro, publicado em inglês, em Dublin, sob o título de "Gaetano de Gennaro — Pastels and Paintings". Na sua exposição do Copacabana Palace Hotel pode-se admirar bem a pujança do seu talento. Ali se destacam os retratos de D. Thereza de Orleans e Bragança, da Sra. Gabriela Besanzoni Lage, da Sra. Henrique Pongetti, do jornalista Frederico Barata, do pintor Manuel Santiago e de outras figuras dos nossos círculos sociais, intelectuais e artísticos.

Durante os dias em que esteve aberta no Copacabana Palace Hotel, a exposição de Gaetano de Gennaro foi visitada por centenas de figuras de destaque da nossa alta sociedade, dos círculos diplomáticos e dos meios artísticos e culturais brasileiros, sendo os visitantes pródigos em louvores aos excelentes trabalhos do artista italiano. A segurança do desenho, a propriedade do colorido, o volume e expressão de cada um dos vários retratos que figuraram nessa brilhante mostra de arte deram bem uma idéia da formação artística e do incontestável talento do expositor. Gaetano de Gennaro sabe ser moderno, sem ser excêntrico, tirando do seu meio favorito de expressão artística, os mais variados e surpreendentes efeitos. É um verdadeiro mestre na técnica difícilíssima do pastel, bem mais exigente do que a técnica do óleo, reclamando uma habilidade manual bem maior, uma perícia extrema, uma sutileza e uma minúcia levadas ao grau de mais extremo rigor. Não houve exagero, por isso mesmo, quando a respeito desse artista se falou no "renascimento do pastel".



Da esquerda para a direita: Retrato da Senhora Gabriela Besanzoni Lage, por Gaetano de Gennaro. Moça irlandesa — Pastel de Gaetano de Gennaro, pintado em 1944, no Eire. Pescador da Irlanda — Pintado por G. de Gennaro em 1943, em Inishere.



O HOMEM DA CABEÇA DE PAPELÃO

Conto de JOÃO DO RIO
Ilustração de CASTELO BRANCO

NO País que chamavam do Sol, apesar de chover, às vezes, semanas inteiras, vivia um homem de nome Antenor. Não era príncipe. Nem deputado. Nem rico. Nem jornalista. Absolutamente sem importância social.

O País do Sol, como em geral todos os países lendários, era o mais comum, o menos surpreendente em idéias e práticas. Os habitantes afluíam todos para a capital, composta de praças, ruas, jardins e avenidas, e tomavam todos os lugares e todas as possibilidades da vida dos que, por ventura, eram da capital. De modo que estes eram mendigos e parasitas, únicos meios de vida sem concorrência, isso mesmo com muitas restrições quanto ao parasitismo. Os prédios da capital, no centro elevavam aos ares alguns andares e a fortuna dos proprietários, nos subúrbios não passavam de um andar sem que por isso não enriquecessem os proprietários também. Havia milhares de automóveis à disparada pelas artérias matando gente para matar o tempo, "cabarets" fatigados, jornais, tramways, partidos nacionalistas, ausência de conservadores, a Bolsa, o Governo, a Moda, e um aborrecimento integral. Enfim tudo quanto a cidade de fantasia pode almejar para ser igual a uma grande cidade com pretensões da América. E o povo que a habitava julgava-se, além de inteligente, possuidor de imenso bom senso. Bom senso! Se não fosse a capital do País do Sol, a cidade seria a capital do Bom Senso!

Precisamente por isso, Antenor, apesar de não ter importância alguma, era exceção mal vista. Esse rapaz, filho de boa família (tão boa que até tinha sentimentos), agira sempre em desacordo com a norma dos seus concidadãos.

Desde menino, a sua respeitável progenitora descobriu-lhe um defeito horrível: Antenor só dizia a verdade. Não a sua verdade, a verdade útil, mas a verdade verdadeira. Alarmada, a digna senhora pensou em tomar providências. Foi-lhe impossível. Antenor era diverso no modo de comer, na maneira de vestir, no jeito de andar, na expressão com que se dirigia aos outros. Enquanto usara calções, os amigos da família consideravam-no um "enfant terrible", porque no País do Sol todos falavam francês com convicção, mesmo falando mal. Rapaz, entretanto, Antenor tornou-se alarmante. Entre outras coisas, Antenor pensava livremente por conta própria. Assim, a família via chegar Antenor como a própria revolução; os mestres indignavam-se porque ele aprendia ao contrário do que ensinavam; os amigos odiavam-no; os transeuntes, vendo-o passar, sorriam.

Uma só coisa descobriu a mãe de Antenor para não ser forçada a mandá-lo embora: Antenor nada do que fazia, fazia por mal. Ao contrário. Era escandalosamente, incompreensivelmente bom. Aliás, só para ela, para os olhos maternos. Porque quando Antenor resolveu arranjar trabalho para os mendigos e corria à bengala os parasitas na rua, ficou provado que Antenor era apenas doido furioso. Não só para as vítimas da sua bondade como para a esclarecida inteligência dos delegados de polícia a quem teve de explicar a sua caridade.

Com o fim de convencer Antenor de que devia seguir as tramites legais de um jovem solar, isto é: ser bacharel e depois empregado público nacionalista, deixando à atividade da canalha estrangeira o resto — os interesses congregados da família em nome dos princípios organizaram vários "meetings" como aqueles que se fazem na inexistente democracia americana para provar que a chave abre portas e a faca serve para cortar o que é nosso para nós e o que é dos outros também para nós. Antenor, diante da evidência, negou-se.

— Ouça! bradava o tio. Bacharel é o princípio de tudo. Não estude. Pouco importa! Mas seja bacharel! Bacharel você tem tudo nas mãos. Ao lado de um político-chefe, sabendo lisongear, é a ascensão: deputado, ministro.

— Mas não quero ser nada disso.

— Então quer ser vagabundo?

— Quero trabalhar.

— Vem dar na mesma coisa. Vagabundo é um sujeito a quem faltam três coisas: dinheiro, prestígio e posição. Desde que você não as tem, mesmo trabalhando — é vagabundo.

— Eu não acho.

— E' pior. E' um tipo sem bom senso. E' "bolshéviki". Depois, trabalhar para os outros é uma ilusão. Você está inteiramente doido.

(Conclui no próximo número)

Antologia Brasileira do Conto

Paulo Barreto (João do Rio) foi, incontestavelmente, um mestre do conto. "O homem da cabeça de papelão", "O bebê de tariatana rosa", "Dentro da noite", "Maria Madalena", "O anel de Polícrates", etc., são contos na verdade exemplares, pela forma e pelo fundo. Entretanto, o autor de "A mulher e o espelho" e de "Rosário da Ilusão" jamais escreveu conto de tanta força como essa obra prima de sátira que é "O homem da cabeça de papelão", história de um homem do País do Sol, que bem pode ser o Brasil, e que se chamava Antenor, mas podia ter tido uma porção de outros nomes...

EMILIA NO PAÍS DO TANGO

Sem fundamento a notícia sobre o regresso de Monteiro Lobato — "Depois de visitar o Perú e o México, voltarei à Pátria amada", comunica-nos o grande escritor — O pessoalzinho do Picapau Amarelo vai afundar na éra de Atahualpa — Lobato vai "Silvajardinar" no México... — Como as crianças argentinas encaram a literatura infantil do ilustre escritor brasileiro.

Por NELSON VAINER

Especial para REVISTA DA SEMANA

UM vespertino paulista publicou recentemente uma notícia, segundo a qual Monteiro Lobato que há meses fixara residência em Buenos Aires, já estaria de volta a São Paulo. Acrescentou a missiva em questão que o ilustre escritor paulista já teria encarregado uma pessoa da família a alugar uma casa residencial.

Ora, a notícia da próxima volta desse transfuga é coisa sem fundamento. O que nos autoriza a desmentir-la, é uma carta que acabamos de receber do autor da "Urupês" que tão logo não regressará à Pátria.

Lobato, nestes dois ou três meses, vai locomover-se, sim, mas rumo ao Perú. Anda a ler Gargilco e Prescott, interessantíssimo em ambientar-se no país que a ele lhe parece o mais curioso da América, porque ainda boia no ar o cheiro do grande drama da destruição da civilização incasica, e ainda passam pelas ruas, ao lado dos descendente dos conquistadores, os mesmos aborígenes de outrora.

Depois de assimilar as vitaminas ambientes do Perú, Lobato escreverá o seu último livro, ao tipo dos "Trabalhos de Hércules": o pessoalzinho do Picapau Amarelo afunda na éra de Atahualpa e assiste, e toma parte no drama da conquista. Depois de concluir esse livro Lobato irá para o México. — "Vou mergulhar naquele belo vulcão que por lá apareceu" — escreve-nos o escritor da gargalhada demoníaca — "Vou silvajardinar". Depois farei o que "A Gazeta" disse: voltarei à pátria amada, ou vivo si o vulcão me poupar, ou em espírito, se me acontecer o mesmo que ao Silva Jardim".

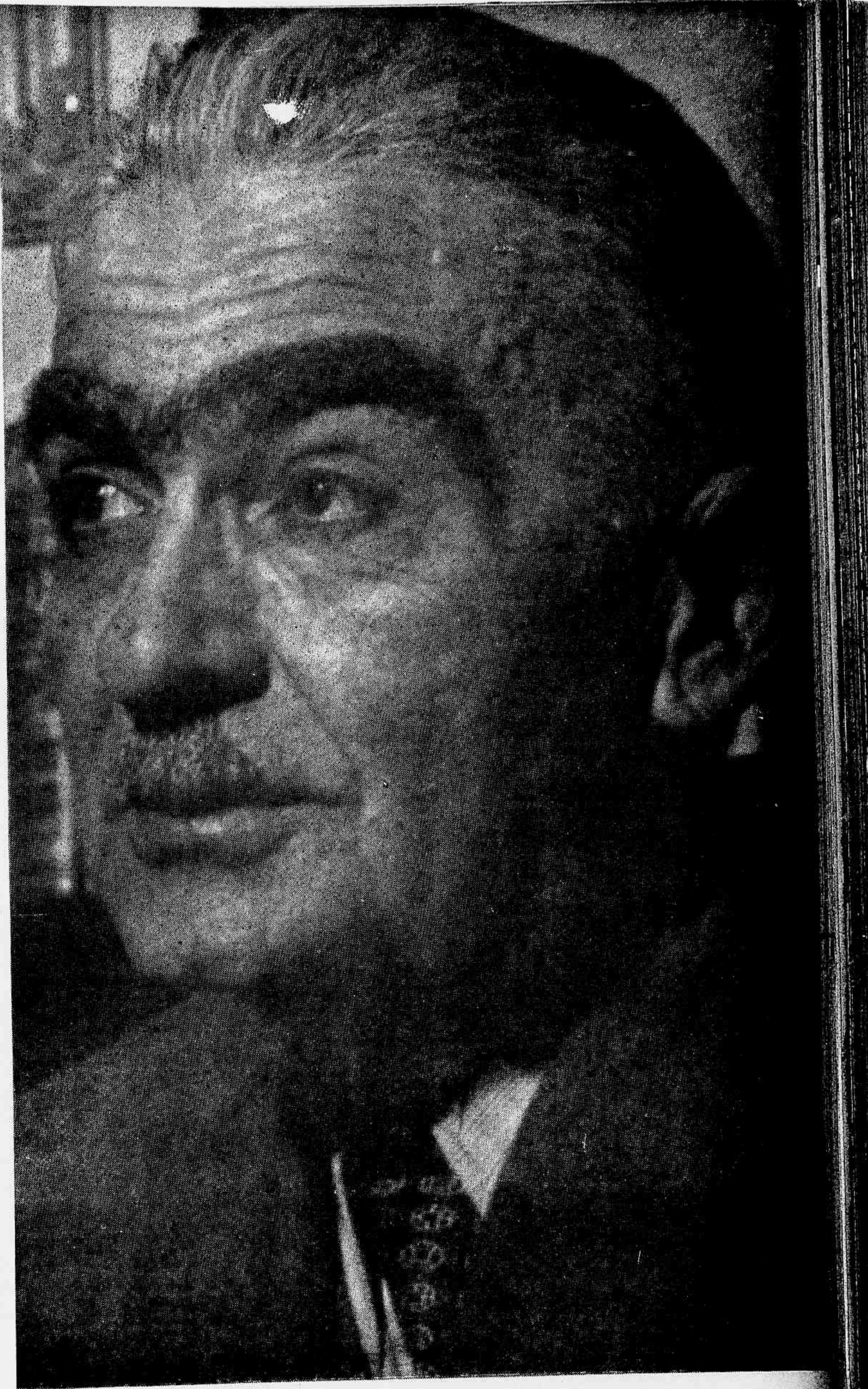
Até lá, Monteiro Lobato vai engordando e escrevendo na Capital portenha. A Editorial "ACTEON" acaba de lançar "Las 12 Hazañas de Hércules", enquanto outros livros de sua autoria estão sendo traduzidos, alguns já no prelo. As crianças argentinas, tal como todas as crianças de norte a sul do Brasil, veneram realmente aquele grande homem de letras. Para dar uma idéia sobre a popularidade do pai de Pedrinho e de Emilia vamos transcrever vários conceitos burilados por algumas alunas de uma escola de Tucuman, sobre os livros de Lobato, já vertidos para o castelhano.

Eis como a respeito se manifesta a menina Dora M. Felicio:

"Monteiro Lobato es el autor de nuestros libros, y hoy hemos terminado de leer otra de sus obras, EL MINOTAURO, para hacernos comprender mejor emplea unos personajes entretenidos. Escribe con palabras sencillas, y cuando lemos algum capitulo no nos aburrimos pues está escrito en forma de cuento. Yo he leído una biografía de Monteiro Lobato y me he enterado de que es brasileño, es un señor ya de edad, ya ha escrito muchas obras a las que me gustaria poseerlas".

Outra aluna Alice Susana Diepolder, escreve:

"Los libros de Monteiro Lobato são mui lindos y entretenidos. Son así porque se encuentran en sus páginas las entretenidas figuras de dona Benita, la gentil abuela



Monteiro Lobato, que vai ver o vulcão que surgiu no México...

que narra los cuentos a sus nietos Perucho y Naricita. También está el vizconde de la Mazorca — el "serviente" de Emilia, la muñeca-persera. Y está Rabcó, el cerdito, y Quindín el rinoceronte parlante. Todo esto es de un gran encanto, lo que no hace aburrido el libro".

Agora, a opinião da menina M. Mosterin:

"Al leer los libros de Monteiro Lobato siento un placer indescriptible. He leído ya: — "Travessura de Naricita", "Aventuras de Perucho", "Historia del mundo", "El Minotauro" y "Geografía de D. Benita".

Las aventuras de los personajes de estos libros son muy entretenidas ya hasta parecen reales. Me gusta mucho el estilo de este gran escritor, y anhelo poseer la biblioteca completa".

A aluna Hilda Mostoslavsky vai mais longe ainda, afirmando que:

"Todos los libros que hasta ahora he leído del autor

Monteiro Lobato me han impresionado mucho. Tanto el argumento como su modo de escribir.

Ne me aburren como otros libros, pues tienen personajes muy desembuellos, como dona Benita, la principal, Emilia, Perucho, Naricita, el Visconde — el sabio de la quinta, Rabcó, tia Anastacia con sus famosos bollitos.

En el libro titulado "El Minotauro" se imaginan un viaje a la Grecia de Pericles, y también van en busca de Anastacia, encontrando-la felizmente bien en las garras del minotauro.

En fin, en una sola palabra: los libros de Monteiro Lobato son privilegiados".

Eis, em suma, o prestígio que Monteiro Lobato e sua grande obra literária desfrutam no país do tango... E' só o que é nos dado saber através de uma correspondência apressada e de alguns recortes que uma educadora argentina teve a gentileza de remeter-nos.

—SENHOR Paranhos o senhor há de ser ministro — presagiu um dia a quem ao reconhecer em José Maria da Silva Paranhos moço, dotes e predições a conduzir o presagiado futuro dos mais auspiciosos.

Assim foi. De mérito provado em mérito provado, de brilho a brilho viu-se Paranhos ministro de Estado pela primeira vez em 1853 e logo no gabinete marcante da Cocção. Que estréia!

Depois de Paraná, organizadores de ministérios quais Abaeté Caxias laborai chamariam Paranhos a elega a servir várias pastas o valorizado cargo de ministro valendo a pena de ser alcançado.

Fôra do governo, Paranhos era incumbido de missões importantes sobretudo missões diplomáticas quando se tratava de afirmar o prestígio ou advogar altos interesses do Brasil neste ou no continente sul-americano.

Em 1871 tocava a Paranhos organizar ministério fazer o que bastante vira fazer. Deixara então governo o gabinete S. Vicente legando ao sucessor o encargo de segundo grande passo para a extinção de segundo grande passo para a extinção-meio passo grande à questão, servil ao reprimir o tráfico negreiro, praticado por todas as nações do mundo, mesmo as mais arianas.

De ora em diante tratemos Paranhos pelo seu título de visconde concedido em 1870 pouco antes pois de ser convidado a presidente do conselho de ministros.

A folha corrida de Rio Branco em 1871, era esmaltada por valiosos assentamentos a bem da causa nacional. Como Rio Branco tinha um todo até físico, de estadista inglês não existe crime maior em dizer-lo apesar do absurdo lugar comum **the right man in the right place**, ao haver **right place**.

Em 1871 a questão do elemento servil anunciava-se campo de batalha parlamen-

tar para ela não se reconhecendo S. Vicente detentor do governo, qualidades de general em chefe.

Rio Branco além do mais de antigos postos na carreira das armas sucedeu a S. Viven e autor de projetos emancipantes mercedores do aplauso pouco velado do Imperador desejo de retirar da sua pátria a mancha negra que outros países já haviam tirado de si.

Os dias de organização ministerial eram de ardor e de expectativas, os políticos mais em evidência às voltas de pergunta íntima: serei ministro?

Dias das fornos, amigos às carradas. Teófilo Rio Branco chamado a S. Cristóvão e de regresso distribuidor de pastas.

A 5 de março de 1871 Rio Branco organizava por inteiro e logo o seu ministério que entretanto passara à História do Brasil com o nome de ministério 7 de março. Assim o disse Pereira da Silva, tantas vezes taxado de inexacto por inexactos assim o confirmou Manoel Francisco Correia em esclarecimentos de história política lidos em 1897 em sessão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Membro do ministério Rio Branco afirmou Correia com autoridade. Não cuvira dizer, sobera de perto.

O ministério ficou organizado a 5 de março. Reuniram-se os ministros escolhidos, à noite em casa de Rio Branco residente à rua então do Costa hoje Visconde do Rio Branco.

Presentes à reunião o senador Sayão Lobato e os deputados João Alfredo Correia, Duarte de Azevedo e Theodoro Machado, convidados para ministros da Justiça do Império dos Estrangeiros, da Marinha e da Agricultura lavram-se os decretos de suas nomeações reservando-se Rio Branco à pasta da Fazenda e ficando interinamente com a da Guerra só em maio entregue ao senador Jaguaribe.

O 5 de agosto tal não seria. No mo-

EM 1871 - EM 1888

ESCRAGNOLE DORIA

mento chegou à capital do Império a nova da morte em Viena da princesa D. Leopoldina, duquesa de Saxe e segunda filha de D. Pedro II.

A notícia seria transmitida à cidade carioca e depois ao Brasil pelos jornais de 6 de março. Contudo, no dia 6 a lutuosa informação só apareceu no "Diário do Rio de Janeiro".

Correia retirava-se antecipadamente da reunião em casa de Rio Branco dirigindo-se à sua própria residência na rua de Santa Cristina na Glória, onde também morava Ferreira Viana.

Este, redator chefe do "Diário", estava à janela de sua casa ao passar por ela o deputado Correia. Ousou ser e foi informado do ocorrido, na reunião ministerial.

Daí no dia seguinte, 6 de março, só o "Diário" dava notícia de primeira mão, o que depois em linguagem jornalística se chamaria o "furo", do qual Correia fora promotor inocente dizendo o que julgava notícia de breve e geral difusão.

Logo ao ler o "Diário", na manhã de 6 de março, Correia largou o jornal para escrever a Rio Branco, expondo-lhe o que se passara referindo-lhe ter sido ele Correia o informante de Ferreira Viana e portanto do "Diário do Rio de Janeiro".

Em sinal de respeito ao luto da Família Imperial, o 5 de agosto passou a ser oficialmente e para todo o sempre o 7 de março, em maio apresentado pelo seu organizador à Câmara e ao Senado.

Nos dois ramos legislativos as apresentações de gabinete sobretudo na Câmara, eram dias solenes de apinhar recinto, tribunas e galerias, naquelas as câmaras de simpatia ao ministro... mais bonito. No caso, Rio Branco podia obter votos femininos pela distinção do físico, concorrendo com a fidelidade de maneiras, com a elegância do porte, reacçada por fôrda de ministro ao brilho de condecorações.

Machado de Assis cronista lembrou as apresentações ministeriais na Câmara dos Deputados e as de menos sensação no Senado onde o presidente do conselho, mormente senador o caso de Rio Branco, não raro ia sózinho explicar a colegas vitalícios a formação do gabinete por ele chefiado.

"Oh! as minhas belas apresentações de ministérios! Era um regaio vê a Câmara cheia, agitada, febril esperando o novo gabinete. De repente levantava-se um sussurro todos os olhos voltavam-se para a porta central, aparecia o ministério com o chefe à frente, cumprimentos à direita e à esquerda". São linhas de uma crônica de Machado de Assis remontando ao passado em 1892.

Quanto se reproduziu a cena na Câmara do Império! Quanto presidente do conselho assomou pela porta central da Câmara para apresentar gabinete! Corra-se a lista dos ministérios sobretudo do Segundo Reinado em diante.

A Fala do Trono de abertura à Assembléia Geral em 1871 era anúncio do que logo de início sofreria o ministério Rio Branco, o ex-5 de agosto.

Cabe-lhe fazer frente à chamada "mais enérgica e inteligente oposição" dos nossos anais parlamentares, oposição levando parte de partido conservador na Câmara a combater um grande ministério conservador.

A oposição ao ministério, por motivo da libertação dos nascituros escravos, começou pelo emprego de argumentos "ad hominem". Incepava a minoria oposicionista Sayão Lobato João Alfredo e Correia por haverem apoiado o ministério laborai adverso à questão do elemento servil e até se recusando a tratar da questão do imperador acusado por seu abolicionismo de senhor dos limites constitucionais a ele impostos.

Na inepação de incoerência feita a

ministros do 7 de março cumpriria distinguir, mas não pedir distinções a adversários.

Ao transitar no parlamento o projeto emancipador do berço, D. Pedro II paria para a Europa, regente do Império a princesa Isabel.

O ministro do Império, o taciturno e enérgico João Alfredo, chamou a si o encargo de superintender a disciplina parlamentar da maioria.

A minoria de uma Câmara toda conservadora, dividida por uma questão, era chefiada maneirista e habilmente por Paulino de Souza na Câmara cindida cada qual tendo o seu modo de vêr as coisas pelo melhor.

A discussão tormentosa na Câmara do projeto que seria a lei do Ventre Livre pôs remate à excelência da oratória parlamentar de Rio Branco. Combatido com fúria respondia com serenidade e foi preciso afrontá-lo demais para que se dirigisse fulminante e desdenhosamente ao deputado Pinto Moreira em incidente célebre que fez quase a Câmara vir abaixo. Mas sóida do tempo colonial, resistiu.

Não admira que ao tornar da Câmara, Rio Branco chegado a casa e se atirasse, certa vez, fardado e de condecorações, sobre leito de repouso.

No dia da votação final do projeto, Presentes 96 deputados, votaram a favor 61, contra 35. Sómente a título histórico sejam mencionados os nomes dos 35 votantes e os das províncias que representavam.

Maranhão — Jansen do Paço; Pernambuco — Souza Reis e Augusto de Oliveira; Bahia — Taquez e Bonifácio de Abreu; Espírito Santo — Silva Nunes; Rio de Janeiro cujo 1º distrito o Côrte — Ferreira Viana e Duque Estrada Teixeira, propriamente mandatários da província Pinheiro de Souza, Belisário Almeida Pereira, Baependi, Andrade Figueira, Tocantins, Pereira da Silva; Minas — Diogo de Vasconcelos Perdigão Malheiro Cenedo Gama Cerqueira, Jerônimo Penido, José Camon, Silva Capanema, Barros Corbora, Cruz Machado Evarista, da Veiga; São Paulo — Antonio Prado Rodrigo Silva Costa Pinto Nebras; Alagoas — Caspelo Branco; Goiás — Melo e Mattos; Rio Grande do Sul — Simões Lopes, Azambuja Inocência Pederneiras.

Dos sessenta e um votantes da maioria destaquem-se apenas dois, Theodoro Machado, ministro da Agricultura e Paranhos Junior deputado por Mato Grosso defendendo uma raça no defender um pai.

A 28 de setembro de 1871 a lei do Ventre Livre era sancionada pela regente D. Isabel e referendada por Theodoro Machado.

Dezesseis anos passados. Estávamos em 1888, João Alfredo o lidador de 1871, presidente do conselho, vira-se em última discussão na Câmara o projeto destinado a Lei Aurea.

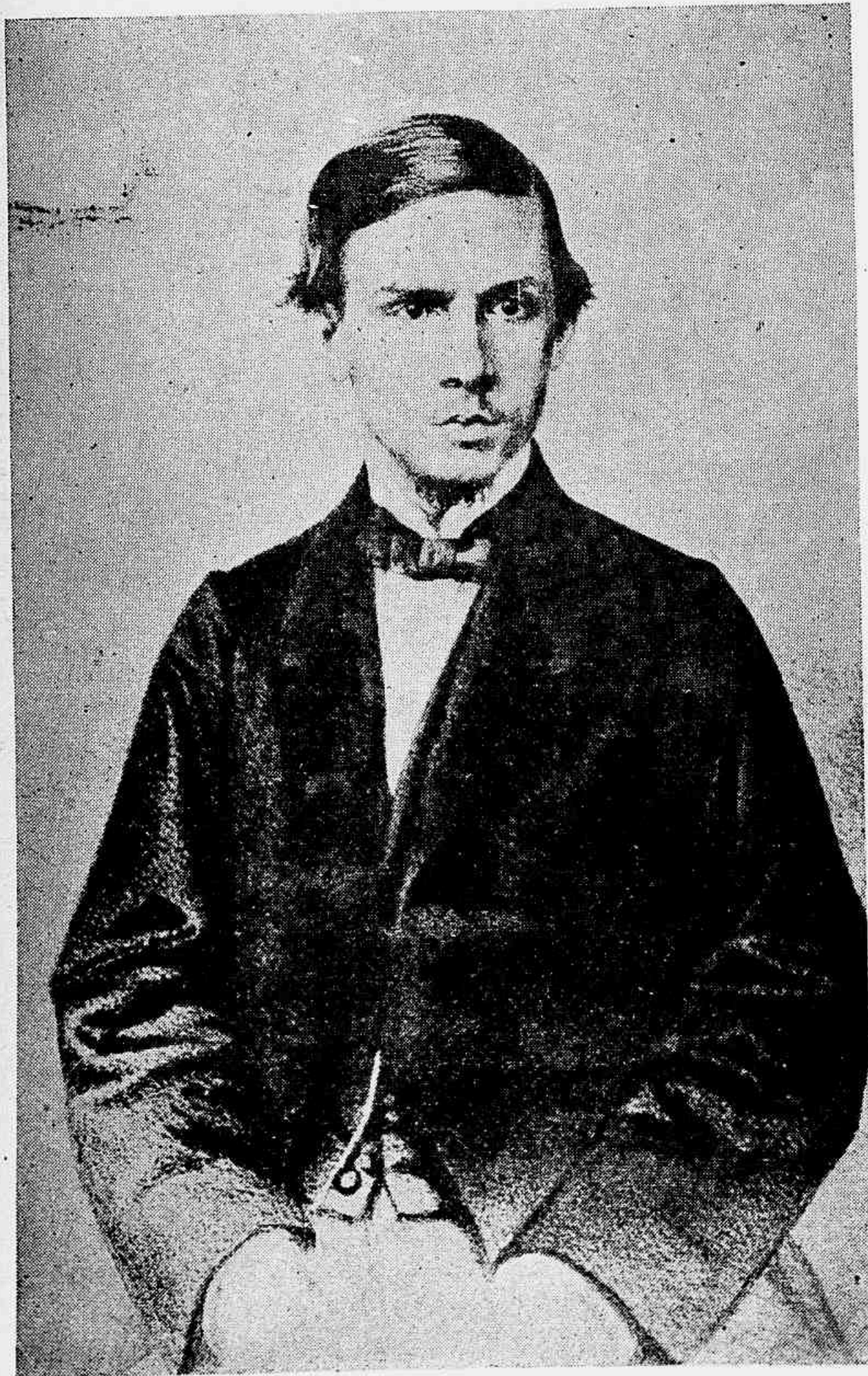
Opondo-se ao projeto nove deputados respondem não, ao responderem a chamada normal. Foram aqueles o barão de Araçagy, deputado por Pernambuco, e em boco fluminense os deputados Andrade Figueira, Buiões Carvalho, Bezamat, Soares de Souza Castrião, Lacerda Werneck, Cunha Leitão, Alfredo Chaves.

Na legislatura de 1888 ainda havia deputados de 1871: Andrade Figueira, Ferreira Viana, Gomes de Castro, Celso Rodrigues, Cicero Martins uns deles.

Dois deputados oposicionistas de 1871 eram ministros: Rodrigo Silva e Ferreira Viana ministros da Agricultura e da Justiça. O primeiro referendaria a Lei Aurea o segundo a registraria na secretaria da sua pasta.

E à moda forense, mais não diremos, nem nos seja perguntado.

João Alfredo Corrêa de Oliveira (Pernambuco 1835 — Rio de Janeiro 1919). O braço direito do Visconde do Rio Branco na libertação do braço escravo em 1871. Retrato da época



NARCISO

criação PHEBO



PERFUMARIAS PHEBO LTDA.



NO DIA DE SÃO NUNCA

A CABOU de fazer o pacote e fitou-o com doce orgulho:

— Isto é que se chama embalagem!

Estava mesmo uma perfeição, retangular, sólido, trançado de barbante. Daquele jeito poderia viajar até em cima de burro, por estradas desgraçadas do sertão, que a mercadoria chegaria intacta.

— Sou ou não sou um bamba no assunto? afirmou, perguntando, o terceiro caixeiro da "Casa Baiana", de Miguel Jafat & Filho (o filho só ia lá pra embolsar os cobres), indiretamente debicando do segundo caixeiro; e mais baixo, para o sírio não o ouvir: Só o patrão e o lambaio do patrão não me dão o valor que seu merecedente.

O gorducho segundo caixeiro fingiu que não entendera o "lambaio do patrão", mas respondeu com um muxôxo de desprezo:

— Que besteira! Não estou vendo nada pra tanta farromba. Eu fazia muitíssimo melhor.

Mas Anacleto nem se interessou pela opinião do outro. Apanhou o frasco de tinta e marcou o nome do destinatário:

Pereira, Bastos & Cia. Ltda. — Via S. Roque — Jequié.

— Até nas letras sou o bacana. Quem vai dizer que não?

Dessa vez o "segundo" teve de apoiá-lo. Mas achou de dar nota azeda:

— Ora, você fica aí fazendo cera... Nem uma moça a bordar...

O patrão, saindo do "reservado" interrompeu a disputa:

— Vamos com isso, "zeu" Anacleto! A casa precisa de homem adiva.

Era branquelo, magríssimo e vivia com uma sarna pertinaz. Com uma ironia interior e perversa, Anacleto Borges de Souza Santos avaiou a casa que precisava de "homem adiva". Grande, granderrima casa! Grande, granderrima, sim, mas na boca do sírio. Para os outros, um insignificante armário de varejo, com um ou outro freguês em grosso. Uma porta, uma vitrine, um andar só, andar térreo. Bem verdade que progredia. Quando a guerra re-bentara, as prateleiras estavam cheias. O sírio se cogava, se marcizia, circunvagando o olhar pela casa às moscas, o nanico raivoso para as outras casas movimentadas. Qualquer arazo aos empregados, uma besurinha qualquer fazia-o xingar todos os nomes teios de sua língua difícil. Mas os tempos o ajudaram. A mercadoria subia de preço e "seu" Miguel tinha experiência da outra guerra. Aumentou o estoque, gastou todas as reservas que possuía e esperou. Os preços subiam vertiginosamente e quando ele achou chegada a sua oportunidade, tendo muita mercadoria procurada como ouro, começou a vender, ganhando duzentos, trezentos, até mil por cento. Tinha mais isso: só venia a dinheiro. E a registradora tocava a todo minuto, a tória diária aumentava gradativamente, e se "seu" Miguel não engordava, se "seu" Miguel não criava barriga — era por uma questão de glândulas, não de dinheiro.

Mesmo assim — considerava Anacleto com o seu inato espírito de escarneo despeitado — a casa não passava um armáriozinho bobo em comparação com as imensas firmas por atacado. O patrão era quem dizia de boca cheia: CASA. Não só ele: as filhas também. Eram quatro serigaitas que estudavam nas Mercês, que aprendiam mais facilmente com as gráficas da Barra essas coisinhas fúteis da vaidade feminina do que insípidas con-

Conto de VASCONCELOS MAIA

cordâncias pronominais ou cabalísticas equações de terceiro grau. E quando vinham reabastecerem-se dos artigos de primeira necessidade botavam os caixeiros doídos:

— Me dê isso, me dê aquilo, troque por aquilo outro, esta cor é clara, aquela é escura, quero coisa melhor, etc.

— Me ajude aqui, "seu" errado — ordenou Anacleto ao quarto caixeiro, recém-adquirido, rapazete como ele imberbe e mulato, camisa ensebada, rosto de carneiro de rebanho, rosto de quem não pensa, de quem nunca pensará, de quem sempre será explorado, empregado de salário mínimo. Só nessa imbecilidade diferia de Anacleto. Ajudou-o a botar o embrulho num canto à espera do carregador.

Não havia mais mercadoria a embalar. Dia de sábado era dia morto. O armário fechava cedo. E só faltavam quinze para as quatro.

— Diz que a gente vai ter "semana-inglesa" — comentou Anacleto para o "segundo". Atanajildo do Amor Divino achou que chegara a hora de se vingar das indiretas anteriores: e disse alto para o patrão ouvir:

— Não sei pra que essas invenções. Os preguiçosos é que vão gostar.

Anacleto se danou, ficou vermelho de raiva, quase passa o braço naquela cara gorda de xefeta; mas não disse nada. Não ligando, feria mais Atanajildo. Passou vaidosamente a mão pela cabeleira dura, besuntada de vaselina e procurou dentro da loja defronte o olhar de Ivonete. Não o encontrou. Decerto estava às voltas com os trocos. Que pinóia! A bichinha nem tinha uma folga, cada vez mais magra. Mas a "semana-inglesa" já vinha. Era mais meio dia longe daquelas lojas abafadas, condenadas pela Saúde Pública, iluminadas por lâmpadas elétricas mesmo durante as horas de sol, onde o calor fazia a gente se morder de ódio, onde se via o patrão enriquecer às custas do suor dos empregados. Pouco a pouco, porém, os inferiores iam conseguindo melhoras. Primeiro foram as oito horas de trabalho, o salário-mínimo quando, antigamente, os ordenados e os horários eram fixados avaramente pelos patrões. Assistência médica, assistência judiciária, montepio aos doentes, velhos e inválidos, se ainda não eram bem regulados, chegariam também a ser consertados. O mundo marchava para a socialização — ouvira ele dum fulano formidável, no largo da Sé, nas eleições presidenciais. E chegaria o dia em que os empregados seriam cooperadores, os patrões apenas orientadores, chegaria o dia dos lucros normais divididos equitativamente e o excesso, o supérfluo reverteria para o bem comum, para o progresso do Brasil, para a intensificação de produção agrícola, pecuária e industrial, para o funcionamento de escolas rurais e anti-analfabéticas pelo interior inculto, para construções de hospitais eficientes e estádios salubres, para abertura de estradas com todas as vantagens modernas, enfim, para o bem coletivo e não para os bolsos duma dúzia de senhores desmedidamente insaciáveis.

Por enquanto de novo, viria apenas a "semana-inglesa". Meio dia mais de descanso. Algumas horas a mais de céu aberto, de sol no corpo, de ar para os pulmões, de mar, de campo de futebol, de gozo físico.

Anacleto ficou tão entusiasmado em relembrar o discurso daquele fulano formidável na praça da Sé que olhou o patrão como se a Era de felicidade já estivesse ali:

— Está na hora de fechar, "seu" Miguel.

Se o sírio estivesse azedo, explodiria. Mas nesse dia a fêria fora gorda, muito boa para dia de sábado — um dia morto. E não se zangou:

— Feche — ordenou ao "segundo". As ordens desciam escadinha. O "segundo" passou a Anacleto, este retransmitiu-a ao degrau íntimo.

Ao ruído da porta que se fechava, lá da loja defronte Ivonete largou troco, largou centas, espiou por cima da registradora:

— Já? seu olhar encontrou o de Anacleto e lhe perguntou. Na mesma muda linguagem, Anacleto respondeu que sim.

— Não me espera? — tornou ela.

— Claro que espero — ele telegrafou. E tranquilizada pelo amor, ela se escondeu de novo atrás do dragão que engolia cifras, sabendo que ia sofrer um cartão do gerente a quem o freguês, danado da vida pela sua desatenção, fora se queixar.

★

Não tomavam a balança suja e lenta do Taboão. Eram duzentos réis gastos sem necessidade. Além disso aquela porcaria da Cia. Circular nem valia um tostão. E mesmo pra que eles tinham pernas fortes? Mas, galgada a loja, Ivonete suava.

— Fraca! — ele zombou.

— Fraca? — é porque estou com fome.

Chegaram à Baixa do Sapateiro, hoje chamada Dr. J. J. Seabra, e depois de quarenta e cinco minutos de espera conseguiram um lugarzinho no bonde super-lotado.

— Puxa! Quem mora na Estrada da Liberdade sofre o diabo — disse ela livrando-se da perna atrevida dum praça, entregando a Anacleto a guarda das carnezinhas gastas de virgem pobre que começarão a envelhecer aos vinte anos.

— Deixa estar que logo que a gente case compra um bangalô supimpa na Barra e um Ford super-luxo — galhofou ele.

— E quando sai esse tão falado casório? Acaba crente que você só quer me fazer campo de exploração.

— Deixe de lero-lero, gasguita que você sabe de sua bra que gosto de você pra casar. Assim que o gringo me passe a quinhentão e a situação da gente melhora...

E ela demorou a responder. Depois, balançou a cabeça numa tristeza angustiada, num desconsolo sem volta e murmurou:

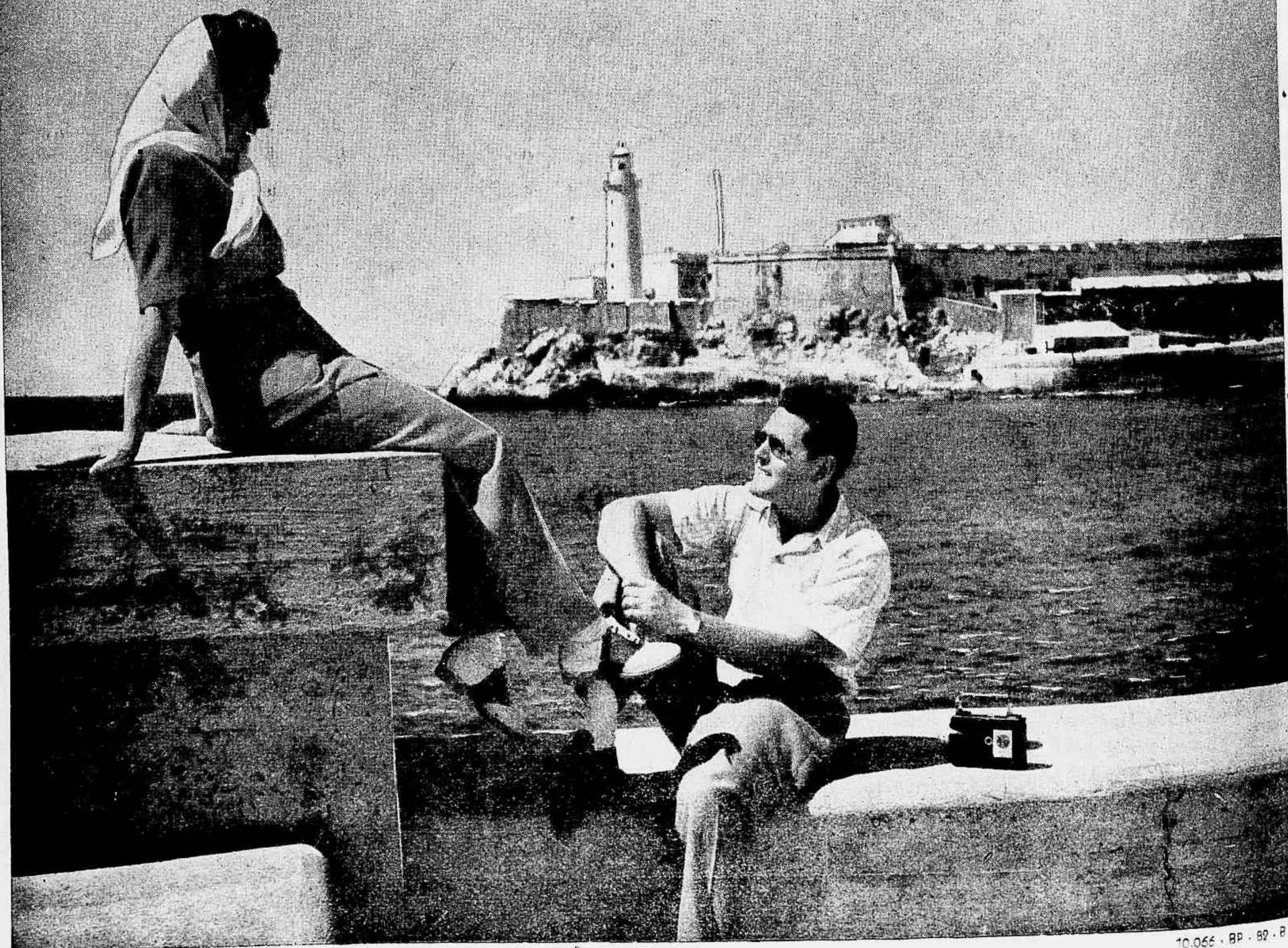
— Ah! sim... No dia de São Nunca, não é?



O MUNDO É SEU PELO *CLIPPER*

Dias e noites de ventura inesquecível guardam V. S. em Cuba... e a sua visita a este maravilhoso recanto tropical será ainda mais memorável se V. S. viajar nos rápidos e confortáveis Clippers quadrimotores da Pan American World Airways. Para suas férias em Cuba consulte o seu agente de viagens ou o representante da PAA mais próximo.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rede dos Clippers Voadores



A RAINHA VITÓRIA

(1819-1901)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).



A rainha Vitória, da Inglaterra.

SÃO cinco horas da manhã. O rei Guilherme IV acaba de morrer no Palácio de Windsor. O arcebispo e o camarista-mór dirigem-se a toda a pressa de Windsor para Kensington, a fim de anunciarem a morte do rei a Alexandrina Vitória, sua sobrinha de dezolito anos de idade, herdeira do trono.

Os recém-chegados batem no portão do Palácio de Kensington. Mas a princípio não obtêm resposta pois é demasiado cedo para que alguém esteja acordado. Depois de muito baterem, entretanto, são admitidos no palácio. Às seis horas a duquesa de Kent, mãe de Vitória, desperta a filha e diz-lhe que o arcebispo de Canterbury e lord Conyngham vieram falar-lhe.

Vitória levanta-se, veste o penteador e entra na sala onde os mensageiros estão à espera.

Eles caem de joelhos e lord Conyngham comunica-lhe a notícia. — O rei morreu. Viva a rainha!

Naquele dia — 20 de junho de 1837 — Vitória escreveu o seguinte no seu diário: "Já que aprovo à Providência colocar-me neste posto, farei tudo o que puder para cumprir o meu dever para com o meu país; sou muito moça e, talvez, em muitos respeito — mas não em todos — inexperiente mas estou certa de que muito poucos têm mais boa vontade e mais sincero desejo de fazer o que é próprio e justo, do que eu".

Bons sentimentos, mas estilo pobre. Vitória nunca se expressou com inteira naturalidade na língua inglesa. Pois esta não era a sua língua materna. Seu pai, o duque de Kent, que era inglês, morreu quando ela era pequena, e a mãe, filha dum príncipe alemão, o duque de Saxe-Coburgo, ensinou-a desde criança a falar alemão e a pensar como alemã.

Até o fim de seus dias Vitória não conseguiu falar perfeitamente o inglês.

★

Alexandrina Vitória — no círculo familiar tratavam-na por Drina — era uma criança mimada. Frequentemente se encolerizava, batia o pé e desobedecia às ordens dos mais velhos. Mesmo antes da sua coroação manifestava a índole duma pequena imperatriz — e duma imperatriz "absoluta", por sinal. Recusava preparar suas lições; não importava o que lhe dissessem; ela "não queria, e pronto!" Promessas, ameaças, razões, de nada serviam. As lições ficavam por estudar.

Desde o princípio animaram-na a considerar-se uma criatura de suprema importância. De quando em quando tinha permissão para brincar com o filho de alguma duquesa ou marquesa que viesse visitar sua mãe. Mas ensinavam-na a olhar tais crianças antes como instrumentos que como companheiros de jogo. Um dia a pequena Jane Ellice veio com sua avó, Lady Ellice ao palácio de Kensington. Disseram às duas crianças que fossem entreter-se no quarto de Vitória. Quando Jane Ellice, pouco familiarizada com a etiqueta do palácio, começou a mexer nos brinquedos de Vitória, a princesinha deteve-a.

— Não cêves brincar com esses — disse. — São meus. — E acrescentou: — Além disso, não me deves chamar de Vitória, embora eu possa tratar-te por Jane.

Em todo o palácio de Kensington só havia uma pessoa capaz de exercer influência em Vitória. Era a sua preceptora, fräulein Lehzen. Esta senhora, filha dum sacerdote alemão descobriu o ponto vulnerável da sua armadura de obstinado orgulho. Vitória tinha um coraçãozinho

afetuoso. Conquistai o coração dessa menina e conseguireis que faça tudo quanto quiserdes. Sob a branda mas eficiente direção de fräulein Lehzen, Vitória começou a gostar das suas lições e a olhar pelo menos com indulgência, se não com respeito, as outras pessoas da casa. Fräulein Lehzen, em suma, conseguiu transformar uma princesinha quase intolerável numa criatura bastante estimável. À medida que crescia, Vitória ia pouco a pouco compreendendo que não havia só privilégios, mas também deveres, naquela elevada função de rainha para a qual a preparavam. Quando soube com certeza que estava destinada à coroa pronunciou apenas algumas palavras: "Hei de ser boa". Estas palavras, nas quais havia uma curiosa mistura de egoísmo e humildade, Vitória as repetiu mais uma vez naquela madrugada de junho em que lord Conyngham se ajoelhou diante dela e anunciou: "O rei morreu. Viva a rainha!"

★

Pouco antes de subir ao trono, Vitória travou conhecimento com seus dois primos da Alemanha, o príncipe Ernesto e o príncipe Alberto. Estes dois galhardos rapazes eram filhos do irmão mais velho de sua mãe, o duque de Saxe-Coburgo. Vitória ficou muito bem impressionada com ambos — especialmente com o príncipe Alberto. "Ernesto", escreve em seu diário, "tem cabelos pretos e lindos olhos escuros, assim como as sobrancelhas mas o nariz e a boca não me agradam... Alberto é extremamente formoso; seus cabelos são mais ou menos da mesma cor que os meus; os olhos são grandes e azuis, e tem um belo nariz e uma boca encantadora, com lindos dentes... Ambos os meus primos são tão bons e amáveis... Ernesto comple-

tará dezolito anos a 21 de junho, e Alberto fará dezessete a 26 de agosto... Ambos aprenderam muitas coisas e são muito inteligentes, "principalmente" Alberto".

Quando, após uma visita de três semanas, os dois primos se prepararam para regressar à Alemanha, ela ficou desconsolada. "Foi o nosso último almoço "feliz", confiou ao diário, "com aqueles "queridos" primos, de que eu gosto mesmo "tanto, tanto"... Alberto estava tocando piano quando eu desci... Chorei amargamente..."

Mas, com a ascensão ao trono, esqueceu temporariamente os dois primos. Com toda a impetuosa energia que lhe era peculiar, lançou-se ao trabalho e ao prazer de governar o seu país. Muito pequena, delgada e vivaz, imediatamente conquistou o coração do povo. A "Pequeno Vio", como lhe chamavam afetuosamente os seus súditos, passou da "nursery" ao trono com um riso desculpado e uma graça encantadora. "Nunca se viu uma criaturinha mais deliciosa", escrevia mr. Creevey, mexeriqueiro profissional do palácio de Buckingham. Ela ri com verdadeiro gosto... e o seu apetite é tão sadio como o seu riso. Pode-se dizer que ela devora... Ruboriza-se e ri a cada instante de modo tão natural que desarma a todos".

Seus dias eram uma sucessão de horas douradas. Jantares, danças, passeios, conversações sociais no salão nobre do palácio de Buckingham — tais eram os divertimentos que ocupavam a maior parte do seu tempo disponível. Às vezes ia assistir a óperas, de que gostava, ou a cramas, que apreciava pouco e entendia ainda menos. Uma noite viu Macready interpretar o "Rei Lear", de Shakespeare. Passou toda a primeira parte da representação tagarelando com o camarista-mór. Lá para o fim começou a prestar mais atenção à peça.

— Que pensa Vossa Majestade deste drama? — arriscou o "lord chamberlain".

— Um negócio esquisito, e horrroso — replicou a rainha; — mas suponho que para a época de Shakespeare fosse bastante bom.

Os assuntos sérios do palco e da vida estavam um pouco fora do alcance da sua compreensão, nesse tempo. Entregava a direção dos seus negócios pessoais às mãos competentes do dr. Stockmar, um alemão natural de Coburgo, que fora amigo de seu pai e médico da família. Quanto à direção do estado, deixou-a nas mãos igualmente competentes do primeiro ministro, o visconde Melbourne.

Lord Melbourne era o líder conservador do partido liberal. Com cinquenta e oito anos de idade, mas ainda cheio de vida, entusiasmo e ambição, espirituoso, encantador e rico, era um aristocrata da gema; tinha passado a vida em galanteria, intrigas e estudos, e assim abriu caminho no mundo, até entender cabalmente todas as fases da vida e das letras inglesas. Tendo casado com uma mulher que se mostrara infiel, e tendo-lhe retribuído com igual infidelidade, era de um inveterado cepticismo quanto ao caráter e ao destino dos homens. Deixa as coisas como estão, era a sua divisa. "Não procures fazer nenhum bem", dizia, "e não te meterás em enrascadas".

(Continua na pág. 53)

A vida da rainha Vitória, cheia de lances romanescos, foi várias vezes filmada e teve, em Lawrence Houseman, um hábil dramaturgo. Aqui estão a atriz brasileira Dulcina de Moraes, no papel da soberana inglesa, e Manuel Pera, no de Disraeli, em uma peça constituída por uma série de episódios dramáticos daquele autor inglês.



Constance Bennett



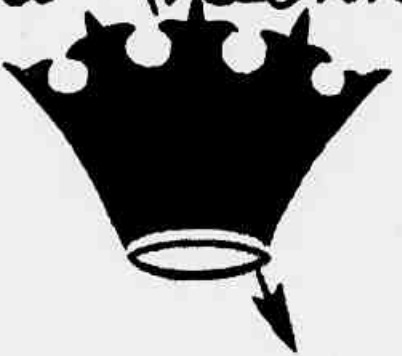
UM LINDO ESTOJO COM
MAGNÍFICOS PRODUTOS
FEITOS PARA DAR MAIOR
REALCE ÀS

mulheres belas!

Fabricados e acondicionados nos
Estados Unidos da América do Norte

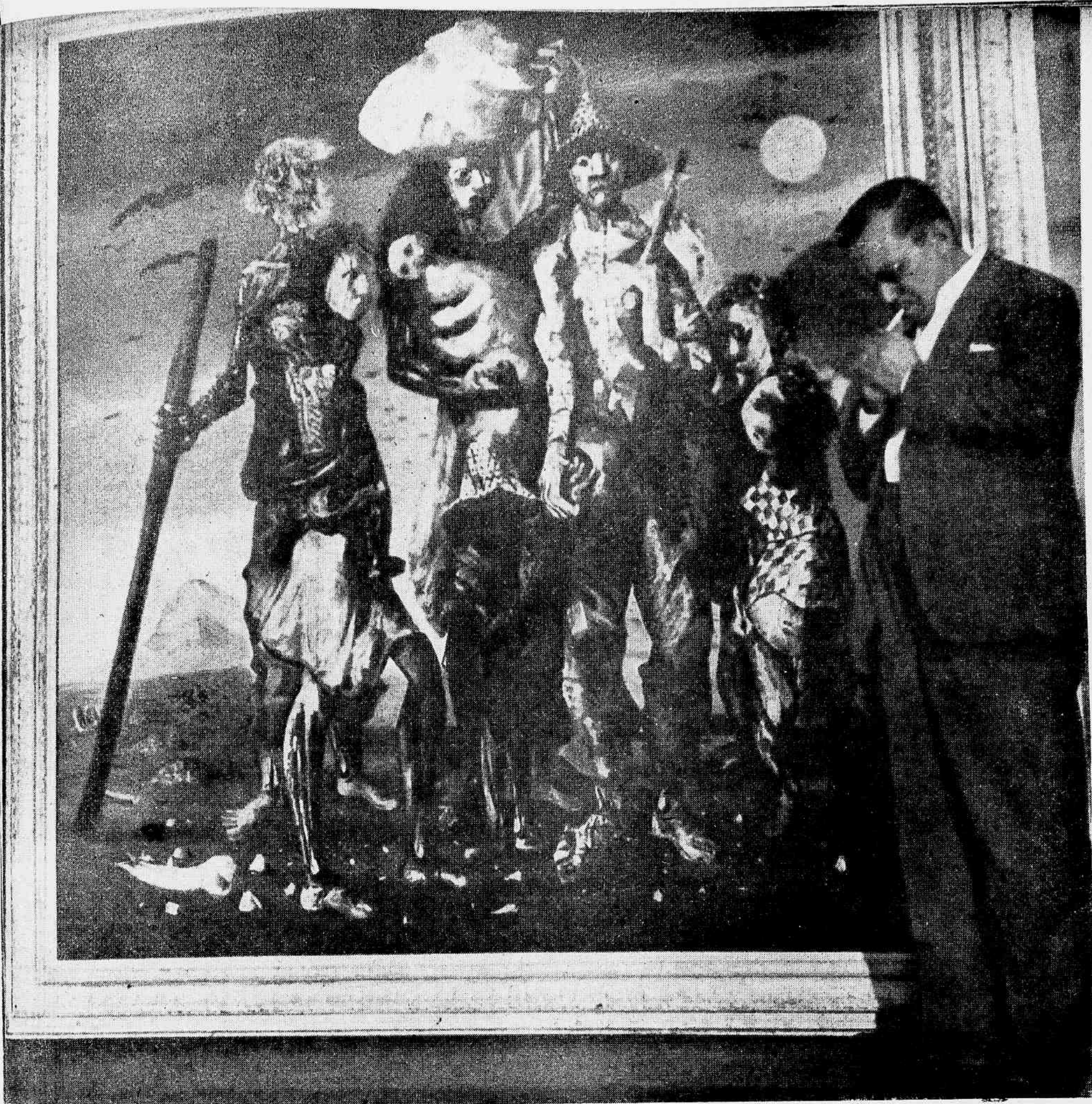


Constance Bennett



DISTRIBUIDORES CIVIA, S. A.
Av. Rio Branco, 311 — 2º and.

★ RIO



Candido Portinari, junto a um dos seus quadros trágicos. O pintor brasileiro scandalizou os duques de Windsor, mas recebeu a roseta da Legião de Honra do governo francês.

A INQUIETAÇÃO DA ARTE MODERNA

Por ONDINA FERREIRA

Especial para REVISTA DA SEMANA

NOTICIAM que a recente exposição de Portinari, em Paris recebeu a visita dos duques de Windsor. Ao que parece as telas do pintor brasileiro não agradaram ao ilustre casal, pois o duque acabou indagando se não havia à venda algo de "menos deprimente e mais ornamental". Foi expressiva a resposta do artista: "Lamento muito, mas tenho apenas miséria para vos mostrar".

A pintura moderna dirige-se mais à inteligência do que aos olhos. Não se pode exigir que seja "ornamental". A arte foi sempre um reflexo da vida, e a angústia da nossa época de prolongada transformação social, não podia deixar de infiltrar-se na obra dos artistas, marcando-a com o mesmo desassossego que fermenta na alma dos homens. A inquietação da arte moderna é apenas um galho da enorme árvore de inquietação, que sombreia o mundo. Tornada pela amargura, o artista dispersa-se em novas experiências, ensaia novas fórmulas que nunca o satisfazem, cria novos processos e novas normas estéticas, atormenta-se numa busca incessante. As escolas se desencadeiam umas sobre as outras. Antigamente, cada período histórico tinha um estilo que o caracterizava. Mas, nestes últimos cinquenta anos, fundaram-se mais escolas de arte do que no espaço de muitos séculos. Daí a extraordinária variedade de expressão da arte contemporânea.

Inaugurando a "Semana de Arte Moderna", Graça Aranha declarou: "A arte é outra maravilha que não é a beleza". Com essas palavras, o pioneiro quis significar que uma obra de arte deve ser julgada, não pela porção de beleza que contenha, mas pelas emoções que desperta em nós. Os novos artistas se livraram das regras acadêmicas e se desfizeram da tradição, como de um fardo inútil. Onde está a beleza segundo os cânones antigos nessas exhibições de caricaturas dolorosas, densas de conteúdo social, corpos humanos propositalmente deformados, lábios inchados, membros retorcidos? nessas paisagens sem perspectiva? Nessas tintas sombrias e sujas, ou então, de tonalidades gritantes e absurdas, verdadeiros jogos de fantasia? Onde está a beleza nesses poemas herméticos, nesses versos desarticulados? Nessas esculturas toscas, nessa música de ritmos estranhos cuja linha melódica é deformada por dissonâncias? Hoje em dia, uma obra de

arte é um grito de revolta ou um documento de psicologia profunda.

A rebelião se iniciou com o impressionismo, a primeira escola revolucionária que dasbrochou nos fins do século passado. O movimento coincidiu com a eclosão da fotografia. Ela representava uma rival perigosa para a pintura que, para sobreviver, precisou de sombra e absorveram-se no estudo da luz. Os objetos perderam os contornos, transformaram-se numa multidão de reflexos coloridos.

Veio a reação encarnada em Cézanne, Renoir e outros, que cultivaram, acima de tudo, a estrutura dos objetos. Ao neo-expressionismo, com suas cores lisas e decorativas, suas composições sem perspectivas nem sombras, seguiu-se o simbolismo, fortemente influenciado por grandes poetas como Verlaine, Mallarmé, Samain. Evocações líricas enchem a poesia, a música, a pintura. Depois, o cubismo, inspirado pela máquina, tentou iniciar uma nova era na arte. Tudo se tornou geometria: tudo se transformou em linhas retas e curvas, em planos e volumes. Braque, Picasso, Derain scandalizaram o mundo burguês com a exposição de 1912. Aparece o fauvismo, chefiado por Matisse. Porém adiantando-se ao futurismo que introduziu o

dinamismo na arte e exaltou todas as formas de movimento, volta o idealismo com os expressionistas. De todas as novas escolas é o expressionismo que melhor traduz a inquietação espiritual do homem moderno. Seus adeptos não se propõem pintar a realidade visível, e sim, retratar estados de alma, materializar emoções.

O expressionismo e o post-expressionismo desenvolveram-se sobretudo na Alemanha, sustentados por pintores como Munch, Grosz, Roualt. Essas escolas foram consideradas crimes políticos por Hitler que perseguiu implacavelmente seus representantes e "limpou" os museus de todas as telas consideradas "maíãs".

O mais curto e o mais original dos movimentos artísticos foi sem dúvida, o dadaísmo. Não se definiu como escola, por assim dizer, mas como a negação de todas as escolas. A sua própria anarquia provocou-lhe a rápida desintegração.

O surrealismo, fundado pelo Poeta André Breton, nasceu das cinzas do dadaísmo e invadiu todos os ramos da arte. Até a filosofia lhe abriu as portas. Baseado nas doutrinas de Freud, o surrealismo abandona as imagens visuais para penetrar nas zonas profundas do subconsciente. O subconsciente é a personagem principal dos quadros, dos poemas e das peças surrealistas.

A inquietação intelectual atravessou oceanos e chegando até nós, explodiu no surto nacionalista de 1922 que criou o "verdamarelismo" e, posteriormente, a "antropofagia", tentativas visando dar à arte um sentido brasileiro. Uma efervescência nova agitou a alma de nossos artistas, desviando-os dos caminhos pisados pelo naturalismo e pelo realismo. Enquanto isso, na velha Europa surgiam novas escolas. Lembremos, entre outras, o existencialismo, ligado ao romancista Jean Paul Sartre, e que em data recente, ocasionou uma troca de tiros entre dois pintores parisienses.

E veio a segunda guerra mundial. O sofrimento fustigou atrozmente o mundo. Bombardeios. Cidades arrasadas. Incêndios inundações. O inferno dos campos de concentração. Torturas, fusilamentos em massa. Fome. Fa-

Largo das Palmeiras



Premiado no Concurso Permanente da REVISTA DA SEMANA

ESCREVO esta história para as pessoas que levaram sempre vida vulgar, numa cidadezinha do interior, onde há um Largo que, excepcionalmente, não se chama da Matriz e sim das Palmeiras. Escrevo esta história para os que se julgaram artistas e, esmagados pela estreiteza do ambiente, acabaram por enlouquecer. Escrevo esta história, mais que tudo, para mim mesmo. Para que não me esqueça nunca essa coisa terrível, possível alucinação, que se deu comigo.

Foi há anos passados. Cansado das tropelias através do país, resolvi fixar-me num lugarejo tranquilo, onde, envolto em paz, cercado de sossego, pudesse enfim dar corpo à obra que sentia latejar em cada um dos meus nervos. Já vira bastante do mundo, bastante já aprendera, e podia então criar. Sou — ou fui — escultor. A glória que alcancei, com minha única estátua, vereis como me é amarga, ao saberdes que o seu preço foi uma vida humana. E não peço que ninguém creia em minha história. Basta-me a certeza de sua veracidade, e a

dúvida ou a credulidade alheias contam muito pouco. Sou dessas criaturas que uma tremenda experiência tornou suficiente, dessa suficiência que nada tem que ver com a comum, cujo sinônimo é vulgaridade.

Mas vamos adiante. Instalei-me em Grotão, cidade que apenas por uma coincidência achareis no mapa, e que, contudo, existe. Convenientemente alojado no número 14 do Largo das Palmeiras, afixei à porta minha placa de médico, pois não era rico o suficiente para viver sem profissão, e um providencial diploma, com as reviravoltas do mundo, se juntara à minha bagagem, entre escopros e cuecas.

Dentro de uma semana conhecia a população toda, ou quase toda. E já tinha clientes. Meus colegas de "sacerdócio", o que é de admirar, foram mesmo colegas e não rivais. Eram dois apenas. O primeiro, moço como eu, emergia dum caso amoroso o seu tanto sujo e precisava de solidariedade. Porisso se encostou em mim. O outro, velho e filho do lugar, era dono de toda a clientela, e sua maior

preocupação era livrar-se da metade e descansar os ossos. Assim, fui bem aceito.

Normalizada a vida, garantida a subsistência, comecei, como era meu hábito, a trabalhar em pequenas coisas sem valor da minha arte, enquanto esperava a inspiração para a grande obra. Modelo de paciência, aguardava essa fagulha de gênio desde que, aí pelos meus treze anos, a escultura me atraía e empolgava. Uma certeza indestrutível de que acabaria por vir era meu único amparo. Sempre o fora, através duma carreira que, absurdamente, jamais passara os limites duma contínua preparação. Tudo o que eu esculpira até então era pavorosamente mediocre e em proporções minúsculas. Nos primeiros tempos em Grotão, não me afastei dessa rotina.

Em breve a cidade inteira sabia que o novo doutor era meio maluco e vivia amassando barro para fabricar cabeças de demônios. (Eu gostava muito de moldar pequenas cabeças de faunos). Mas o bacharel Josias, poeta, meu amigo, e gênio municipal, intercedeu por mim, explicando minha qualidade de escultor, e até avançando que eu talvez fizesse a futura glória artística de Grotão. Isso me grangeou a boa vontade daquela gente. E me fez grato ao Josias pela sua desinteressada intervenção. (Essa intervenção não era tão desinteressada com a princípio julguei, pois ele ambicionava um busto entre as palmeiras do Largo e via em mim o veículo para a realização desse sonho).

Tudo correu muito bem durante meses. Eu ajudava a cidade a bocejar, a dar à luz, a curar doenças inconfessáveis e outras doenças bem educadas. Todas as casas importantes de Grotão estavam munidas da sua cabeça de fauno ou de ninfa ou de hipógrifo. O dinheiro entrava para meus cofres na medida desejada (trazido pela medicina, pois os produtos da arte eram gratuitos). E um tédio doloroso me encharcava a alma e a embrutecia.

Aí chegou a primavera. Não a creio culpada dos fatos posteriores, pois o Cel. Quintiliano bem poderia ter-se mudado para Grotão no outono ou no inverno. O certo é que veio na primavera, com a mulher, os filhos, as filhas, os móveis, as galinhas, o cachorro e a sobrinha órfã que não pode faltar em toda história que se preze. Mas não penseis que na minha — e só porisso vereis que é verdadeira — a figura central foi a sobrinha órfã. Foi Cidinha, filha mais moça do honrado coronel. Coronel, já vêdes, que jamais fora a guerras ou usara uniformes, conquistando o posto na varanda de sua fazenda, no vizinho município de Santanópolis.

Eu tinha vinte e oito anos e Cidinha vinte. Vizinhos, fizemos logo relações. E, ao nos ver juntos muitas vezes, o povo augurou um belo casamento, no que se enganava. Ela estudara num bom colégio da Suíça (era muito fraca em pequena, informaram-me) e, ao me saber escultor, começou por me presentear a "Vida" de Cellini, para acabar, ao me saber com veleidades literárias, por me empanurrar de Rimbaud, Joyce, Léon Bloy, Renan, Balzac, Gide, Verhaeren, Marcelline Desbordes-Valmore, Ruskin, Novalis, Rilke e daí por diante, de Homero a Manuel Bandeira. A filha do pacato coronel tinha o furor da literatura e foi para mim como luz na escuridão, naquela terra em que a única livreria (também casa de ferragens e de artigos funebres) vendia apenas livros de São Cipriano e aventuras em quadrinhas de José do Telhado. De modo que, enquanto todos prelibavam

um matrimônio perfeito, julgando que trocávamos doces frases de amor em nossos passeios ao crepúsculo, discutíamos paradoxos de Oscar Wilde e dramas de Ibsen.

Acresce que estávamos na primavera. Das leituras em comum para conseguir que posasse para mim foi uma sequência natural.

Ficava em minha frente, ora bordando, ora lendo, o mais das vezes simplesmente me olhando, e em muito pouco tempo terminei-lhe a cabeça, meu primeiro trabalho sério. O coronel — que já se impacientava com aquele "agarramento" e a inexistência de um protocolar pedido — se boquiabriu. E com ele a família toda, sem exceção da cozinheira. Para aquela gente simples, criada na roça, Cidinha era um assombro. Como, de resto, seria para quaisquer outras gentes. Quando a viram glorificada pelo único artista que jamais tinham conhecido, esqueceram o insolúvel noivado e me cumularam de infinitas delicadezas. A obra-prima foi posta em destaque na sala de visitas e a confiança depositada em mim absoluta. A escultura os convencera de que eu era inatingível às fraquezas terrenas e de que Cidinha constituía para mim sómente uma fonte de inspiração. Não sei se o compreenderam bem, mas o certo é que o aceitaram. E continuamos num céu aberto, sob a tutela de Stendhal e Papini, Huxley e Charles Morgan, Verlaine e Proust. Tudo burguesamente, enquanto eu receitava para dores de barriga e modelava cabeças de lavadeiras.

Mas veio o improtelável "dia" que transforma triviais histórias em dramas dolorosos. Chegou-me, de repente, a esperada inspiração para a obra máxima por que tanto esperava. Se eu adivinhasse quando ela me faria sofrer, de bom grado teria renunciado a uma glória que ia custar uma vida inocente. Tudo se complicou sobremaneira, porque pouco antes eu descobrira Cidinha, por trás de todas as suas leituras e atitudes cerebrais. Era bem a filha do Coronel Quintiliano, pura, virginal, agreste. Toda a inocência de um mundo tão desfalecido disso se concentrara naquela criatura. Não tinham deixado mácula em sua alma os livros perversos que lera. Intelectualmente, era uma refinada sabedora de todos os segredos espúrios. Em realidade, no entanto, ficara sempre um complexo de virtudes. Vivendo, como vivia, numa atmosfera irreal, a perversidade do mundo nunca lhe tocara sequer os pés.

Isso me perturbou. Eu não conseguia entender como aquelas coisas se davam. Não era possível que uma criança vivesse num ninho de serpentes sem ser por elas picada. Mas o exemplo ali estava, concreto, aos meus olhos. Não podia compreender. Entretanto, meu forte nunca fora decifrar enigmas. Após as primeiras tentativas, se eles teimavam em se manter insolúveis, abandonava a empresa de resolvê-los. Assim fiz com Cidinha. Já que não atinava com o porque de sua virtude — ilha cercada de corrupção por todos os lados —, limitei-me a aceitá-la tal qual era, a aceitar a consequência sem indagar da causa. Cidinha era pura, virginal, agreste. Cidinha lia Gide e Oscar Wilde. Dois mais dois somavam cinco. Ante a evidência do absurdo, resignei-me à aceitação do absurdo.

Tudo ficaria por aí e talvez realizasse os prognósticos do povo, casando-me com Cidinha, não fosse a vinda, como já disse, da inspiração para a obra que — eu acreditava — me traria a imortalidade. Em má hora chegou. Meu anseio,

por então, era fazer minha esposa aquele anjo que recitava Baudelaire com lábios insabedores de beijos. Já quase mesmo me conformara com abandonar meu transcendente sonho de arte e não penetrava em que a própria Cidinha seria o modelo daquela obra imorredoura e mortífera. Já pela minha profissão de médico, já pelos meus extenuantes estudos, já pelos longos anos de preparo, a anatomia era o meu forte. Ideava uma estatua de mulher nua que representasse a Vida, quando ela apareceu num mundo ainda mal acabado, num mundo virgem, que desconhecia as torpezas, dores e crueldades que viriam com o caminhar dos séculos. Precisava, para modelo, duma mulher de plástica perfeita e alma pura. A mais alucinantemente bela prostituta não me serviria. A mulher que eu procurava devia ser duma tal candura que a refletisse em cada linha do rosto. E duma tal pureza que em seu corpo não poderia haver o reflexo, já não digo do contacto de mãos pecadoras, mas sequer do anseio desse contacto. Meu desespero vinha da certeza de que não acharia nunca o meu modelo. E, mais ainda, da certeza de que, encontrando-o, eu levaria o meu nome aos séculos que Deus ainda não fez. Que donzela seria essa, tão casta que nem a sombra de um mau pensamento tivera jamais abrigada na alma? Sobejavam as criaturas incontaminadas. Mas sabia que também se peca por intenções.

Foi quando descobri que a minha donzela utópica habitava o número 12 do Largo das Palmeiras, em Grotão, cidadezinha perdida no Brasil vasto. Ao lado da casa em que eu ansiava pela perfeição da pureza, morava a pureza perfeita.

Meu desespero aumentou. Agora, que eu encontrava o ideal que buscara sempre, ele me aparecia... intangível! Como convencer a pudica filha do Cel. Quintiliano a posar nua para mim? E ela era a minha primeira, a minha última, a minha única oportunidade. Torturava-me a alma saber que outro exemplar daquele surgiria talvez no mundo em outro lugar, em outro tempo, quando eu fosse morto ou onde jamais saberia de sua existência. Estava ali ao meu lado, realizado e vivo, o sonho que eu perseguia desde a adolescência. Era preciso não deixá-lo fugir. A convicção de que daquele passo eu sairia um artista imortal ou falharia irremediavelmente acordou em mim forças que eu nunca suspeitara possuir. Era uma parada de vida ou de morte para o meu destino. Daquela lance eu sairia corado de louros ou enlameado. E planejei planos terríveis. Raptaria Cidinha, levando-a para um lugar aonde não a seguiria homem algum do mundo. Obrigá-la-ia, pelo terror, a me servir. Casar-me-ia com ela e desapareceria dali para então obrigá-la a quanto eu desejasse. Desesperava-me todos os meus planos. Raptando-a, violentando-a, ameaçando-a, eu destruiria as qualidades que eram o único motivo de ela ser o modelo perfeito para a minha obra. Aterrada, sabedora dos segredos da paixão, do ódio e da loucura, Cidinha perderia a ingenuidade, a pureza, a candura agreste.

Eu sofria e chorava, e era o mais desgraçado dos homens.

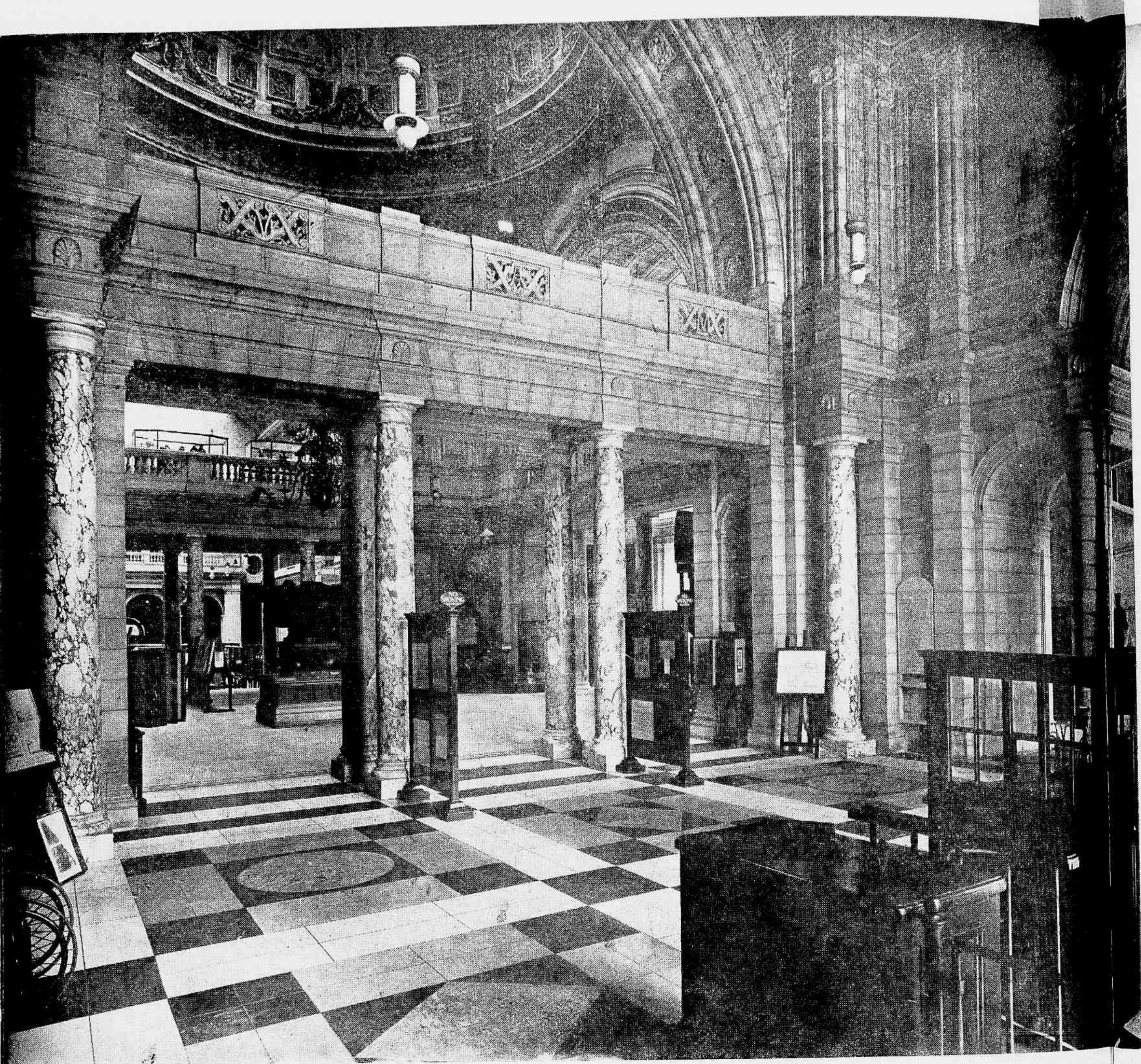
Um dia não pude mais: contei-lhe tudo. Até hoje me arrependo. E, vivendo um milênio, não esquecerrei o acontecido. Ela cedeu! Ao primeiro pedido, sem a menor resistência, não compreendo — NÃO COMPREENDO! — que mal havia em se pôr nua diante de um artista. Todas as exortações todas as súplicas, todas as lisonjas, que eu cuidadosamente preparara, entupiram-me a garganta e me senti sufocado. Nem um toque de vulgaridade houvera naquilo: Cidinha não me pedia sequer que o escondesse de seus pais ou de quem fosse. Para aquela alma pura não existia ao menos a noção de pecado. Seria capaz de entregar o corpo, se lhe dissessem que esse procedimento seria grato aos olhos de Deus. E lera "Corydon", e conhecia Lady Macbeth e Dorian Gray! (Aqui tenho de estancar minhas recordações. Elas me vêm num tumulto e me afogam e me enlouquecem. Deixo ao mais genial escritor do mundo a tarefa de descrever as emoções que então me assaltaram. Não tenho forças para isso).

★

No dia 14 de outubro — voltara de novo a Primavera, mas o céu estava carregado e chovia —, comecei a trabalhar na estátua da Vida. Sempre lembrarei esse dia, um domingo.

(Continua na pág. 16)





LONDRES, A CIDADE DOS GRANDES MUSEUS

Está sendo preparada para 1951 uma grande exposição internacional na capital britânica — As origens dos museus londrinos e o papel que eles exercem.

Por JOHN BIXBY

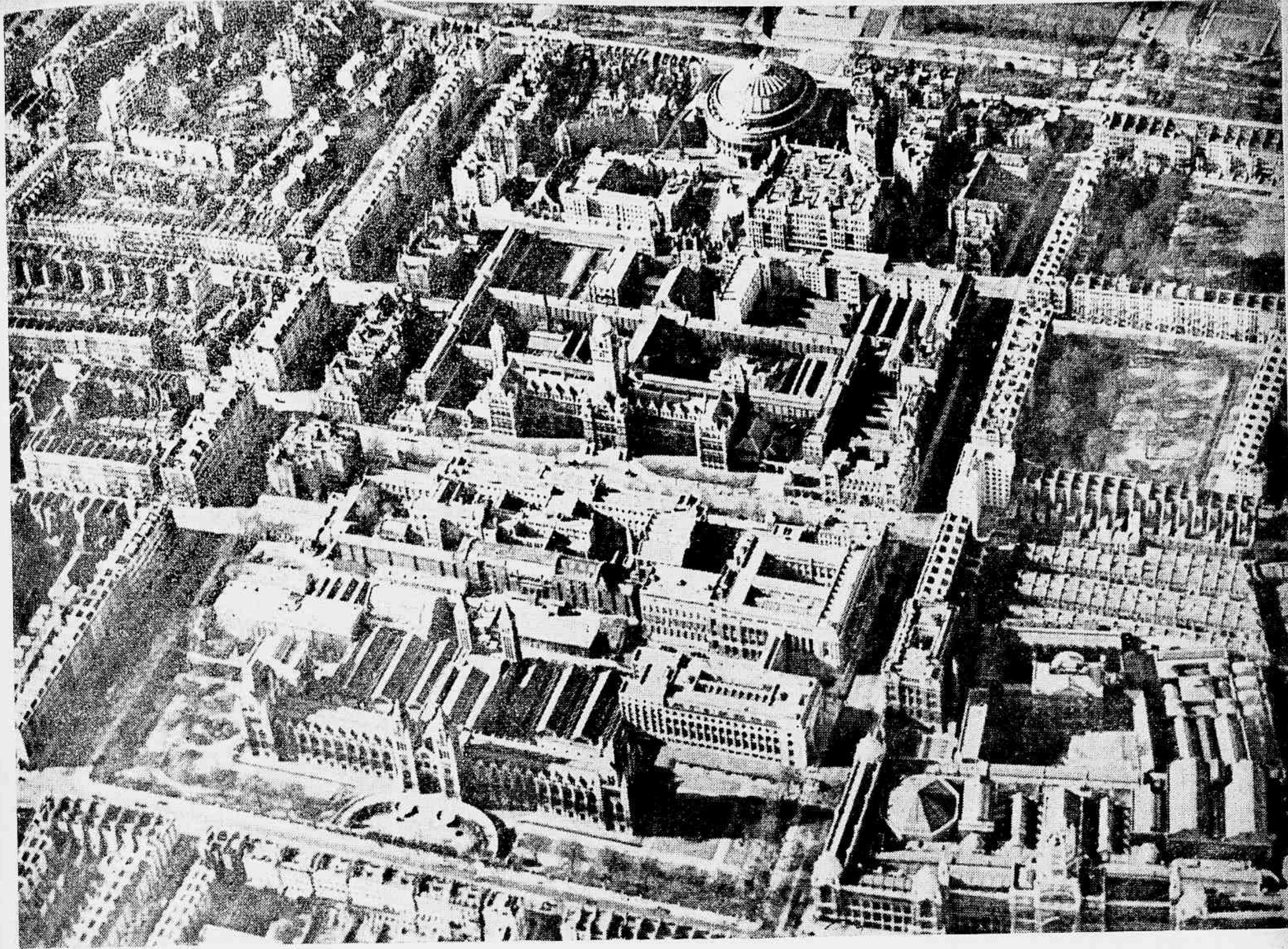
Especial para REVISTA DA SEMANA

ESTÃO sendo elaborados os planos para uma grande exposição internacional na capital britânica, a ser realizada em 1951. Parcialmente esse ano foi escolhido porque são necessários no mínimo quatro anos para os preparativos, mas mais especialmente porque assinala o centenário da primeira exposição internacional de Londres — a Grande Exposição de 1851. O local para a nova exposição ainda está para ser escolhido. A Exposição de 1851 foi realizada em Hyde Park, — um dos mais belos recantos abertos que se encontra mesmo no coração de Londres. Para abrigar essa exposição foi construído há pouco mais de um século o famoso e hoje desaparecido Palácio de Cristal — um fulgurante palácio de vidro em cujo interior havia avenidas sem fim, rebrilhando num luxo de cores. Os mostruários extremamente variados abrangiam desde vasos e caixas de rapé a locomotivas. Durante os 140 dias em que permaneceu aberta a exposição consignou um dos mais estrondosos sucessos, passando pelas suas borboletas de entrada nada menos de seis milhões de pessoas.

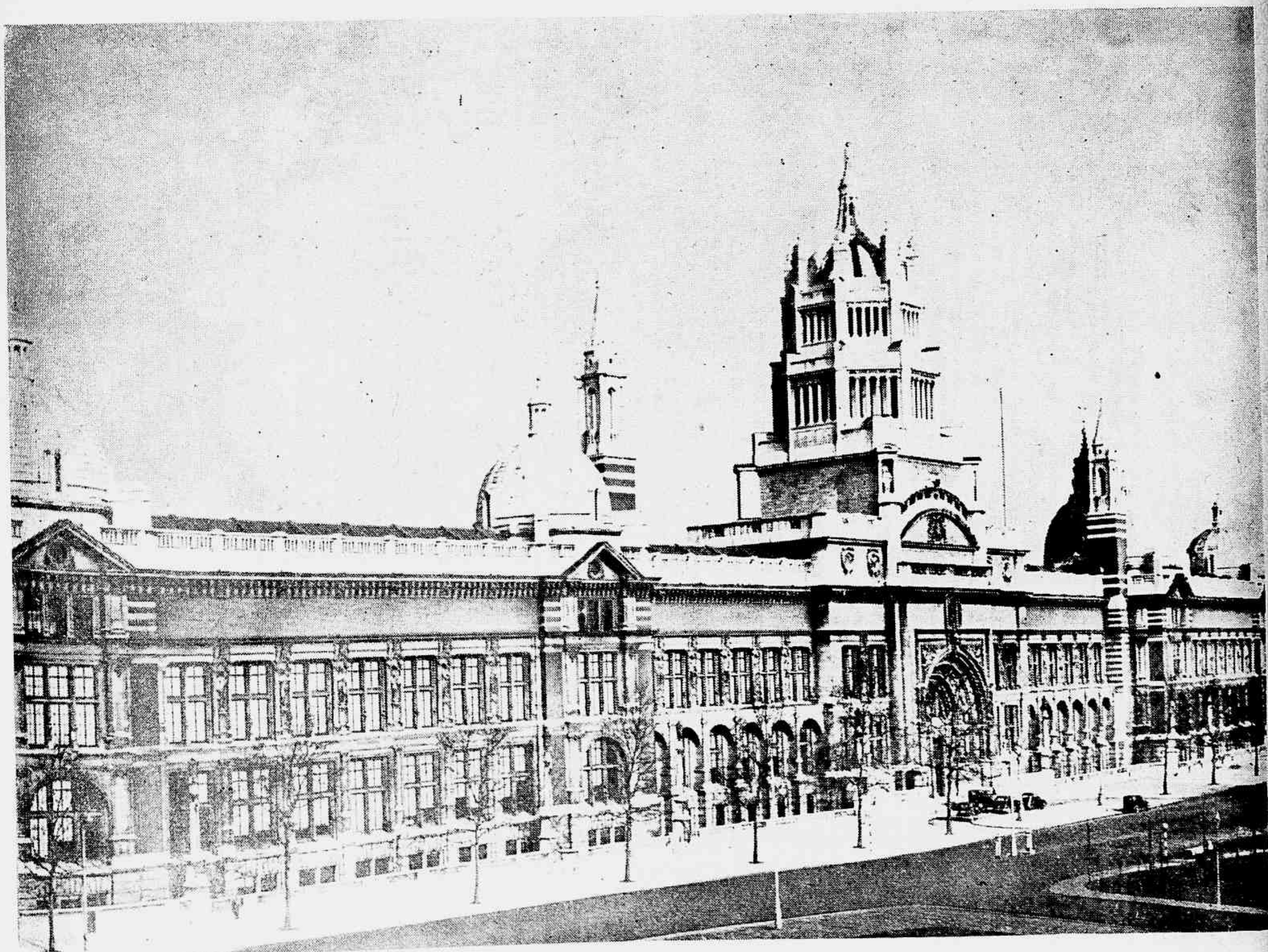
Mas talvez o fato mais interessante acerca da Grande exposição seja o de que ela foi responsável pela construção do centro de museus de Londres em South Kensington. Os lucros da Exposição somaram £ 150.000. Os Comissários Reais que tinham resolvido usar esse dinheiro para um propósito louvável, decidiram finalmente que Londres não possuía museus em número suficiente. Assim, resolveram empregar os fundos na compra de um terreno em que se pudessem construir mais museus. O governo concordou em contribuir com uma soma equivalente à que eles gastassem. Primeiro, compraram 57 acres de terra

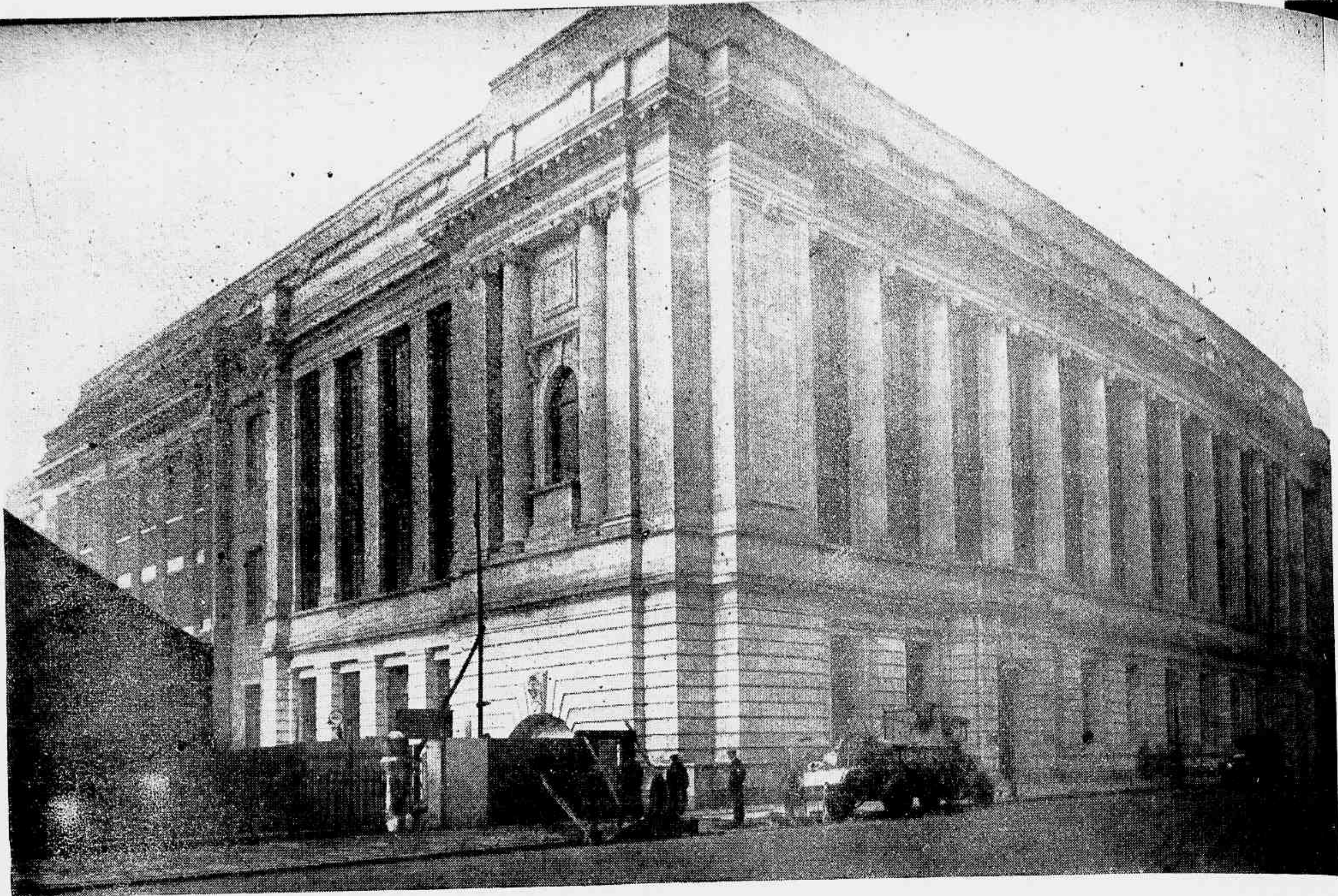
em South Kensington. O primeiro museu a ser inaugurado foi conhecido simplesmente como o museu de South Kensington. Seu atual edifício foi iniciado em 1899, tendo sido inaugurado em 1909 como o Museu de Vitória e Alberto, especializado principalmente em arte industrial e contendo uma coleção que pelo seu valor e proporção, é uma das mais belas do mundo. Arquitetura, escultura, cerâmica, gravação, ilustração e desenho, móveis, mobiliário e muitos outros mostruários industriais e artísticos estão ali representados em suas galerias. Presentemente, parte de seu espaço foi cedida à exposição "A Grã Bretanha Pode Fazê-lo", que tem um sentido bastante semelhante aos propósitos e à tradição desse museu.

Hoje em dia, as propriedades da Comissão de Kensington incluem 28 famosos edifícios. Entre eles contam-se o Museu de História Natural, o Museu de Ciências, o Museu Geológico, o Instituto Imperial, o Museu da Índia e o Real Colégio de Música. Todas essas instituições são muito bem aparelhadas e cheias de interesse tanto para o estudioso como para os visitantes comuns. Infelizmente, muitas delas tiveram que ser pelo menos parcialmente fechadas durante a guerra, e algumas delas sofreram danos devido às bombas inimigas. O Museu de História Natural, por exemplo, teve metade de sua série popular de grupos de aves de ninho destruída — e como cada grupo representa no mínimo seis meses de trabalho para um taxidermista e tais perdas são escassas, não representa uma perda que possa prontamente ser refeita. Mas, a despeito dos danos e de uma grande escassez



Ao alto: Vista aérea do centro do museu em South Kensington. O edifício arredondado no fundo é Albert Hall, o famoso "hall" de concertos. Em frente dele está o Colégio Real de Música, o Museu da Índia, o Instituto Imperial e o Museu de Ciência. Na frente, à direita, está o Museu de Vitória e Alberto. Em baixo: O Museu de Vitória e Alberto possui bela coleção de arte industrial. A esquerda: Vista do interior do Museu de Vitória e Alberto.





O novo Museu de Ciência — um museu nacional de ciência e de suas aplicações à indústria, possuindo valiosa mostra de maquinária, modelos de máquina e aparelhamento científico de funcionários, certo número de museus foram reabertos estando sendo feitos extensivos reparos nos mesmos.

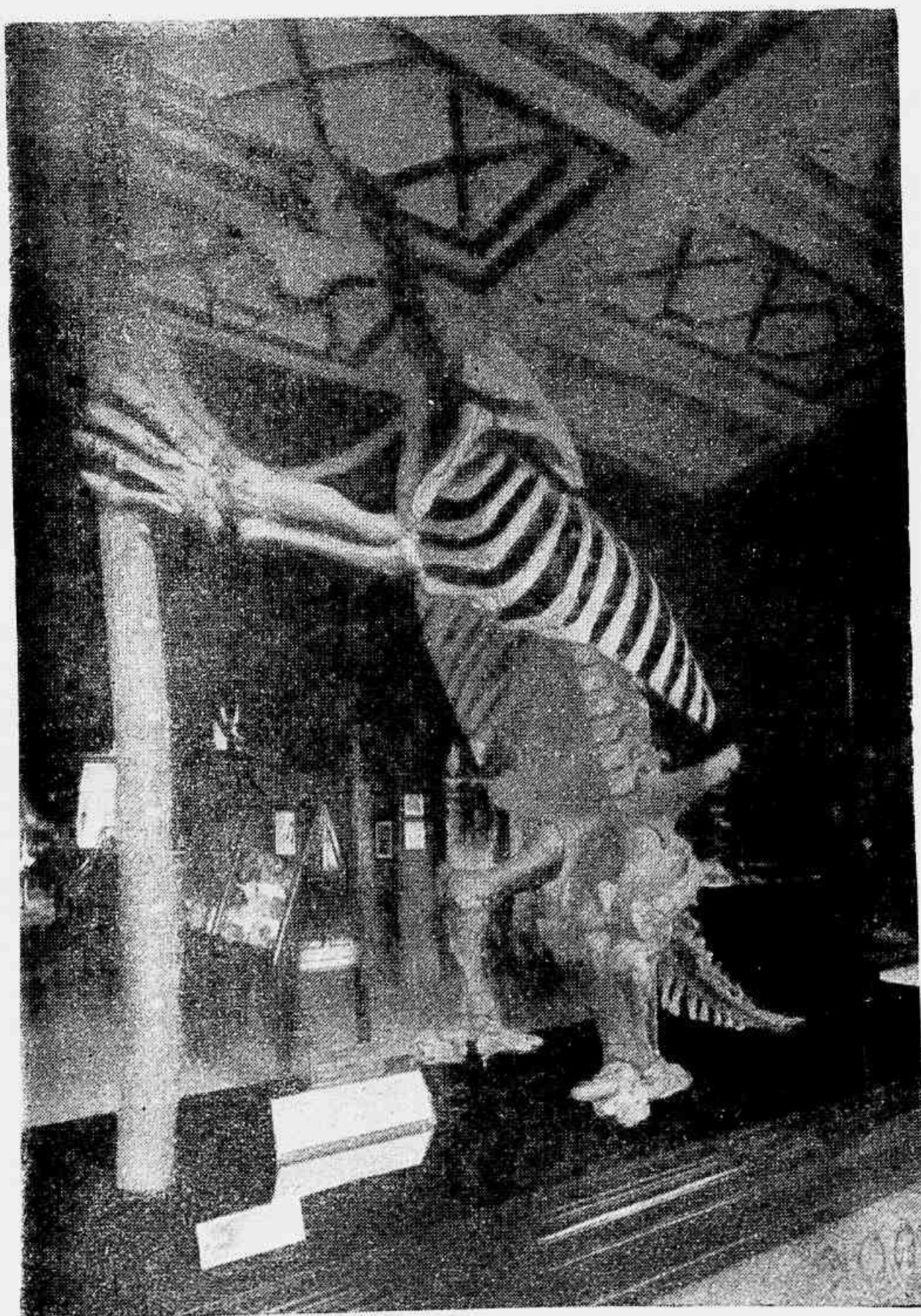
Os comissários reais que ainda existem como um organismo, têm ainda a seu cargo a administração de renda substancial que monta em cerca de 25.000 libras anuais, derivada de aluguéis e juros sobre investimentos. Essa renda é usada em propósitos educacionais. Várias bolsas artísticas e doações para pesquisas, são financiadas com essa renda. Homens célebres na Grã Bretanha têm sido ajudados conquistando essas bolsas, como

por exemplo Sir Robert Robinson presidente da Sociedade Real, e o escultor Jagger, para mencionar apenas dois deles.

A medida que os museus de South Kensington se reabrem, fica-se indagando sobre se emergirá algo de espetacular da exposição de 1951. É duvidoso; as exposições modernas a julgar pela experiência recente não apresentam lucro nos portões. Mas que a exposição de 1951 pagará belo dividendo à indústria em expansão da Grã Bretanha, e quanto a isso nem os patrocinadores — nem ninguém mais — parece duvidar. (Copyright do B. N. S.).

Esqueleto de um animal pré-histórico existente no Museu de História Natural.

O "East Hall" do Museu de Ciência.

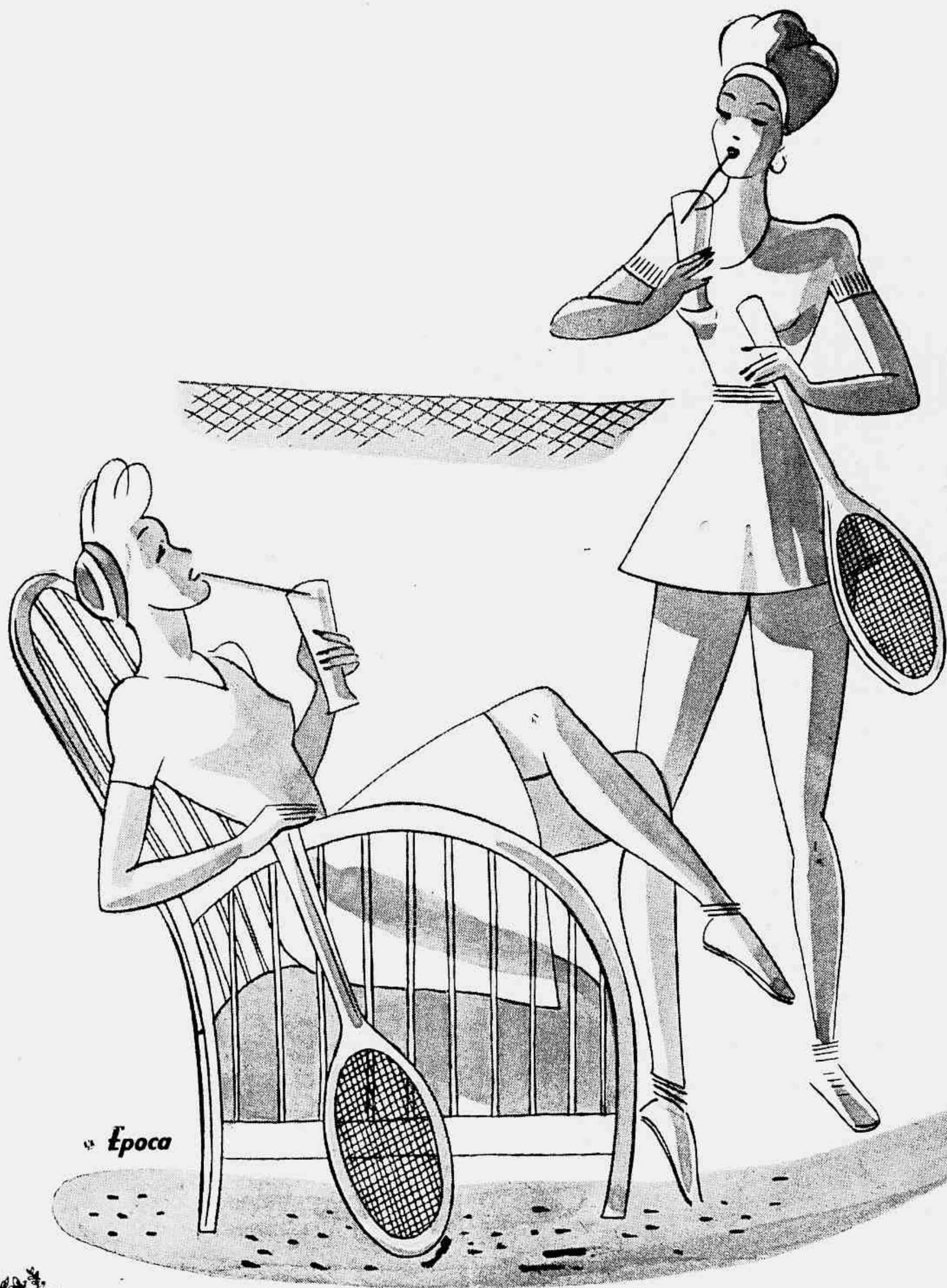


APÓS A PRÁTICA DO SEU SPORT FAVORITO

EXPERIMENTE O SEU REFRÊSCO FAVORITO - ANISETTE MARIE BRIZARD — COM ÁGUA GELADA.

MARIE BRIZARD É, ALÉM DE UM EXCELENTE LICÔR DIGESTIVO, O REFRIGERANTE MAIS AGRADÁVEL.

PARA SI E PARA OS SEUS AMIGOS — ANISETTE MARIE BRIZARD.



Epoca



Anisette

COM ÁGUA GELADA

MARIE BRIZARD

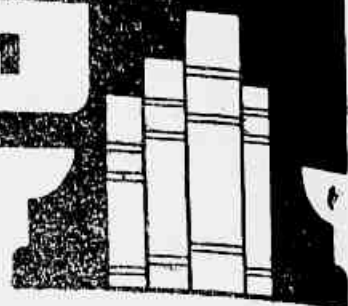
200 ANOS DE QUALIDADE

JUNTE
3 PARTES
DE ÁGUA
POR UMA
DE
ANISETTE

Livros

NOVOS

Por JOÃO LUSO



OS AMORES DOS TRÓPICOS, versos de Haroldo Cândido de Oliveira — Livraria Editora Dr. Candido de Oliveira Filho — Rio de Janeiro, 1946.

Estes amores dos Trópicos veem a ser iguais ou semelhantes aos de outro qualquer ponto do planeta. O amor é essencialmente igualitário. O tão citado "tempo em que os príncipes desposavam pastoras", e vice-versa, não teve rigorosa, assinaladamente princípio, nem, a bem dizer, há de ter fim. Trata-se de uma imagem arbitrária e fútil que, sobretudo por esta segunda condição, se divulgou ao infinito. Mas a reflexão profunda, como a observação mais comensal, nos leva à conclusão de que "aquele tempo", vindo dos começos obscuros da humanidade, ainda, nos nossos dias ultra-luminosos, e resplandecentes, continua. Nunca se amou de outra maneira ou mais do que hoje em dia. Sempre houve e haverá todos os amores. E o que sentimentalmente diz respeito à lei cronológica, com a mesma propriedade, isto é: sem restrição nem exceção, se aplica à geografia.

Foi talvez pela sonoridade, acima de qualquer outra razão ou indicação, que o Sr. Cândido de Oliveira adotou para os seus versos este título geral. Literária e sugestivamente, aos termos "trópicos tropicais" se liga a idéia de exuberância, ardor, júbilo extremo, impetuosa, deslumbradora violência. Ora, nas presentes páginas, há alguma coisa disso mas também há contemplação serena e doce emoção, alegria ligeira e, de vez em quando, uma ponta viva de ironia. Em todo caso, é o amor que domina, louvando e abençoando, cismando ou penando, revoltando-se ou sorrindo — podendo modificar-se de um momento para o outro, mas sempre evidentemente sincero. Eis um belo soneto a que não chamaremos madrigalesco, porque merecere qualificação bem superior à feição usual do gênero:



Quando, a sonhar, percorro as ruas da cidade,
Buscando o encanto azul de seus olhos de prece,
Não censuras, pela boca da amizade,
Ao amor que por ti no meu peito floresce...

Diz um: "Amigo, amor tão grande, na verdade,
Quase sempre é fatal: ou mata ou enlouquece..."
Diz outro: "Amigo, esquece esta mulher..." "Esquece!"
E outro: "Não ames tanto!... Volta à realidade!"

E minha mãe querida, ela, também, murmura,
Com seu leve sorriso irônico e sereno,
Que de amar tanto assim é mesmo uma loucura!

Mas eu sigo... A deusas vãs não me condeno...
Deixa!... Quando eles virem tua formosura
Meu amor — que é tão grande! — inda aiharão pequeno!



LIÇÕES DE CARICATURA, método de Raul — F. Brigueit e C. editores — Rio de Janeiro, 1946.

Talvez alguém condene o sistema adotado por este mestre insigne para esclarecer e orientar os candidatos a caricaturista. Começa ele por ensinar aos discípulos como se desenha. E eis o que a alguma gente parecerá inútil se não francamente prejudicial...

Vigora em certo meio a moda — também se lhe pode chamar epidemia — de repelir, como funesto à espontaneidade da vocação, tudo quanto seja clássico, básico, imprescindível à construção da obra de arte — ou, digamos, toda regra e todo saber. Perguntando-se a um dos pretensos vitoriosos do momento quem havia sido os seus mestres,

respondeu com sobranceira, quase com indignação: "Nunca os tive, porque fiz questão de conservar íntegra e pura a minha individualidade!" E a frase com pretensões a axiomática dos que se julgam capazes de tocar piano sem ter aprendido música ou de escrever sem o mais leve conhecimento das regras gramaticais. Afirmando os primeiros que lhes basta o ouvido, os outros que tudo conseguem com a intuição. E estes, então, são temíveis ou só o não são porque não podem. Tratam com desprezo o trabalho de todo aquele que realmente estudou, mais ou menos aprendeu; e, se eventualmente chegam a ocupar um posto em que lhes seja dado separar, escolher, sistematicamente preferem os ignaros e contra os cultos tentam erguer a barreira ou mover a perseguição. Assim nas letras como nas artes e até nessa arte que tantos consideram a mais fácil e mais acessível aos audaciosos sem preparo: a caricatura.

A estes, implicitamente mestre Raul os deixa de parte. Que triunfem à sua maneira, entre os seus iguais, por completo lhe é indiferente. Se alguma vez sofreu a hostilidade da incompetência temporariamente prestigiosa, soube lhe

responder, não fazendo caso. Só os bem intencionados, os que desejam instruir-se e adestrar-se, verdadeiramente lhe interessam. E para eles o presente compêndio que principia mostrando como se pega no lápis, se coloca o papel, e vai até à composição mais requintada e sutil. A caricatura "futurista", isto é: dos incapazes de desenhar certo, não observa, não define, não explica; não formula uma crítica nem esboça o mais leve comentário; toma o assunto como pretexto para se contorcer em gatafunhos à toa; como idéia ou emoção, não existe, não chega a ser coisa alguma. Fala-se, para a justificar, em modernismo. A tal, propósito, temos aqui à mão um exemplo bem elucidante. A REVISTA DA SEMANA está dando agora, por via de regra, duas páginas de grandes humoristas do lápis, ingleses e norte-americanos; repare-se como em todos esses trabalhos, por mais extravagantes ou, na aparência, disparatados que sejam, há um fundo sério

R A U L
Lições de
Caracatura
3ª edição
B R I G U I E T
1946

e firme da arte de desenhar. Nenhum desses colaboradores de semi-diários ou mensários célebres se improvisou caricaturista. E muitos sem dúvida praticariam o mister irreverente e adorável à maneira do grande Forain que executava o desenho detalhado, acabado, para depois o ir simplificando até ao recorte mínimo capaz da máxima expressão. Não vos iludais, ó jovens, com os exemplos do "repentismo" que fatalmente, e repentinamente, há de passar. Segui à risca o que vos forem dizendo, uma a uma, as páginas deste método escolar. Tudo elas vos ensinarão — menos, está claro, a ter talento. Porque isso não é com Raul nem com professor algum; é com Deus Nosso Senhor.



TERRA VERMELHA, "romance social" de Francisco Ayres — São Paulo, 1946.

Não data de hoje esta obra, mas de há bons quinze anos, para mais que não para menos. Acontecimentos a que ela faz referência assim cronologicamente e revelam. Ora, tres lustros na vida de localidades paulistas em formação, em pleno desenvolvimento, sem dúvida trazem alterações consideráveis. E é bem de imaginar como os fatos e os aspectos que o livro, através de um fio tênue de entrecho, vai pormenorizada, profu-



samente apresentando, se tenham modificado no vulto, na importância, em toda a significação. Nem por isso as idéias do autor da *Terra Vermelha* quanto àquela fase da formação de cidades onde, lá pouco, só havia planície inculta ou floresta bravia, perderam o seu valor de observação e comentário.

A narrativa, que se detém em particularidades mínimas e quase se perde em incidentes de diálogo casual, obedece, no fundo, a uma nobre e necessária campanha. O protagonista é um médico recém-formado, o qual, para se libertar do trabalho ingrato e das humilhações a que, nas grandes cidades, estão sujeitos os clínicos no princípio da carreira, vai tentar fortuna nos cafundós do interior, onde a luta civilizadora está no começo mas já vale a pena de ser empreendida com sincero esforço. Com efeito, o meio lhe é propício, porque ele o sabe compreender e, quando necessário, bater-se contra ele. Não lhe faltam, para o exercício honesto da profissão, adversários mais ou menos poderosos. Tem que enfrentar corajosamente a praga dos curandeiros, a calamidade do baixo espiritismo

todas as hostilidades da ignorância e da rebeldia. Mas vai insistindo, vai vencendo. Para o animar, além da previsão do bom resultado final, tem a correspondência de certa criatura, Katucha se chama ou se assina ela, cheia de ternura efusiva, dada também a digressões literárias e filosóficas, em suma: para as condições de existência em que o rapaz se encontra, a missivista ideal. E, no último capítulo, viajando para o Rio em avião, o herói traz consigo um princípio de vitória, feito sobretudo da certeza da que melhores dias, para ele como para toda a gente, se preparam e não tardarão a chegar.



POEMAS DA QUE VAI SER MÃE, páginas sentimentais de Elôra Possólo Chaul, com ilustrações de Orval. — Publicação do Departamento Nacional da Criança. — Rio de Janeiro, 1946.

São poemets em prosa. Ditou-os um coração cheio, saturado, extravasando de ternura. Impregnaram-se de um lirismo estreme e em êxtase. Uma alma que se resume à contemplação de si mesma... O mundo inteiro vem ter com ela para que escolha as razões e os pretextos do seu jubiloso enlevo. Só lhe agradam, só lhe convêm as lindas formas e os aspectos ditos. Separa, para lhe formarem o ambiente, a música, os perfumes, as luzes de festa, devoção, amor. Cerca-se de sol e de estrelas, de pássaros, de flores — de frutos também. São estes os motivos que, de momento a momento, se repetem nas suas expansões pre-maternais. Se não vêm todos, vem um, pelo menos, em cada página. Eis a primeira destas:



Tenho agora silêncios mais prolongados. Não de tristeza... de ternura comovida... A beleza de uma tarde me põe lágrimas nos olhos, a beleza de uma rosa me põe nos lábios um sorriso. Choro, às vezes, e sou feliz. É porque sou feliz que choro. Minha voz tem suavidades novas para o amor; minhas mãos carícias mais delicadas... Meus passos se fazem leves como se temessem despertar alguém... Minha prece tem mais fervor quando sai de meu coração... Surpreende-me a sonhar com os ninhos que as aves constroem nas frondes. Tenho receio de pisar as ervas dos campos e de tocar com meus dedos as águas dos regatos... Porque sonho que todos as ervas trazem, como eu trago, um filho escondido no seio...



RECEBEMOS:

Vida de Carlos Gomes terceira edição do livro escrito pela filha do músico glorioso, Itala Gomes Vaz de Carvalho. Edição da Empresa "A Noite" — Rio de Janeiro, 1946.



O trabalho nos Estados Unidos e Em prol da cidade de um povo, boletins de propaganda que fazem parte de uma série relativa ao progresso social da grande nação americana. Publicação da Repartição de Assuntos Inter-americanos. — Washington, 1946.



Jane Powell a encantadora "estrelinha" da Metro-Goldwyn-Mayer exhibe em "Hollyday in Mexico" este lindo modelo em organza, cetim e renda branca.

NOS BASTIDORES FEMININOS

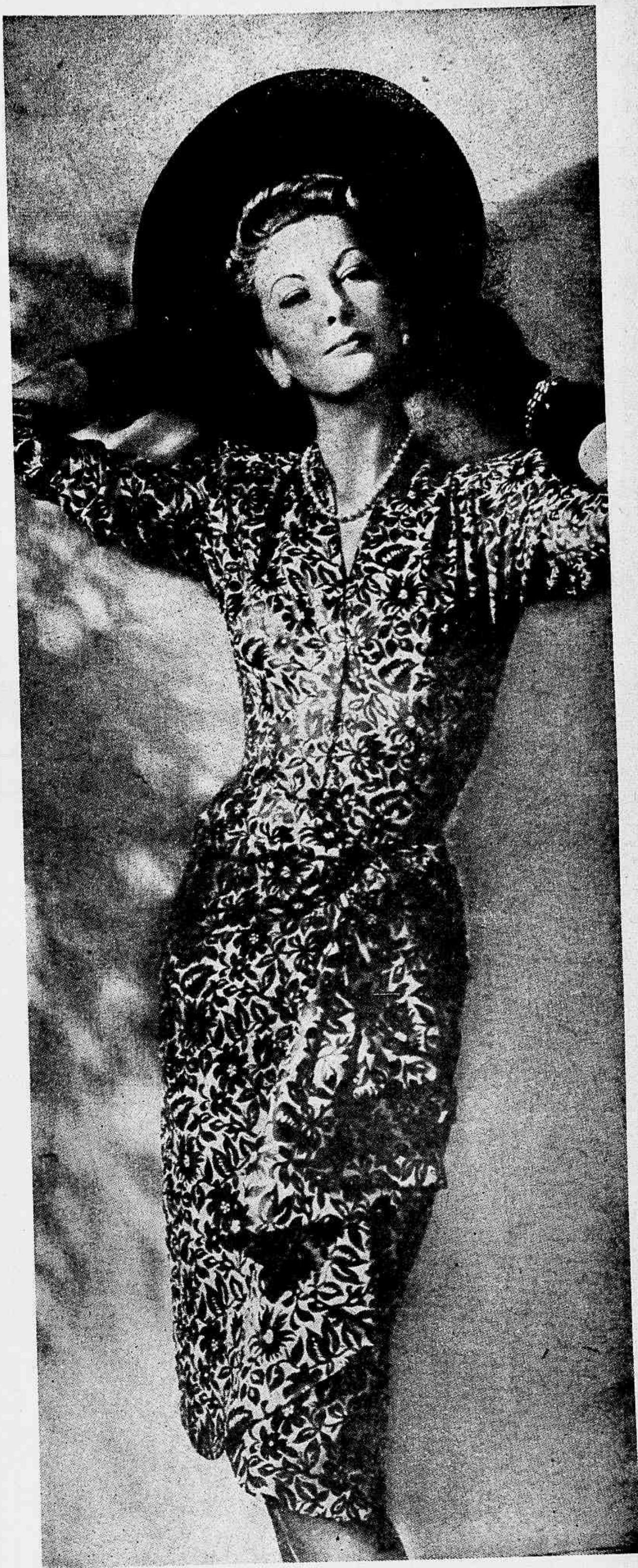
O MÊS DE DEZEMBRO só tem um concorrente: Maio. Nestes dois meses é que todos se casam, preferência claramente explicável, visto serem de fato dois meses alegres, festivos e simpáticos... Mas, você, minha amiga, que também se vai casar em Dezembro, já se preparou mental e espiritualmente para enfrentar a nova situação? Creia, isto é tão necessário quanto a confecção do enxoval. Merece o mesmo estudo, a mesma atenção, merece todo o seu carinho e todos os seus pensamentos. Assim como você prepara previamente o que vai usar depois de casada, deve também preparar previamente a sua maneira de agir.

Naturalmente você já procurou conhecer bem o temperamento do futuro esposo, sabe o que o agrada e o que o desagrada; conhece os seus pontos de vista sobre todos os assuntos; suas preferências, etc...

E então, dentro desses conhecimentos você preparou a sua vida futura. Já sabe, por exemplo, que, sem matar a sua própria personalidade, você deverá se adaptar aos métodos de vida do futuro esposo, já sabe que deverá fazer tudo para evitar discussões e

(Continua na pág. 46).

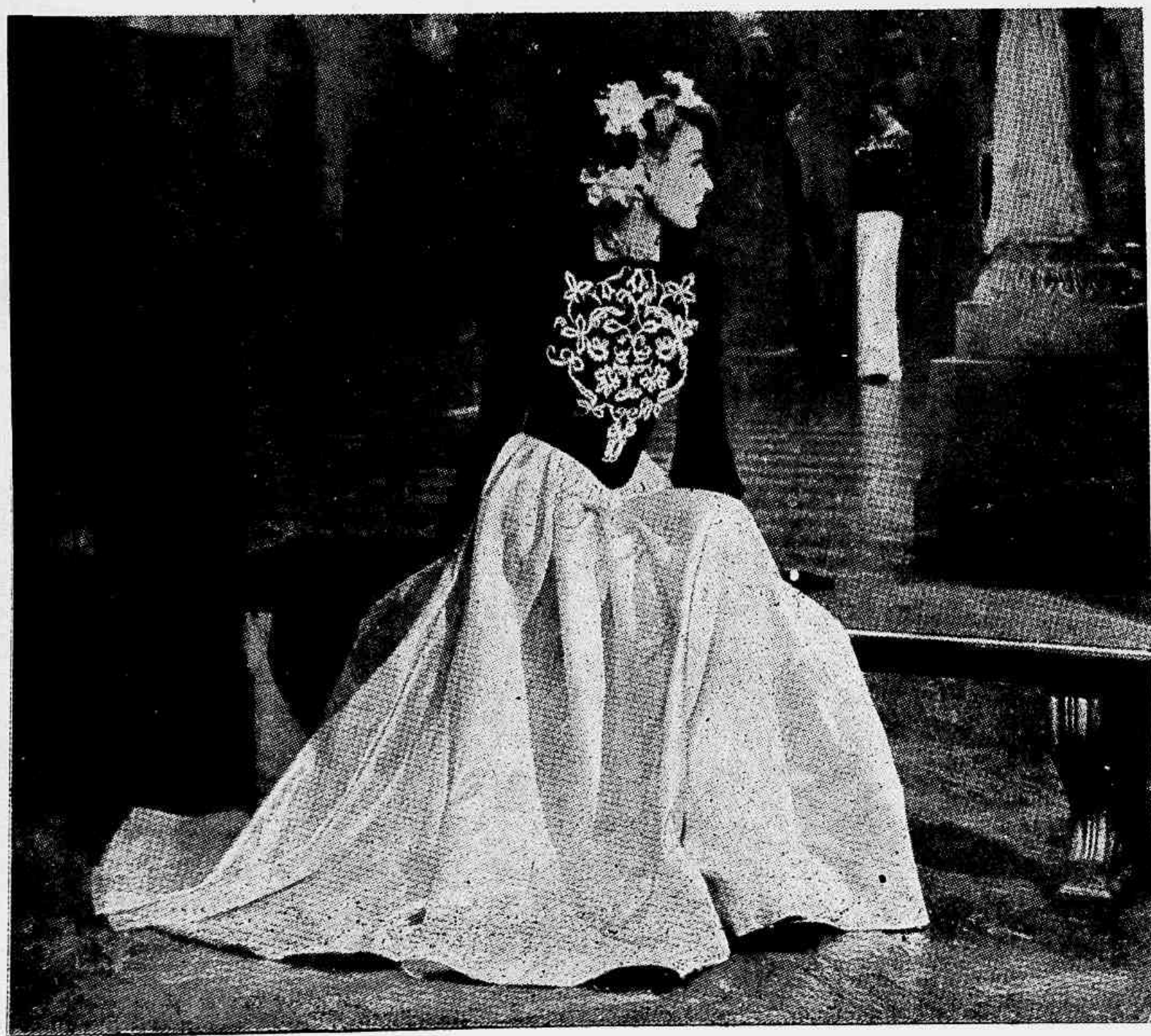
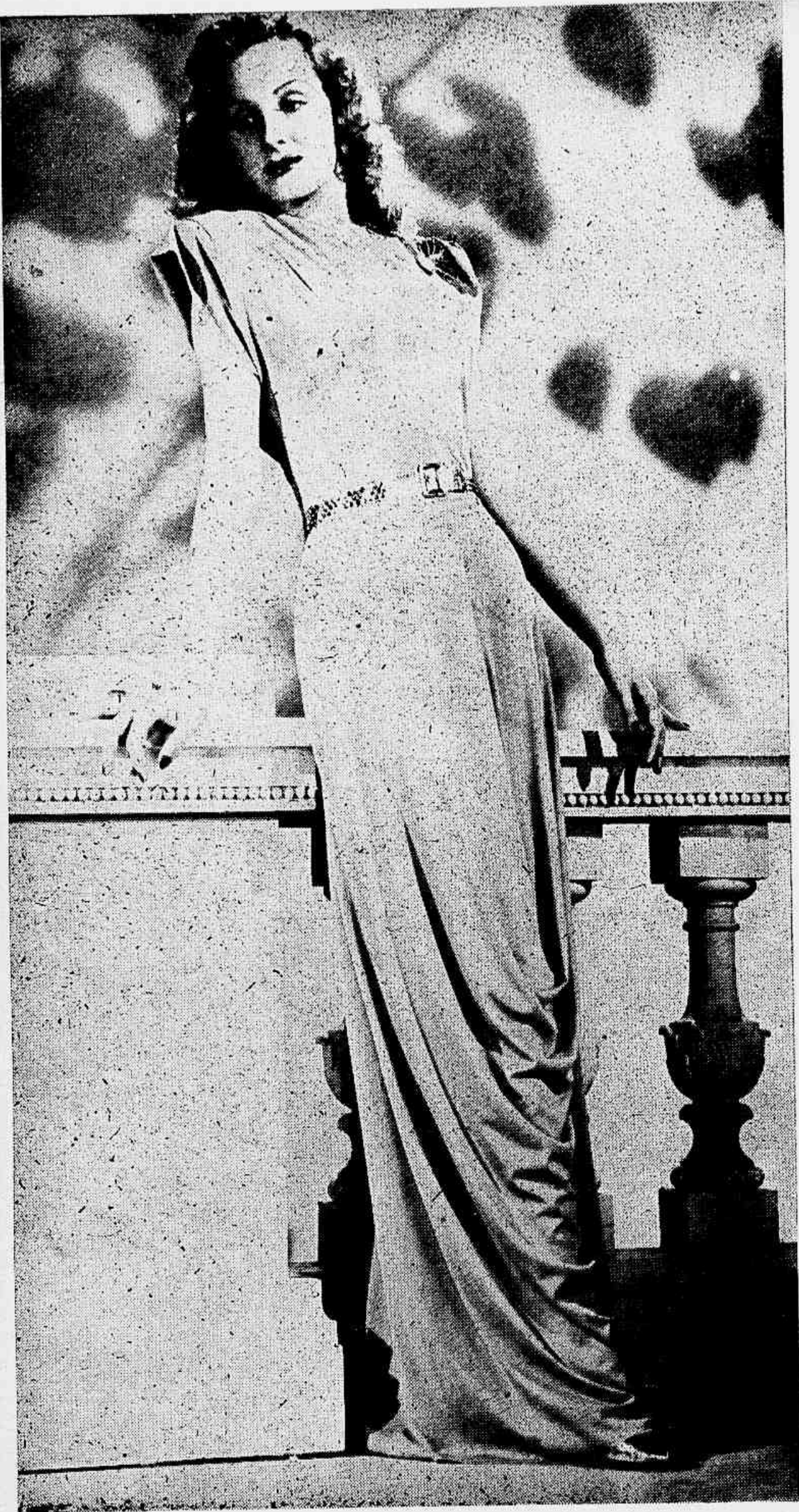




MODELOS DE VERÃO

LISTRAS, "shantung", linha, bordados, estamparias, tudo muito vivo e muito alegre, é o que a moda deste verão recomenda. As mulheres queimadas do sol da praia, devem aparecer ainda mais belas e mais jovens. Os modelos aqui apresentados, constituem ótimas sugestões para as nossas leitoras... Na página à esquerda vemos: à direita, vestido de seda branca, blusa com transpasse, lapela e mangas japonesas. Saia "godet" com "machos". À esquerda: Maggy Rouff criou este modelo de seda estampada

azul marinho e branco. Decote em "V". Faixa à cintura terminando com pontas largas. Saia transpassada com uma parte mais curta. Nesta página, temos agora um vestido bastante alegre, de "shantung" branco, com curiosas aplicações na blusa e na saia. Blusa transpassada, saia também, com uma "banda" mais curta e, finalmente, vestido de seda estampada. Saia "godet". Na blusa, babado também "godet", formando gola.



REVEILLON

N ESTAS páginas, as nossas leitoras encontrarão as últimas sensações de Hollywood e Paris, em material de "toilettes" para a noite. São quatro modelos verdadeiramente preciosos que satisfarão aos gostos mais exigentes. Ao alto à esquerda: Constance Moore, surge maravilhosa neste vestido de jersey cinza, que lhe modela o talhe e com drapeados abaixo dos joelhos. Mangas japonesas. Sobre um ombro, recorte em tom escuro, bordado com pedras. Cinto dourado em pedras também. A direita: Gail Patrick, da Republic, exhibe um modelo branco de grande beleza. A blusa, de talhe alto e mangas japonesas, tem pequenas estrelas bordadas com vidrilhos. Cinto maravilhoso de "pailletté". Saia toda prissada. Em baixo, à esquerda: Uma "toilette" deveras luxuosa. Vestido para a noite preto e branco. A blusa preta, tem a frente toda bordada em branco. A saia é de cetim branco, bastante armada. Luvas pretas, longas. Finalmente, na página ao lado, modelo de rayon branco. Decote em "v" com "pences" no ombro. Blusa drapeada, saia franzida. Cinturão largo, com ilhozes dourados.



o as
nate-
delos
gos-
poore,
the
Man-
curo.
bém.
odelo
man-
vidri-
sada.
uosa.
em a
anco,
a pá-
com
Cintu-



JOCKEY CLUB MUNDANO

Domingo último realizou-se mais uma tarde de alegria e elegância no Hipódromo da Gávea. Como sempre, a nossa reportagem esteve presente a esse centro de diversão, onde se reúnem elementos da mais alta sociedade brasileira, e estrangeira quando em visita à nossa Capital.

Durante o desenrolar das carreiras de domingo último colhemos na "pelouse" os instantâneos aqui reproduzidos.



NATAL! NATAL! NATAL! NATAL! NATAL!

Almas floridas! Corações em festas!
Jesus nasceu! Os céus se enchem de luz.
Do palacete á casa mais modesta
Entoam-se louvores a Jesus!

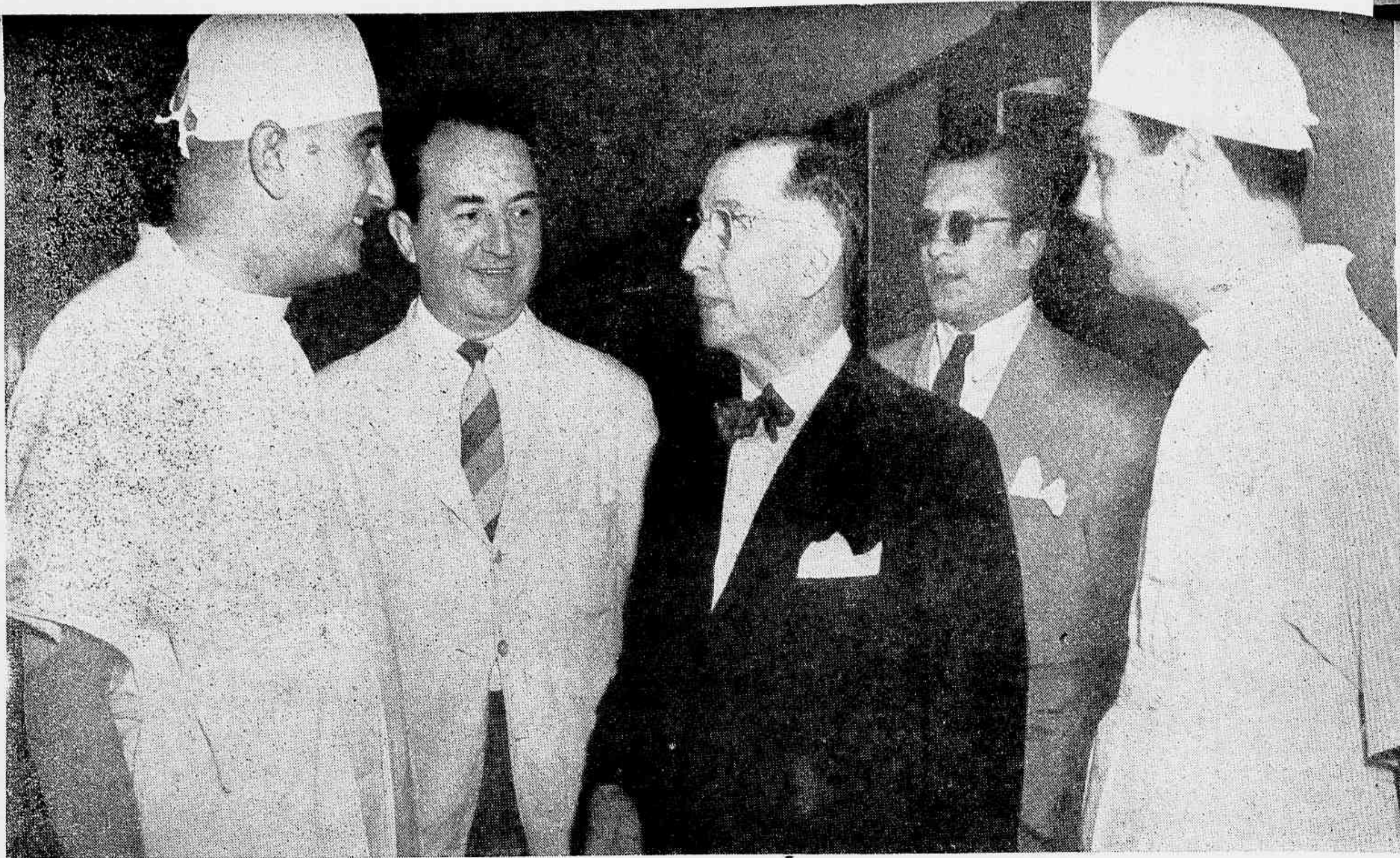
Ele é Fé e Esperança. E' a voz que incita
Os homens para o bem, vencendo o mal.
Dia de Amor e Paz! Hora bendita
Em que nos corações vibra o Natal.



A NOTRE DAME DE PARIS
congratula-se com os seus
queridos clientes e suas famílias
desejando-lhes venturoso Natal e
prospero Ano Novo.

A CASA QUE MAIS BARATO VENDE
EM TODO O RIO DE JANEIRO

OUVIDOR, 182.



O dr. Brandão Filho chega ao hospital da Polícia Civil para intervir no caso de que trata a presente reportagem. Antes de se preparar para o ato, mantem-se em ligeira palestra com o dr. Costa Moreira, diretor do hospital e seus assistentes drs. São Thiago e Valverde Miranda.

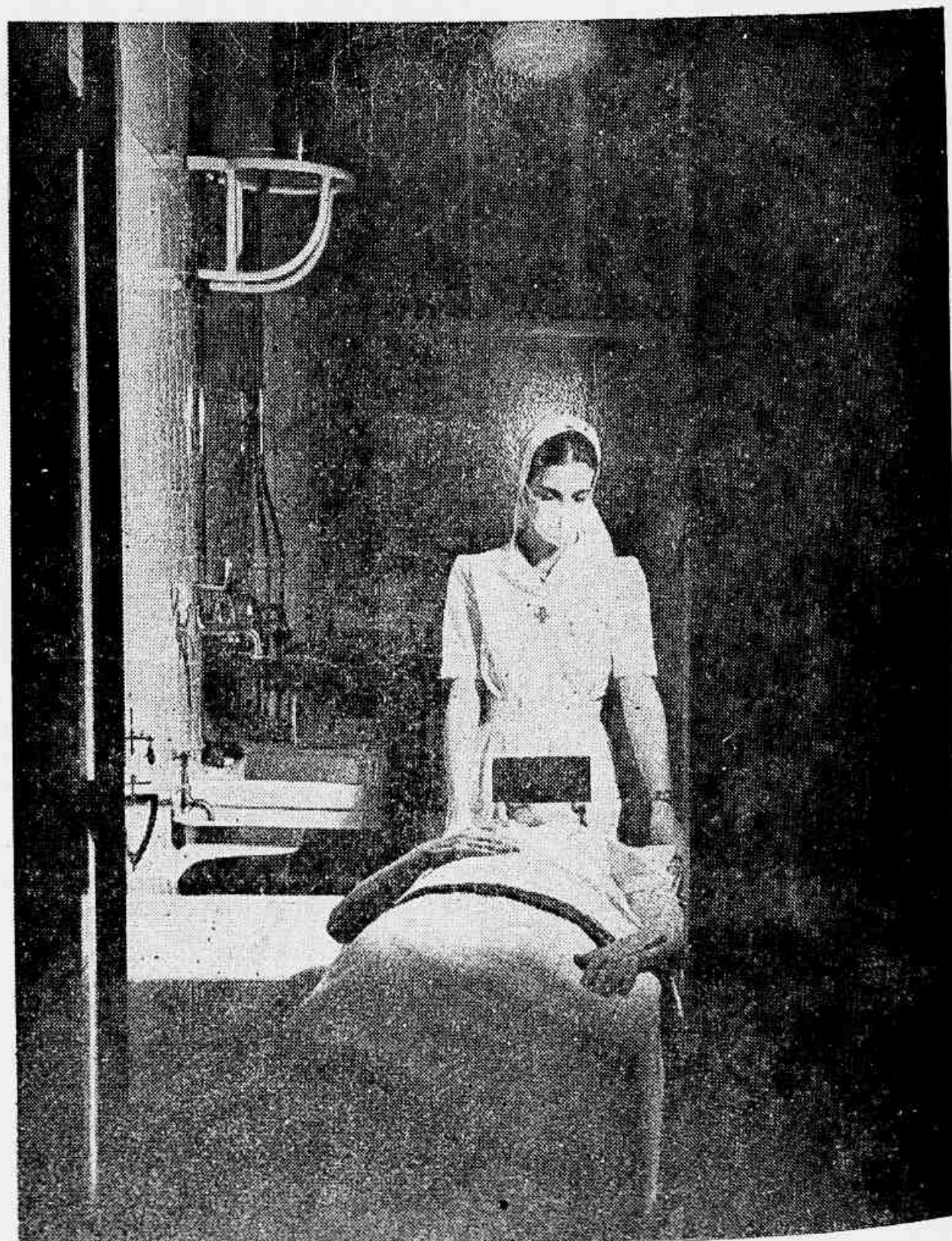
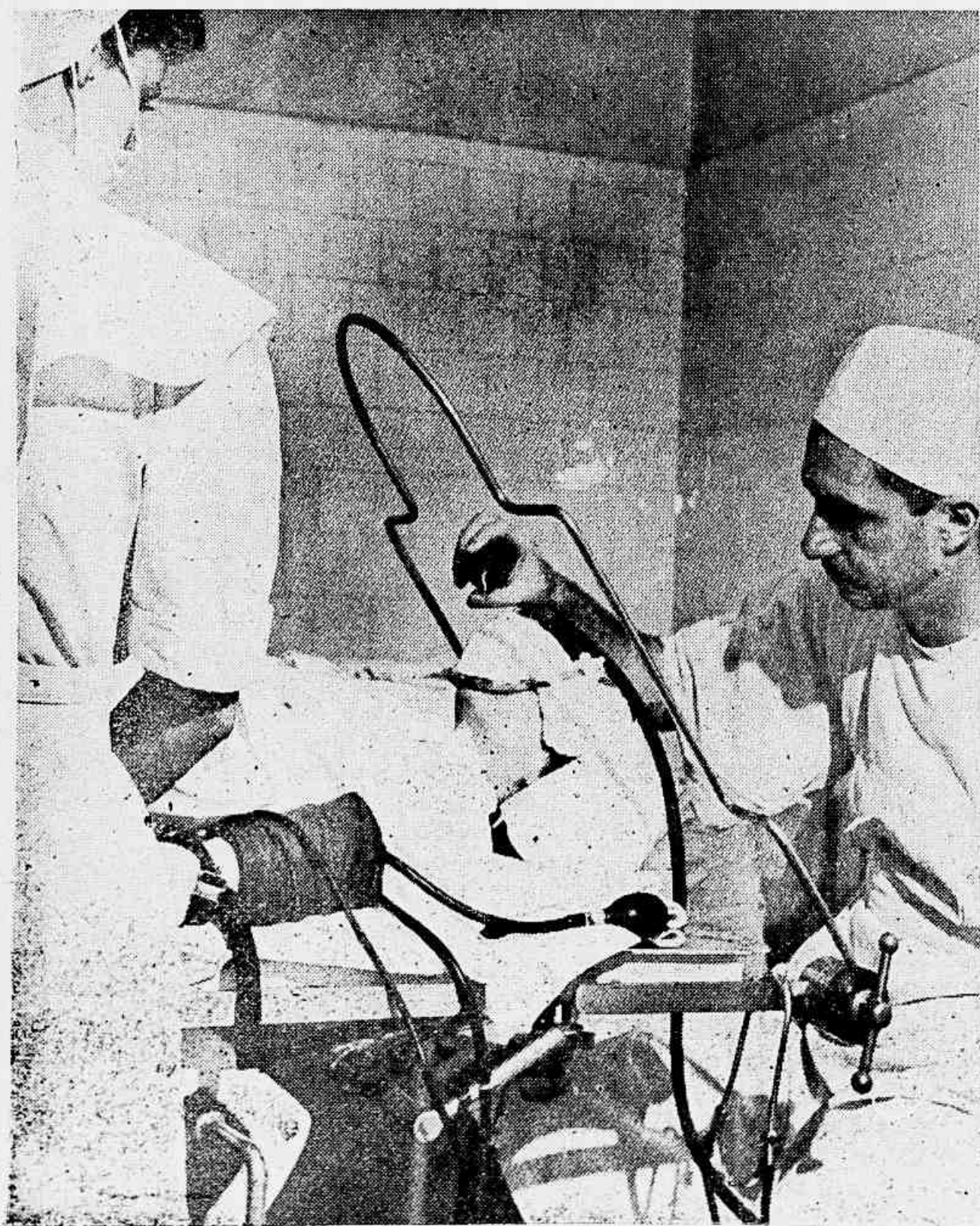
BISTURI EM AÇÃO!

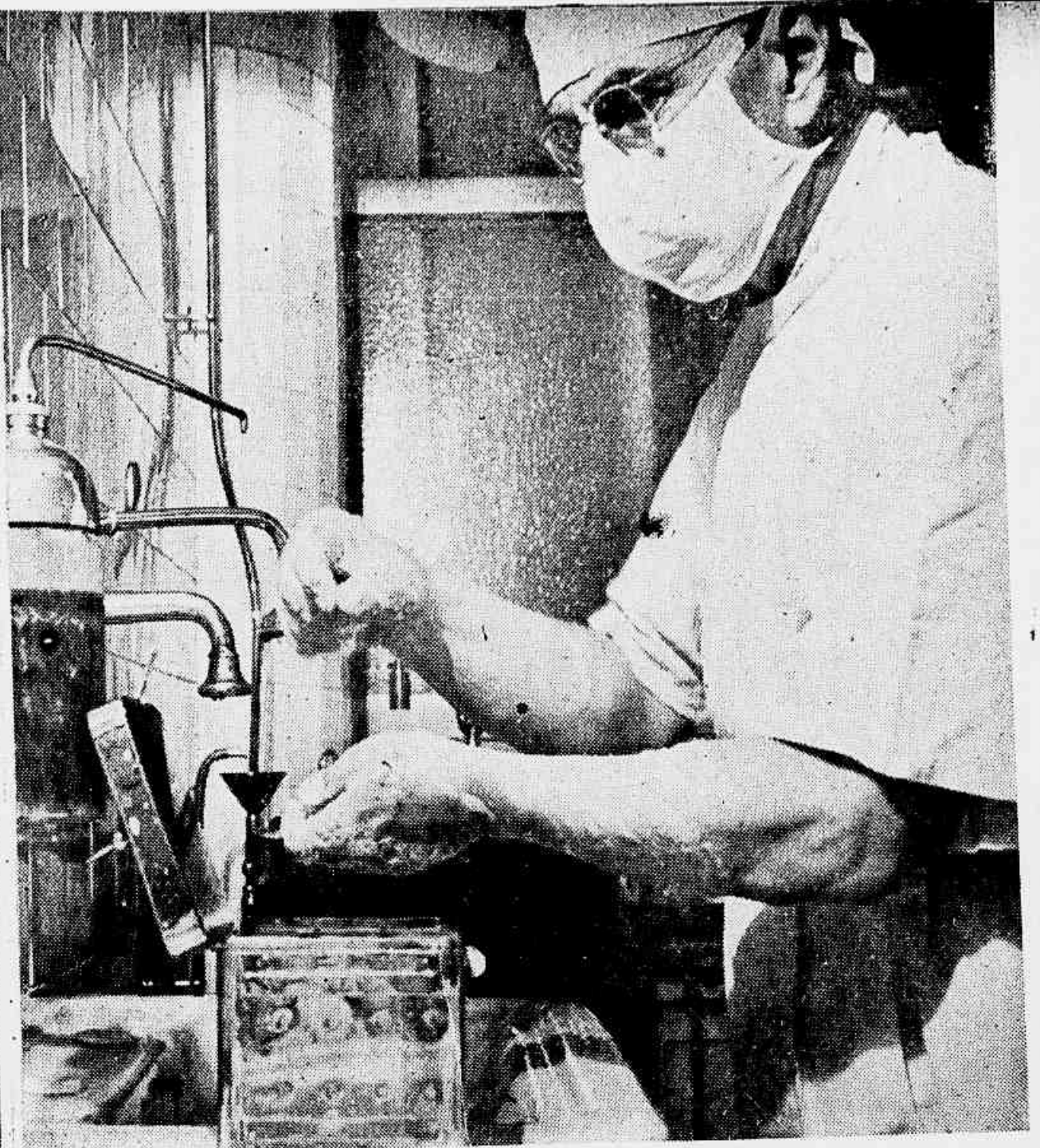
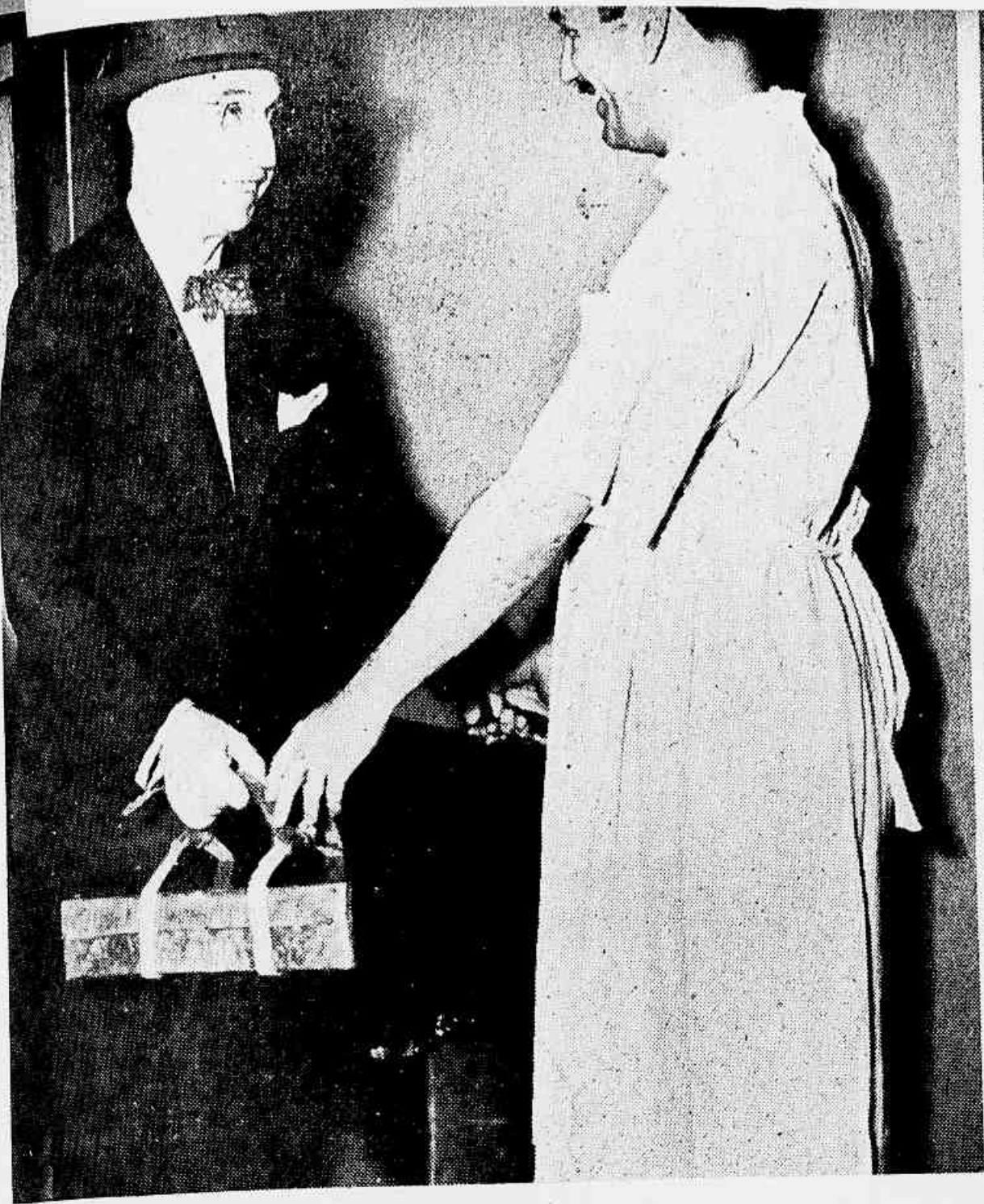
ESTAMOS num consultório médico. O paciente aguarda com os nervos tensos, o diagnóstico que decidirá da sua sorte. Diante dele, o médico exhibe uma expressão que mal dissimula um grande esforço da vontade para não revelar de chofre a gravidade do caso. Por fim ergue os olhos, fita com bonda-

de o rosto lívido que aguarda a sua sentença e as palavras lhe saem da boca, breves e incisivas: "...é preciso operar". Palavras que criam na alma de quem as ouve a angústia do medo, a pavorosa sensação de algo irremediável. À simples idéia de ter as carnes rasgadas pelo bisturi, seus órgãos vitais alcan-

çados pela mão hábil do cirurgião, basta para apavorar muita gente que se tem na conta de corajosa. E no entanto, nada mais simples, mais rotineiro na vida de um cirurgião do que extirpar do interior do organismo o mal ali localizado. O lado dramático das operações cirúrgicas atenua-se diante da evolução constante dos métodos aplicados a esse importante ramo da medicina. Tudo se processa nas salas de operações, dentro da mais rigorosa perfeição técnica e o paciente tem a seu favor o máximo de cuidados que a ciência pode colocar à sua disposição. Para que o leitor tenha uma

A esquerda: Anestesia de emergência. Houve um acidente com o aparelho de protóxido. Em substituição aplica-se eter e oxigênio por meio de tubulação. A cena mostra a fase preliminar desse delicado trabalho. A direita. A paciente é conduzida para a sala de operações. Ponte suspensa entre a vida e a morte. Tudo dependerá agora da resistência do seu organismo e da pericia do cirurgião.





A esquerda: Entregando as caixas com os ferros cirúrgicos ao assistente do dr. Costa Moreira, o dr. Brandão Filho revela na fisionomia risonha a sua confiança no êxito da operação. A direita: Assépsia. Detalhe importantíssimo no limiar de qualquer intervenção cirúrgica. E' preciso estar atento às armadilhas dos germes.

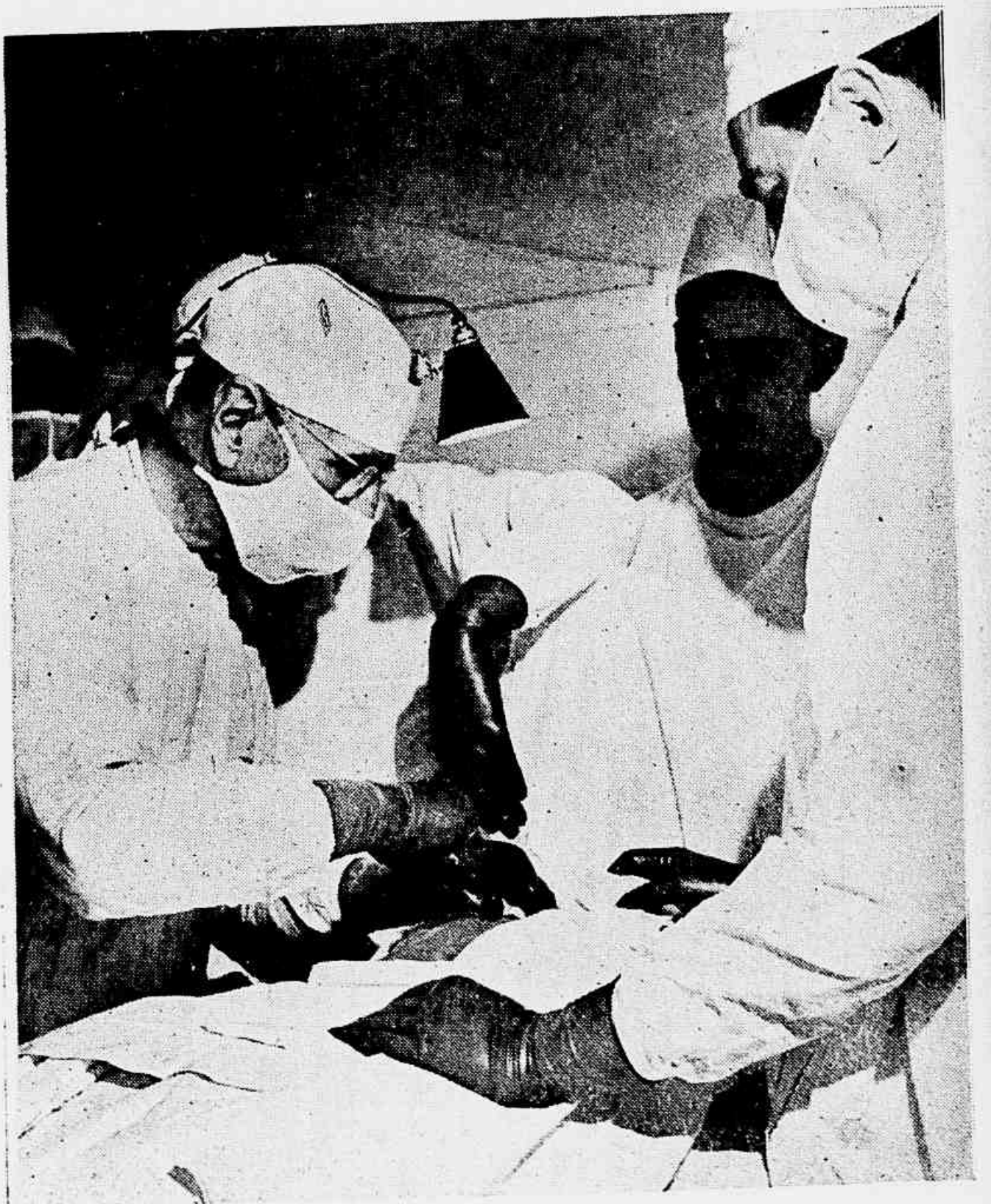
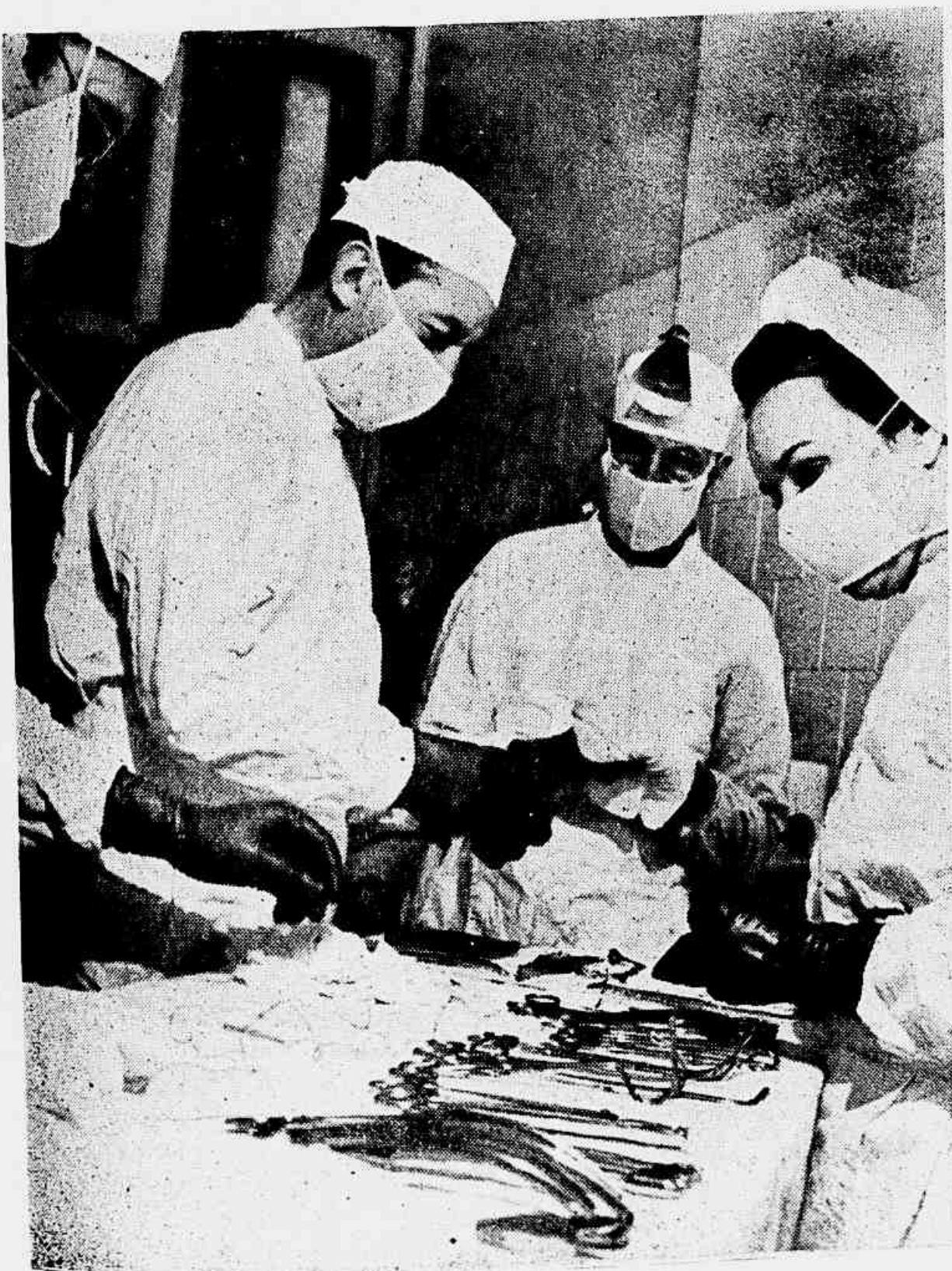
idéia perfeita do que se passa nesses momentos em que, da perícia com que é manejado um bisturi, depende uma vida humana, vamos transformá-lo, através desta reportagem, no espectador de uma dessas batalhas diárias contra a morte.

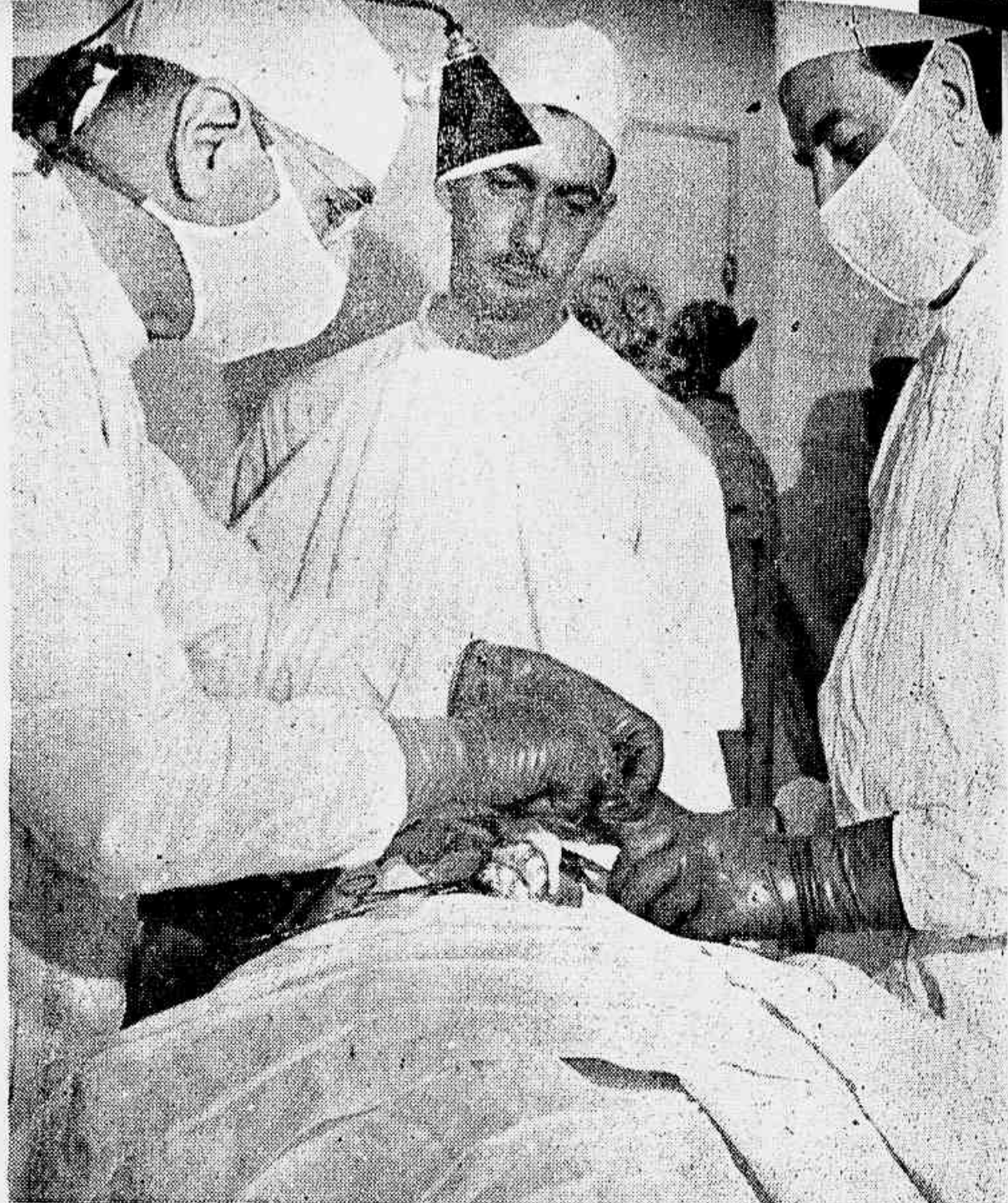
Num dos leitos da enfermaria da Polícia Civil, uma paciente está em observação há vários dias. O boletim registra lacônicamente: fístula biliar. A enferma fora operada há dois meses e, contra todos os prognósticos, surgira aquela anomalia. Uma caso raríssimo e de que preocupa fortemente os médicos. E' preciso operar mais uma vez. O dr. Costa

Moreira que na direção daquele hospital se empenha em que todos os recursos sejam postos à disposição dos doentes, resolve convidar o Dr. Brandão Filho para intervir no caso. Isto porque aquele conhecido cirurgião é um especialista em operações desse gênero pois, pelas suas mãos já passaram dez mil casos de fístula biliar, todos resolvidos com absoluto êxito. A presença do Dr. Brandão Filho é imediatamente solicitada. Segue-se o exame da paciente e é marcada a data da operação. Nesse dia, às primeiras horas da manhã, o dr. Brandão Filho chega ao hospital. Ali já o aguardam os médicos assistentes. Os pre-

parativos se iniciam. Uma infinidade de detalhes tendo em mira a proteção da enferma. Tudo deve estar nos seus lugares no momento aprazado. As enfermeiras movem-se rapidamente, cumprindo as ordens recebidas. Calma e consciente das suas responsabilidades, o dr. Brandão fiscaliza tudo, desde a disposição dos ferros cirúrgicos aos mais insignificantes pormenores. Na luta que se travar é preciso estar atento à investida traiçoeira dos germes que pairam no ar. A casamata da assépsia não deve oferecer nenhuma brecha ao inimigo. Tudo pronto. Tem início a anestesia. No caso que estamos presenciando

A esquerda: Antes de operar, o dr. Brandão Filho examina atentamente a disposição dos ferros em cima da mesa. Tudo deve estar nos lugares no momento aprazado. A direita: O dr. Brandão Filho dá o primeiro corte no campo operatório. Seus assistentes não perdem um detalhe dos seus movimentos. E' o mestre pontificando na cátedra da vida.





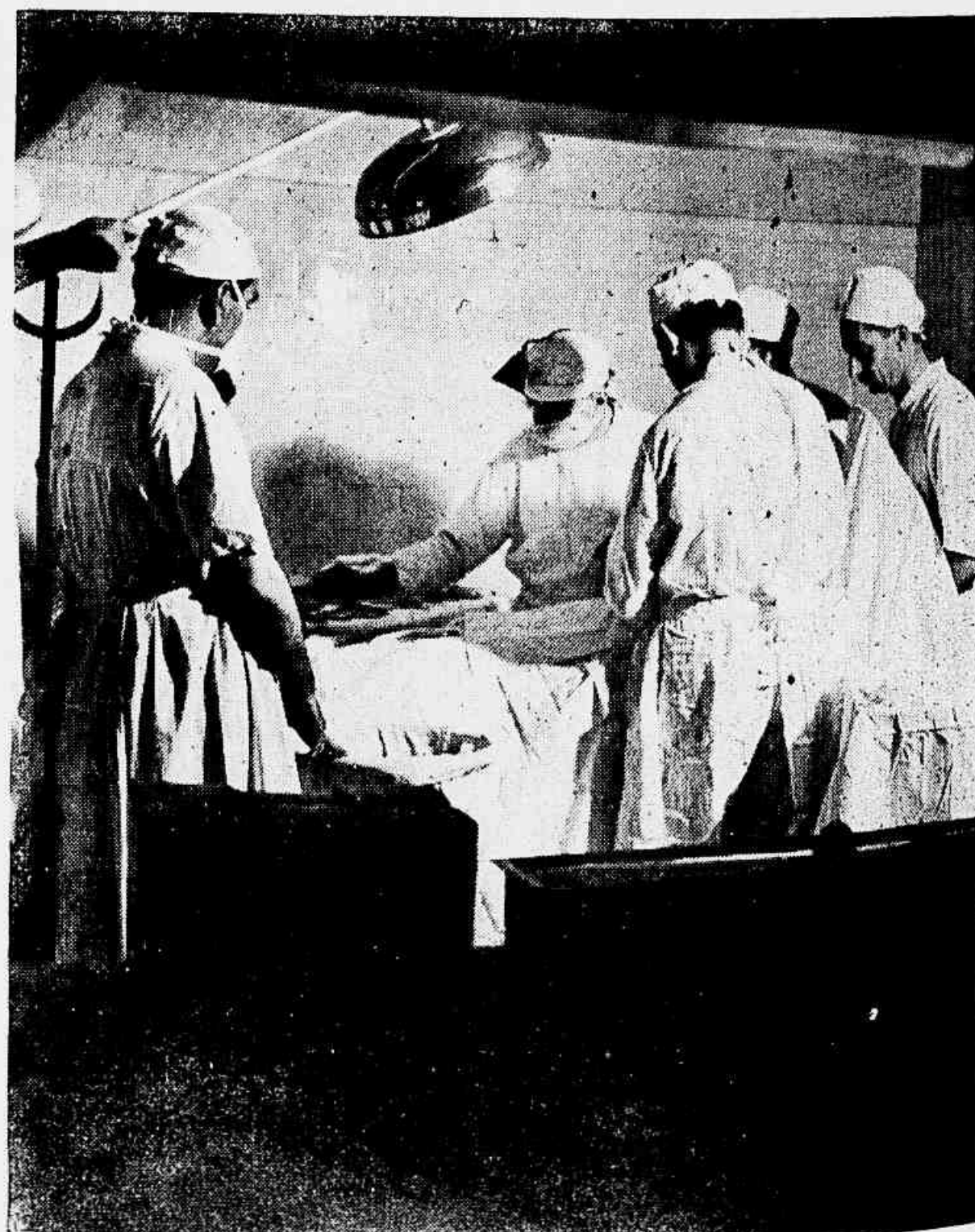
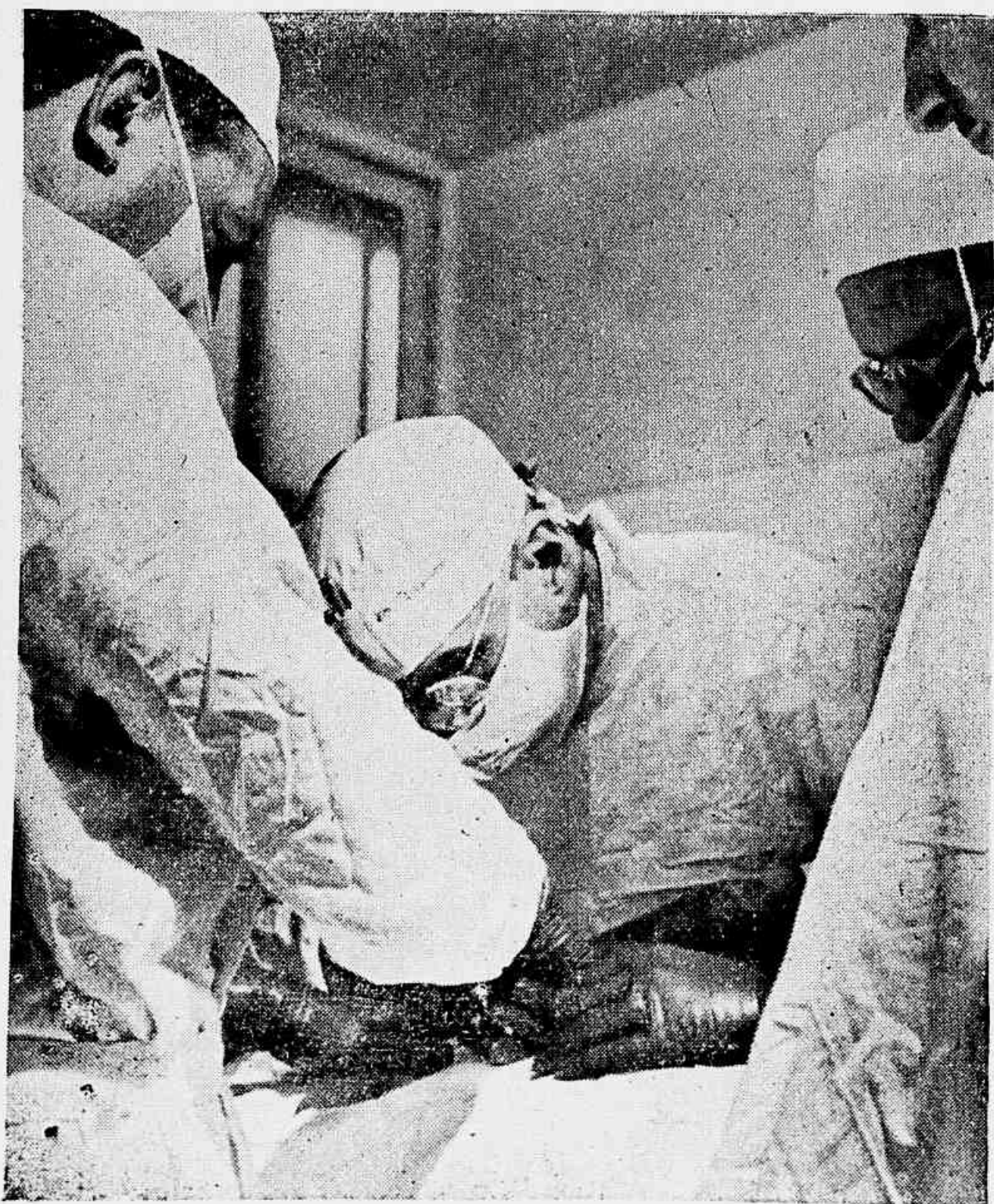
A esquerda : Os tecidos vão sendo rasgados. As mãos firmes delimitam o campo operatório e agem rapidamente porque, nesses instantes, cada segundo pode ter uma importância decisiva. A direita : Novos detalhes da operação.

do, ocorre um acidente inesperado. Quebra-se o aparelho de protóxido. Coisa que pode ocorrer apesar de todos os cuidados. E' preciso providenciar, sem perda de tempo, uma anestesia de emergência de éter e oxigênio por meio de entubação. Vencida a dificuldade, a carreta roda com a paciente para a sala de operações. O dr. Brandão Filho com a perícia que o tornou um dos nossos mais renomados cirurgiões, inicia imediatamente o trabalho. São minutos preciosos esses em que o bisturi vai abrindo rapidamente o seu caminho através dos tecidos. A mão firme do cirurgião delimita o campo operatório. Ordens breves, gestos sóbrios, a enfermeira passando os ferros, um a um, como num ritual sagrado. Agora o "climax" do ato operató-

rio. A fístula se revela nítida. Novos cortes. Pinças segurando os tecidos. O assistente atento ao coração da enferma. A implantação do trajeto fistuloso é feita no intestino para que a bilis corra para dentro do mesmo e não para fora como vinha acontecendo. Milagres de mãos que espalham o bem, retificando em golpes certos de bisturi, as insídias da enfermidade, corrigindo os desvios da natureza e devolvendo às atividades normais criaturas que pareciam condenadas para sempre ao sofrimento. Heroísmo anônimo de homens que se debruçam à noite sobre os livros da ciência à procura de novas armas na luta eterna contra a dor. Mas voltemos à nossa

sala de operações... A jornada chegou ao término. Gotas de suor perlam a fronte do cirurgião revelando a tensão daqueles momentos decisivos. Agora é apenas a tarefa de unir os tecidos e fechar o corte. Felizmente a operada resistiu bem. Nenhum imprevisto quebrou o ritmo dos trabalhos. E' como que um renascimento. Todos se olham satisfeitos. Mais tarde, quando o dr. Brandão Filho saboreia, em companhia dos médicos que o auxiliaram, o cafézinho estimulante, no seu caderno de notas há um número... 10.001, enriquecendo a sua longa carreira de cirurgião inteiramente devotada à missão de devolver à saúde, legiões de criaturas estigmatizadas pela doença. Milagres do bisturi manejado pelas mãos firmes de um verdadeiro mestre!

A esquerda : Atento, olhos fixos no seu trabalho, o cérebro raciocinando com precisão, a mão obedecendo às ordens do cérebro, o cirurgião é como que a imagem do próprio destino arrancando uma vida dos abismos da dor. A direita : Uma cena de conjunto da operação que parece copiar num ambiente moderno, uma das mais famosas telas de Rembrandt.



Desta vez, Lou Costello é um fantasma!... Um fantasma condenado, desde os tempos de Washington, a vagar por certo solar onde teria cometido uma traição!



BUD ABBOTT LOU COSTELLO

em
"FANTASMAS
ENDIABRADOS"
("The TIME of the LIVES")

Direção de
Charles
BARTON

Produção de
Val BURTON



com
MARJORIE REYNOLDS • BINNIE BARNES

JOHN SHELTON • JESS BARKER
GALE SONDERGAARD • ROBERT H. BARRAT

UNIVERSAL - INTERNATIONAL

CARITA A LASINHA LUIZ CARLOS DE CALDAS BRITO

(MILOQUINHA DE WERNA MAGALHÃES DE SALVO)

Rio, Novembro 8

Lasinha,

Só hoje à tarde, chegou-me às mãos a sua crônica "Personagem sem autor", publicada há poucas semanas em uma edição de "O Cruzeiro".

Fiquei dolorosamente surpreendida com a sua maneira irreverente de referir-se à pessoa sagrada de meu pai, que para você também deveria sê-lo por mais de um imperioso motivo.

Depois, Lasinha, os fatos, aos quais você faz alusão, não se passaram exatamente da maneira descrita; você deturpou-os um pouco, naturalmente por engano, ou porque não os conhece bem, nunca deliberadamente, longe de mim fazer tal juízo de você.

Meu pai nunca ouviu intrigas de ninguém. Quando escolheu para esposa e companheira aquela criatura encantadora, tão bela de rosto quanto de alma, — mamãe —, era inteiramente livre, sem compromisso de espécie alguma e com quem quer que fosse. Se houve antes algum romance com outra, não passara de um esboço, esquecido para trás, sem deixar vestígio algum. Não houve arte de ninguém, foi Deus, apenas Deus que quis unir em um só e glorioso destino duas almas igualmente belas, igualmente grandes!

Você devia estar cansada, Lasinha, quando escreveu aquela crônica. Cansada e um tanto esquecida...

Meu pai foi sempre bonito! Forte e de ótima aparência até à sua última moléstia. Não se recorda dele?... Nunca passou anos sem ir à sua casa, pelo contrário, fazia-o frequentemente. Vinha sempre ao Rio. Viam-n'o todos. Afetuoso e amigo nunca deixou de procurar os seus. Parece-me vê-lo ainda em sua casa da rua Jardim Botânico, ao lado de tio Luis, esse grande e querido tio, cuja lembrança eu guardo bem viva no fundo do coração! Tão bonitos, tão serenos, tão irmãos no valor e na grandeza! Que belo par de almas!...

Embora naturalmente bem intencionada, você foi infeliz na escolha do assunto, e seu artigo, devido à maneira indelicada e fria de referir-se a pessoas tão chegadas a você e já falecidas, merecedoras portanto de seu maior respeito, é sem mais nem menos, uma verdadeira profanação. E sem querer magoá-la, não posso deixar de protestar contra ele, alto, bem alto. Faço-o em meu nome e em nome de todos os meus, todos igualmente chocados e surpreendidos com seus floreios e fantazias em torno de um dos personagens, por demais sagrado e venerado por nós.

Para compreender-me melhor, ponha-se em meu lugar. Qual seria a sua reação, ouvindo alguém referir-se a seu pai, já não digo de maneira desrespeitosa e deselegante, mas apenas sem os justos e merecidos elogios a que ele tem direito?!... Pois o que você sentiria então, estou eu sentindo agora e não posso nem quero esconder a minha indignação.

Quanta cousa bonita poderia ter escrito a respeito de meu pai! Qualidades e virtudes não lhe faltavam para serem decantadas em páginas e páginas de aprimorada literatura! Poderia ter feito uma belíssima crônica, Lasinha, e ao invés da má impressão causada em toda a família, todos nós nos sentiríamos emocionados, suave e confortavelmente; mais de uma lágrima comovida aqueceria as suas palavras, enquanto que lá do céu, ele sorriria para você...

Que linda página, você deixou de escrever!...

E' o que eu precisava dizer-lhe.

A você e aos seus, os meus melhores votos de felicidade e bem estar.

(Assinado) — Miloquinha.

Largo da Palmeira

(Continuação da pág. 29)

Ao entrar no estúdio, já encontrei Cidinha completamente nua. E aí se deu o que chamo, e considero, "o milagre". Sempre propenso aos prazeres da carne, perdi de repente toda e qualquer sensualidade. Senti-me como o primeiro homem antes do primeiro pecado. Nem por um minuto pousei no corpo de Cidinha olhos que não fossem de artista. Parecia-me ter perdido o invólucro carnal e só minhas mãos existiam em mim, trabalhando em febre e como impulsionadas por forças incógnitas e superiores. Morfaí, se quiserdes, mas penso que os demônios colaboraram comigo.

Cidinha estava esplêndida na sua nudez. Era bem o que eu sonhara: a vida primitiva, animal e pura. O corpo regumava saúde e a alma, de que aquele rosto era a projeção, não tinha a menor mancha.

Trabalhei como um doido. Mas, à medida que a obra prosseguia e o mármore reproduzia as formas do modelo, um cuidado me invadiu. Cidinha, que começara a posar corada e bem disposta, sem se fatigar nunca, estava agora pálida e se cansava atrozmente. Pensei que, no meu egoísmo, eu a sacrificava, e espasei as sessões, reduzindo também as horas de trabalho. Nada disso adiantou. O que a estátua ganhava Cidinha perdia. Era como se a vida do seu corpo passasse para a sua imagem. Como se, com cada manejo do escorepo, eu lhe roubasse uma gota de sangue.

Quando já não precisei de Cidinha, pois só me faltavam detalhes para os quais em nada me ajudaria o modelo, dispensei-a. E pareceu-me que já não sem tempo, pois ela mal se sustinha de pé. Dessa última visita ao estúdio ela foi para o leito. Era uma sombra do que fora. Se alguém a visse então estavam fundos, as faces amarelas e côncavas, o corpo descarnado.

A família se alarmava. E o coronel me atirava olhares tremendos, pois jamais aprovara aquele trabalho em segredo, cujo fruto eu só exibiria depois de pronto. (Na verdade, tencionava fugir com ele, assim o terminasse). Esquecendo, então, por alguns dias, minha obra, velei longamente aquele anjo. Meu carinho e minha ciência nada podiam contra a estranha doença. Que não cedia, mas não prosseguia também. A conferência médica que convoquei com meus dois outros colegas — nada pôde adiantar. Confessávamos a nossa ignorância e deixávamos tudo nas mãos de Deus.

Vendo que não podia debelar um mal para mim desconhecido, voltei ao trabalho do estúdio, pois faltava muito pouco para o fim. Mas imediatamente Cidinha piorou e fui chamado à sua casa. Estavam todos em desespero e, à noite, chegou o coronel com três médicos que foram buscar na capital. Fiquei com essas su-

midades à cabeceira da enferma. Discutimos horas seguidas e a nenhuma conclusão chegamos.

Na manhã seguinte, deixando Cidinha em tão boas mãos, fui cuidar novamente da estátua. Estava ansioso por terminá-la e o trabalho, de certa forma e até certo ponto, me fazia esquecer o sofrimento da pobre criatura. Cheguei mesmo a pensar que, se Cidinha fosse chamada ao selo de Deus, restaria na terra aquela prova imperecedoura de sua beleza e de sua inocência. Quando levantava a mão para o último retoque, esmurram estrondosamente a minha porta. A cozinheira do Cel. Quintiliano. Cidinha estava morrendo e me chamava. Voei para lá. Quando entrei no seu quarto, estavam todos em lágrimas e ela sustinha um crucifixo. Com um gesto débil, pediu aos outros que se retirassem e a mim que me aproximasse da cama. Assim fiz. Então, num fraco murmúrio, que me dava a idéia do mar batendo numa praia ao longe, muito ao longe, ela me disse a verdade terrível:

— E' a estátua — balbuciou. E' ela que me rouba a vida. Senti-o desde o primeiro momento. Cada martelada no mármore dóia em mim. Soube que o fim seria este, quando a estátua começou a se definir e eu a definir. Mas era tal a alegria criadora que via em seus olhos, que eu não podia queixar-me ou abandoná-lo. Agora, sei que é o fim. Com um último retoque, a estátua viverá para os séculos e fecharei os olhos para sempre. Perdoo-me a covardia final. Sei que deveria sacrificar-me pela sua arte. Mas sou tão moça! Quero viver. Você escolherá entre mim e a sua obra.

Fez uma pausa. Depois, as palavras que eu daria a vida para não escutar:

— Destrua a estátua e eu viverei... para você!

O silêncio era espesso entre nós, quase palpável. Muito tempo eu quis falar sem saber o que falar. E, quando encontrei o que dizer, faltou-me a voz. Era imensa a luta que dentro de mim se travava entre o artista e o homem. Entre a sempre acariciada glória e a doçura de possuir aquele coração virginal, eu me debatia como um louco. Várias vezes um dos contendores esteve prestes a ser subjugado. Mas recuperava terreno e se atirava ao outro. Enquanto isso, eu não deixava, pálido e mudo, transparecer na fisionomia essa revolução íntima. Acabei por dizer:

— Destruirei a minha obra.

Mal pude ver o vago sorriso que se debuxou no rosto de Cidinha, porque arremeti impetuosamente para fora do quarto. Cortei em duas fatias a família, que se postara à porta. Até hoje não sei como fui encontrar-me no estúdio, diante da estátua soberba e pujante, que extravasava vida. Não quis pensar. Temia a irresolução. Antes que qualquer consideração me fizesse titubear, ergui a mão... e concluí a estátua!

NOS BASTIDORES FEMININOS

(Continuação da pág. 35).

palavras ásperas; já sabe que deverá demonstrar confiança no maridinho ainda que no íntimo não a sinta (as cenas de ciúmes são terríveis destruidoras do lar); já sabe que deverá tratá-lo sempre com muita atenção, ouvi-lo sempre, mesmo que o assunto não a interesse; não criticá-lo na presença de estranhos; arranjar em sua casa um cantinho agradável onde ele possa ler e cê-lo a cada momento você não tenha que dizer "olha a cinza no tapete, querido", enfim, sabe que deverá se apresentar sempre impecavelmente penteada, "maquillada" e vestida, ainda que dentro de casa só estejam vocês dois. E para terminar, você já deve ter certeza de que a felicidade no casamento irá depender quase que totalmente de você e que você já tomou todas as deliberações afim de que um fracasso possa ser evitado.

K I T T Y

Apresentando a

FAMILIA

SHELL

**PRECIOSOS AUXILIARES PARA O
CONFORTO E BELEZA DO LAR...**



LUSTRA-MÓVEIS SHELL ★

As faces dos móveis merecem um tratamento tão carinhoso como as faces femininas. Por isso, SHELL criou o LUSTRA-MÓVEIS SHELL, um verdadeiro creme de beleza para os seus móveis. Não é um óleo comum, é um sub-produto de petróleo, alvo, cremoso, que penetra pelas fibras da madeira combatendo o cupim e evitando as rachaduras e o ressecamento, dando assim um brilho uniforme, sem atrair poeira.



TIRA-MANCHAS SHELL ★

Um dos membros mais úteis da família SHELL, é o TIRA-MANCHAS. Quando menos se espera o TIRA-MANCHAS SHELL salva um vestido, uma toalha de mesa ou outro qualquer objecto de pano, feltro, couro, etc. Não é explosivo, evapora rapidamente sem deixar o mínimo odor. A sua utilidade só pode ser avaliada no momento. Tenha-o, pois, à mão, para fazer face a qualquer emergência.



ÓLEO DOMÉSTICO SHELL ★

Com o óleo doméstico SHELL tudo desliza bem no lar. Máquinas de costura, bicicletas, fechaduras, dobradiças, enfim, toda peça pequena precisa ser lubrificada para evitar a ferrugem e não emperrar. O ÓLEO DOMÉSTICO SHELL é um fino lubrificante mineral, sempre indicado para o mecanismo delicado das pequenas máquinas.



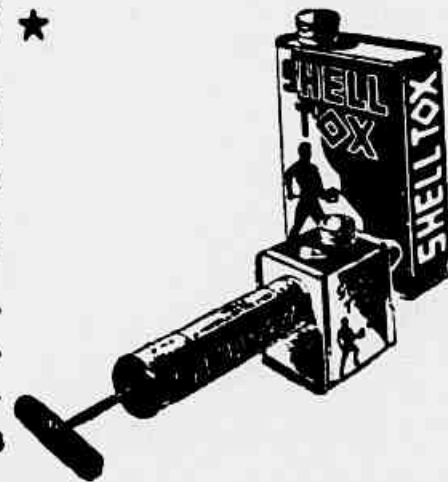
LIMPA-VIDROS SHELL ★

O asseio dos vidros é hoje um trabalho tão fácil como um detalhe de toucador. Basta a pressão dos dedos sobre a bombinha do LIMPA-VIDROS SHELL para que os vidros brilhem como cristal. Não arranha os vidros e dispensa água, esponja, sabão e baldes. Com o emprego do LIMPA-VIDROS SHELL pode-se dar brilho aos vidros sem sequer macular as mãos ou unhas.



FLUIDO PARA ISQUEIRO SHELL ★

Quando um isqueiro falha, a elegância e o bom-humor periclitam. Acescente-se a isso o cheiro do combustível e a fumaça do pavio, e vale mais a pena não fumar. SHELL resolveu esses inconvenientes com o seu fluido para isqueiro, que acende instantaneamente, não falha nunca, não deixa cheiro. Apresentado em latinhas fáceis de manejar, facilita a operação de carregar o isqueiro e é de grande utilidade.



INSECTICIDA SHELL TOX ★

A principal característica do SHELL TOX é não tontear as moscas, pulgas e todos os outros insectos que prejudicam a saúde no lar. SHELL TOX mata-os definitivamente. Acabe com esses "hóspedes" desagradáveis, com SHELL TOX, um insecticida fulminante fabricado por processos especiais, de exclusividade da organização SHELL e submetido a constantes experiências nos Laboratórios SHELL.

Std 813

PRODUTOS DE PETROLEO
GARANTIDOS PELA

SHELL-MEX BRAZIL LIMITED



Não há dúvida!

Esta é das minhas! Um cabelo assim tão bem cuidado, tão sedoso, tão bem penteado... Sim, não há dúvida! Ela, como eu, também usa BRYLCREEM!

Realmente o Brylcreem fixa sem emplastar, amacia, dá brilho, torna jovens os cabelos! É produto científico, não contém goma, nem amido, nem álcool e nem sabão! Brylcreem doma o cabelo mais rebelde, evita a caspa. Usado e aprovado em cerca de 60 países, onde se vendem mais de 27 milhões de unidades anualmente, Brylcreem é produto de classe e está ao alcance de todos nas suas 5 embalagens diferentes, ou nos cabeleireiros e barbeiros de 1ª.

Brylcreem comprado, cabelo penteado!

BRYLCREEM

O mais perfeito fixador do cabelo!

*A moça de
lábios MICHEL
que conquistou
seu coração*

São muitos os homens que se renderam ao feitiço de uns lábios Michel... tão infinitamente delicados, tão vividamente incitantes... porque o baton Michel mantém os lábios tão suaves e frescos como os de uma criança. O baton Michel espalha-se uniformemente e permanece, nunca se empasta e não resseca nem lambuza os lábios. É tudo o que deve ser o baton por excelência.



46-6

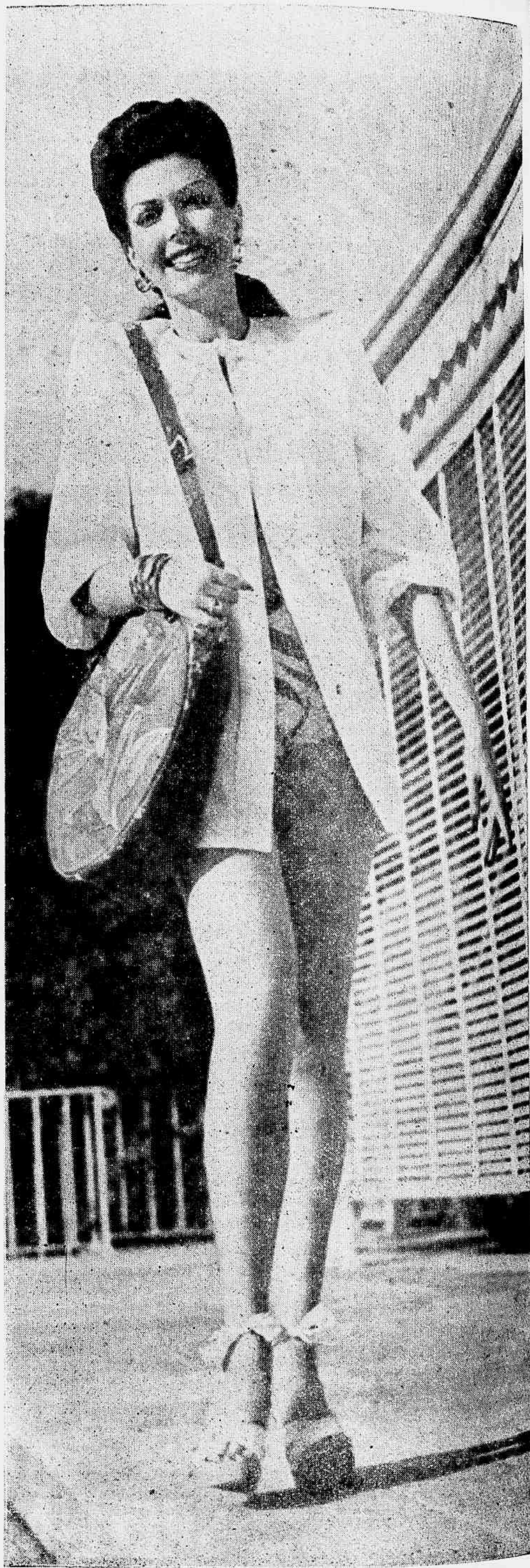


Michel

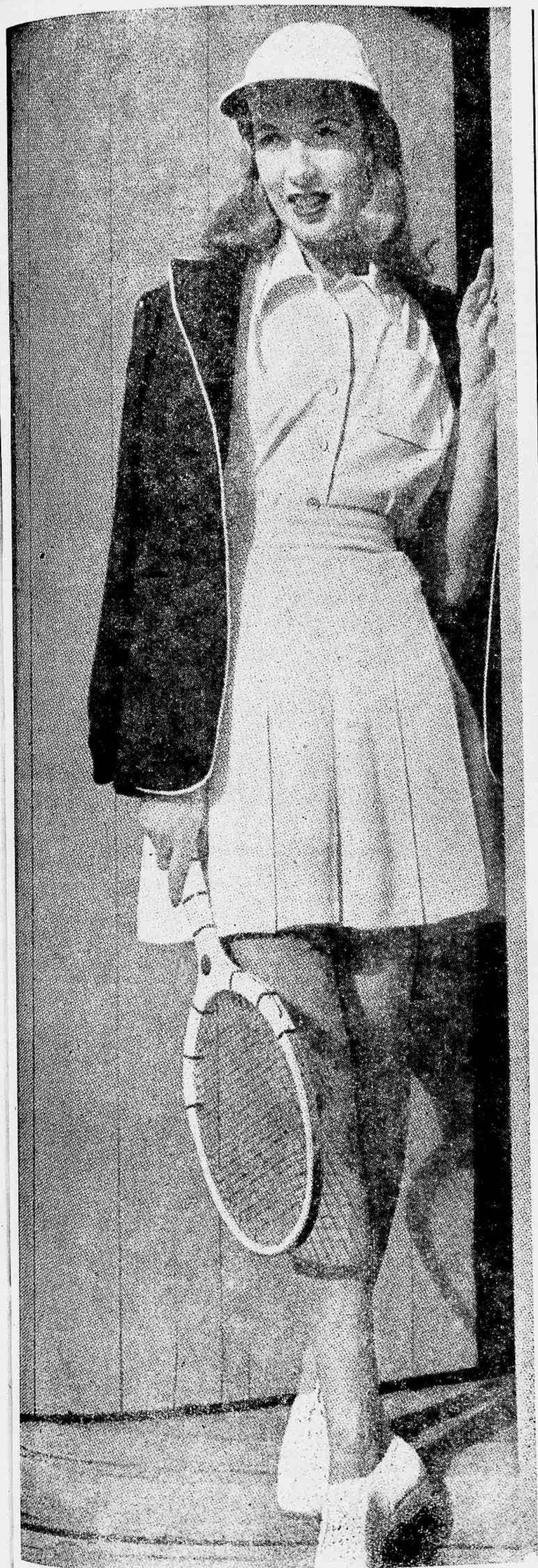
NEW YORK - PARIS - LONDON



BATON - PÓ - ROUGE - MÁSCARA - SOMBRÁ - MAQUILAGEM CAKE



MODELOS ESPORTIVOS



Na página à esquerda: Ann Miller, a linda estrela da Columbia, que veremos breve em "Thrill of Brazil", exibe este lindo modelo de traje esportivo composto de "maillot" em fusão estampado, amplo casaco branco com mangas três quarto e grande gola de oleado bege com ramagens em cores vivas. Nesta página, temos para o tenis uma esplêndida suíte. "Short" e saia de linho branco. Casaco de linho vermelho com vize branco. O saia tem rouches em toda a volta.



Uma *tradição* que volta

guardada pelo
perfumista

L. T. PIVER

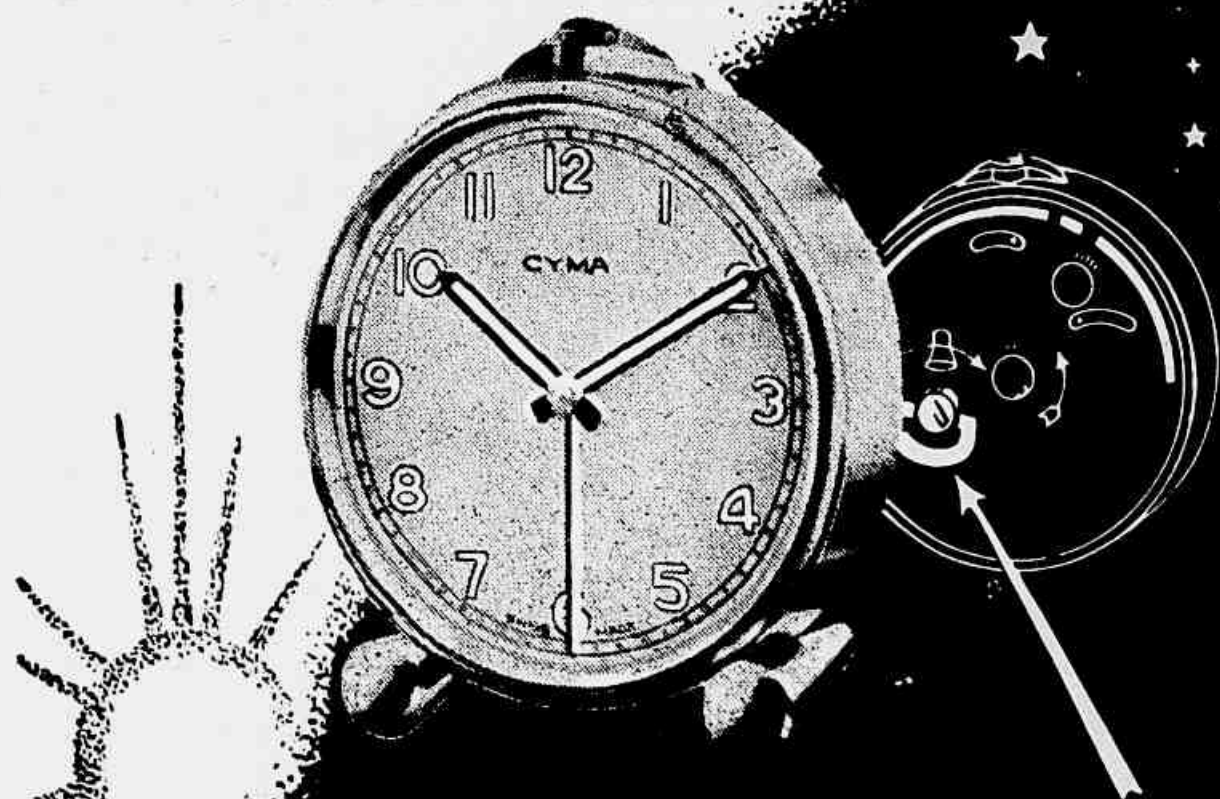
perfumes françaises

RÊVE D'OR
FLORAMYE
POMPEIA
UM PARFUM D'AVENTURE

perfumes que conservam a pureza da essência

Continental

O novo despertador CYMA



Uma só chave
dá corda, ao mesmo tempo, á ma-
quina e á campainha de alarme.

O despertador suíço de precisão



"Bond Street" — O PERFUME IRRESISTÍVEL

Complemento perfeito de joias e champanha, da atração do seu vestido tão sábiamente escolhido, "Bond Street" rodeia-a com uma fragrância tão sutil que você se sente empolgada pela confiança em seu próprio encanto. E, tal como sua personalidade, deixa uma recordação que perdura na memória muito tempo após ter dito Boa Noite!

Yardley

de Londres



A-1(a)

YARDLEY • 33 OLD BOND STREET • LONDON

AGENTE EXCLUSIVO PARA O BRASIL
LEO L. PROCHOWNIK
Rua Sorocaba, 35 * Rio de Janeiro

"NINGUEM MAIS SABE CANTAR..."

Uma enquete entre artistas a respeito do destino da arte vocal — Geraldine Farrar contra a música mecânica — Onde se lembra o caso de "Carmen" e uma mordida — Leonard Warren, o dos beliscões, defende a ópera — Uma vitória de Oscar Levant, com três palavras...

Por ROBERTO LYRA FILHO

A temporada musical, no Rio, vai terminando, agitada agora pela concorrência, para o Teatro Municipal que vem abrir perspectivas para o ano vindouro. Nos Estados Unidos, por outro lado, achase, justamente, no início o ponto culminante social das atividades musicais: a temporada lírica. Ao Metropolitan acorrem, não somente os velhos habitués, como a gente nova que, todos os anos, vai contribuindo para aumentar o número dos frequentadores do teatro lírico. Entretanto, no momento em que a ópera se reafirma, decisivamente, abre-se uma enquete, em um dos jornais americanos, a respeito do canto, particularmente aplicado ao melodrama, dividindo-se as opiniões a respeito. Alguns reputam terminada a época áurea da ópera". Outros veem, nos artistas modernos, alguma coisa de diferente dos arrebatamentos dos cantores do século passado, porém não negam que um estilo novo se impôs. Não falta quem especule a respeito das possibilidades da música mecânica em suas relações com a voz humana. O debate se prolonga. Trazemos, aqui, algumas respostas de celebridades.

GERALDINE FARRAR, "CARMEN" E UMA MORDIDA

Envelheceu bastante Geraldine Farrar. Os seus admiradores de outros tempos teriam dificuldades em reconhecer aquela beleza que fez que Hollywood a contratasse — uma cantora no cinema mudo... Mas ela valia... Aliás, Caruso contava que a primadona perdeu muito em sua associação com as primeiras empresas cinematográficas porque, das películas que filmou trouxe simplesmente um estilo de representar bastante incômodo, na ópera. Assim, depois de ter interpretado "Carmen" na tela, quando voltou ao Metropolitan vinha com tal fúria que, no terceiro ato, Caruso teve que segurá-la firmemente, dominando-lhe os ímpetos. A cantora, entretanto, estava tão possuída da fúria da cigareira que, apesar do controle do tenor continuou a debater-se, chegando a mordê-lo quando ele se recusou a largá-la. Caruso murmurava, entre dentes:

— Per pietá, signora, per pietá!

Pois essa mesma Geraldine Farrar, vem agora lamentar o rumo que a música mecânica deu à arte vocal. E não somente isso: verbera, também, os cantores modernos apontando-se quase como incompetentes.

"O colorido, a qualidade de timbre — tudo se modifica pelo rádio, por exemplo. A música em discos e em rádios é como a comida enlatada".

Por outro lado, ela também afirma que: "Os cantores de hoje, pelo menos os que eu conheço e tenho tido oportunidade de ouvir, não se dedicam, seriamente, à sua arte..."

LEONARD WARREN, COM BELISCÕES E ÓPERA

Outra personalidade, aliás bem conhecida do nosso público, falou, com entusiasmo a favor da ópera e dos cantores modernos.

Trata-se do barítono Leonard Warren. O intérprete famoso de Rigoletto que, este ano, resolveu não vir ao Brasil porque quer fazer com que o nosso público sinta saudades, não poderá esquecer, entretanto, sua estréia, aqui, no primeiro papel de responsabilidade de sua carreira: o Simon Boccanera, de Verdi, quando ele conquistou os cartolas, no final do segundo ato, depois de ter cantado, trêmulo e quase gago até então.

Oscar Levant





Leonard Warren

Leonard Warren inaugurou uma nova tradição aqui. A camaradagem com os subalternos a intimidade com o pessoal do teatro, que lhe deixou uma reputação nos bastidores como na plateia — ambas altamente recomendáveis. E' verdade que suas brincadeiras, às vezes muito irreverentemente lúgubres, não agradavam sempre. Assim um hábito que vimos até em filmes grandiosíssimos como "Núpcias de Escândalos", praticado por gente da melhor sociedade americana, causa certa indignação, aplicado às brasileiras. A verdade é que Leonard Warren gosta de brincar de brincadeira, as moças com que tem uma certa liberdade não escolhendo, para fazê-lo, entretanto lugar que deixe intacta a dignidade da parceira...

Falando a respeito dos cantores de hoje Leonard Warren referiu-se à maior flexibilidade necessária tocando, de certo modo, no mesmo ponto que Geraldine Farrar, ainda que de maneira diferente.

— "Para poder brilhar no ramo da música semi-popular dos ouvintes de rádio nos recitais de música de câmara e nos papéis na ópera é preciso, na verdade, aperfeiçoar-se melhor às exigências desses gêneros. Isso requer mais flexibilidade e não poderia ser obtido no tempo das interpretações padronizadas do passado. Quando a mim, prefero a ópera e minha única preocupação é não permitir que a adaptação a rádio e recitais venha a perturbar as minhas qualidades de artista lírico"

OSCAR LEVANT GANHA COM TRÊS PALAVRAS

Aquele pianista de técnica brilhante, amigo do falecido George Gershwin, Oscar Levant que criou uma fama igual à do compositor de Rhapsody in Blue pelo seu sarcasmo, pelo ar tático, também tratou dos problemas do canto. Certa vez, quando ia chegando à estação de rádio em que trabalhava para um programa, foi abordado por uma "fan" que lhe disse, sem mais nem menos.

— Mr. Levant, eu preciso que faça uma coisa para mim.

Ele levantou as sobrancelhas, com ar de quem interroga.

— Eu apostei com uma amiga que o obrigaria a dizer, pelo menos quatro palavras. O senhor não pode ser tão tático assim.

Diante daquela investida o pianista encolheu-se. Que desafio! pensou.

Mas a "fan" insistia.

— Diga, diga alguma coisa. Quatro palavrinhas.

— Ganhou sua amiga! foi a resposta. Três palavras bem contadas e as piores torções não arrancariam mais nada de sua boca.

Pois Oscar Levant, interrogado sobre sua opinião a respeito do rumo que vai tomando a arte vocal, disse:

— Que tenho eu com isso? Sou um pianista.

— E um crítico musical de valor, — disse o reporter.

— Isso é intriga, retrucou Levant. Não sei nada. Em todo o caso, vá lá uma opinião desautorizada sobre o assunto. O canto, hoje em dia, encontrou como a música, seu lugar nos recitais. Predominam os bons cantores de câmara, como predominam as peças para instrumentos solo ou pequenos conjuntos. Assim, a ópera está perdendo terreno. A música sinfônica também. Os intérpretes não podem interpretar o que os compositores não compõem. Eis aí, bem resumido, a quanto monta a famosa decadência dos cantores de ópera... E' que não há mais grandes óperas.

— E a que atribui isso?

— Bem. Essa pergunta tem que ser dirigida, agora, aos compositores.

— O senhor é compositor?

— Mas não divulgo segredos militares a respeito de minha arte. E lanço meu mais veemente protesto contra a exploração dos repórteres. Os senhores não tem uma única idéia decente e aproveitável na cabeça não sabem nada e veem com perguntas para ganhar espaço nos seus jornais quando lhes falta assunto. Os compositores compõem música de câmara porque querem. Está satisfeito?

Foi esse, talvez, o mais longo discurso de Oscar Levant. Excetuando-se é certo, suas conversas com George Gershwin.

ARTIGOS FINOS

NOVIDADES EM
ARTIGOS PARA
PRESENTES DE
NATAL E ANO
NOVO



A TORRE EIFFEL

97 - rua do Ouvidor - 99

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



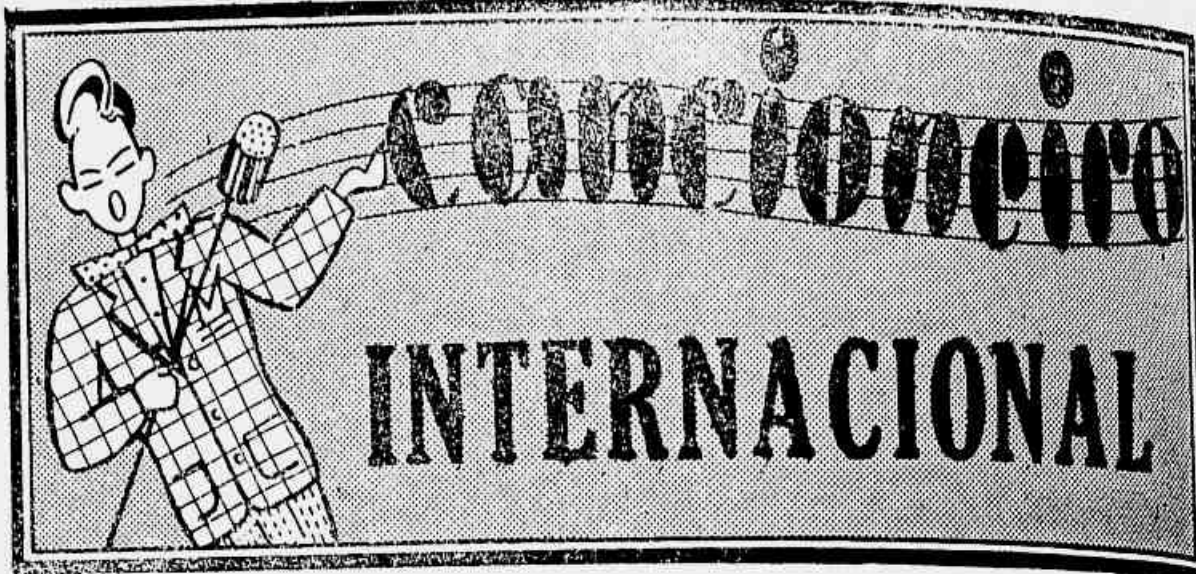
**PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.**

NUNCA EXISTIU IGUAL



**antisséptico.
adstringente
bactericida**

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua **HIGIENE INTIMA.**



E' preciso censurar as letras

A O que nos parece, já é tempo de ser adotada uma providência séria no sentido de conseguir-se um nível melhor para a produção dos versos da nossa música popular. Houve um tempo em que os bons poetas como Guimarães Passos, Catulo da Paixão Cearense, Bastos Tigre, Oscar Peixoto e outros, ou versadores hábeis como Cardoso de Menezes, Luis Peixoto, Carlos B'encourt e Luis Iglézias, deram a sua magnífica contribuição ao nosso cancionário popular. Dava gosto a gente decorar versos como os da canção "Luar de Paquetá", "Luar do sertão", "Casa de Caboclo" e muitas outras. Mas, com a invasão dos chamados sambistas dos morros e cafés, gente de poucas letras, os nossos ouvidos vivem constantemente irritados com as rimas de "dôr-amôr", "samba moamba", "Maria-Bahia", "morena-cinema", etc., etc. E quando os arroubos líricos dessa gente não demonstram mau gosto, explorando e repisando motivos sedícios, descambam para o terreno da licenciosidade, no qual a turma se atola, principalmente durante a época da colheita carnavalesca. E' justamente essa versalhada suspeita que penetra os nossos lares, através das irradiações diárias e insistentes, envenenando a alma ingênua da nossa juventude. Não se compreende, pois, como a nossas autoridades responsáveis pela educação e decoro públicos consintam na divulgação de certas 'letras' moivo no qual resolvemos enérecar um apelo veemente à Associação Brasileira de Rádio para que ela, a exemplo do que faz a sua congênere norte-americana, estabeleça um organismo particular, destinado a censurar as letras das canções populares, de modo a poder recomendar às nossas emissoras a irradiação daquelas que, pelo menos, não nos obriguem a girar frequentemente o "dial" dos nossos receptores.

"JUREI"

*Samba de Paulo Pinheiro e Raul
Buros
(Gravado por Carlos Galhardo)*

Jurei, jurei,
no pé do altar,
fiel sarei,
até a morte
mas é que a sorte
(ã) favoreceu
e o nosso amor morreu.

II

E' sempre assim,
a surpresa vem depois
chegou o fim,
tenho que me conformar
felicidade, não nasceu
para nós dois,
veio a morte,
e levou tudo que era meu,
resta agora
uma saudade,
daquele amor que floreceu...

"E' OU NÃO E'?"

Marcha de Nássara e Dunga.

O que é
Que eu tenho de mais?
Que essa mulher
Não me deixa em paz!...

Fu pensei
Que fosse o meu dinheiro
Ganho bem,
Mas, não é tanto assim
E, já me conveni
Que é verdadeiro
Esse amor que ela tem por mim!
E' ou não é?

QUE SERÁ?
CANCION

Letra y Musica de Pepe Guizar

Yo no se porqué te quiero tanto
Yo no se porqué quando te miro,
Se me nublan los ojos con llanto,
Y mi pecho exhala un suspiro.

Es que dicen que quando se quiere
Se es feliz entre pena y dolor
Que con gusto mil veces se muere
Por una palabrita de amor.

Que será, que será lo que tiene
Que será, que será que caray!
Que será, que me dá mucho gusto
Me dá mucho susto y me pongo a
llorar.

★

Que será, que será lo que tiene
Que será, que será que caray!
Que será, que me dá mucho gusto
Me dá mucho susto y me pongo a
temblar.

Pero tu ni siquiera me miras,
Pero tu ni siquiera me besas.

Que será, que será lo que tiene
Que será, que será que caray!
Que será, que me dá mucho gusto
Me dá mucho susto y me pongo a
temblar.

CUATRO CAMPANADAS

*Tango de Mario Maurano e Lito
Bayard.*

Creação de Libertad Lamarque

Suenan las cuatro campanadas
en el reloj de la capilla
suenan la hora de partir, mi amor
sé que te alejas sin decirme adiós.
Pronto amanecerá un nuevo día
muy sola queda el alma mia
pronto te marcharás
sé que me dejarás
porque, mi amor... por que!

II

Quando pase el tiempo no tendrás
para mí
nada... ni el recuerdo que en tu
vida existí.
Vivirás ausente.
sin saber que espero
sin saber que quiero adorarte o
morir!
Sé que nadie... nadie te podrá
convencer
sé también que nunca pensarás en
volver;
se unirán mis manos
para orar en vano
porque tu retorno jamás he de ver!...

I (Bis)

Cuanto silencio hay en la casa
se oyen las cuatro campanadas
esas camaras lentas del reloj
hieren mi oído con su cruel din don
Sola te alejas por no verme
solo me dejas para siempre
con mi dolor atroz
quebrándose en mi voz
que muere en el adiós!

**CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA**
De Mme. Campos
**FRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA PARTE**

A rainha Vitória

(Continuação de pág. 52)

A democracia parecia-lhe um sonho e uma ilusão. Adorava a rainha pelo seu gênio e infantil egoísmo, e pela crença pouco democrática na sua indiscutível perfeição. E Vitória, por sua vez, estava encantada com Melbourne. Trabalhava autoritariamente, acarinhava, demonstrava-lhe confiança, brigava com ele — mas sempre terminava obedecendo-lhe. Entretanto, o ministro — tão cheio de tacto era no lidar com aquela alegria coada — sempre conseguia fazer-lhe crer que ela estava expressando a "sua" vontade, quando estava apenas fazendo o "dele".

E assim, por algum tempo, guiada pela mão firme de lorde Melbourne, Vitória navegou o seu navio através dum mar bonanoso de lisonja pública. Mas subitamente se levantou uma tormenta. A respeitabilidade inglesa foi abalada por um escândalo em que se viram envolvidos uma dama e um nobre da corte — Lady Flora Hastings e sir John Conroy. Estes dois membros da nobreza tinham sido vistos regressando da Escócia na mesma carruagem. Pouco tempo depois as más línguas da Inglaterra entraram em ação. Lady Flora murmurava-se estava para ser mãe. E a jovem rainha, ao invés de fazer calar esses rumores indecorosos, até ajudava a espalhá-los. O próprio lorde Melbourne esquecera a sua discreção. Deixou que a destra língua da rainha tecesse alegremente a sua trama de maledicência. As coisas chegaram a um ponto crítico quando se descobriu a inocência de lady Flora — uma desventurada vítima do câncer, de que veio a morrer alguns meses depois.

Desencadeou-se então a tempestade. A adulação do público transformou-se em animosidade contra Vitória. "Ninguém se importa com a rainha", escrevia Greville, amanuense do Conselho Privado. "Sua popularidade baixou a zero".

★

A rainha caíra em descrédito. Lorde Melbourne ficou sinceramente arrependido. Pelo menos uma vez o seu coração velho e cínico foi tocado no vivo. Como um pai, começou a zelar por ela e a guiá-la pela mão, a protegê-la contra a hostilidade dos súditos e contra a levandade da sua própria índole impetuosa. Era preciso encontrar um marido para ela um moço da sua mesma idade, que a amparasse, que lhe servisse de companheiro e desse um herdeiro ao trono inglês.

E quem mais indicado para esse papel do que o seu primo, o jovem príncipe Alberto de Saxe-Coburgo? Lorde Melbourne insistia com ela para que aceitasse esse casamento, e o dr. Stockmar apoiava-o. A princípio Vitória recusou. Gostava do seu "querido" primo Alberto, sim. Mas para que casar com ele? Para que casar, fosse com quem fosse? Que a deixassem ficar solteira. Pelo menos por mais alguns anos. Para que tanta pressa?

Mas os casamentos régios se talham no céu e nas câmaras de conselho dos primeiros ministros. E ante as decisões do céu e dos primeiros ministros nem mesmo uma rainha da Inglaterra pode dizer não. De sorte que ela finalmente concordou em ver Alberto, se este desejasse visitá-la novamente. "Mas", insistiu a voluntariosa Vitória "não hei de fazer nenhuma promessa definitiva este ano".

Alberto veio à Inglaterra. Mais uma vez o diário da rainha se tornou o confidente do seu embevecimento. Admirava-lhe o "primoroso nariz", os "delicados bi-

godes", as "suíças tão pequeninhas", e o "lindo talhe", com os "ombros largos e cintura delgada". O primo chegara numa quinta-feira. Na terça-feira seguinte era o recebeu a sós e disse-lhe que ficaria "muito contente se ele consentisse" em desposá-la. Ao que o príncipe murmurou que ele também ficaria muito contente "das Leben mit dir zuzubringen" (em viver contigo).

E assim, mais uma vez, Vitória "resolveu" fazer o que Lorde Melbourne já decidira ter o melhor partido a tomar.

Casaram-se a 10 de fevereiro de 1840.

Cronologicamente, Alberto tinha três meses mais que Vitória; mas sob o ponto de vista mental era muitos anos mais velho. Amava a música tinha um gosto sã pela pintura e era genuinamente afeiçoado à literatura. E acima de tudo, sabia avaliar um homem ou uma situação. Mas não mostrava o mínimo interesse pela política. Era, em suma, antes um espectador do que um ator no complexo jogo da vida.

Talvez, como expôs o dr. Stockmar a lorde Melbourne, a indiferença do príncipe Alberto pela política fosse motivada por uma debilidade inerente à sua cons-

tituição. Nada de sério, aliás o doutor; simplesmente uma propensão para a vida sossegada.

TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.



APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40. São Rio

Nome

Rua

Cidade.....Estado.....

R\$



A princípio, pouco havia de comum entre esse príncipe tranquilo e estudioso e (Continua na pág. 55)



Gardênia

O doce mistério da noite de Natal,
preferida entre todas, será recordado para
sempre no perfume perturbador
e cálido da Gardênia.

Apresentado em lindos estojos.

Colônia, Pó de Arroz. 100.

Colônia, 2 Sabonetes. 110.

Colônia, Sabonete, Pó de Arroz. 125.

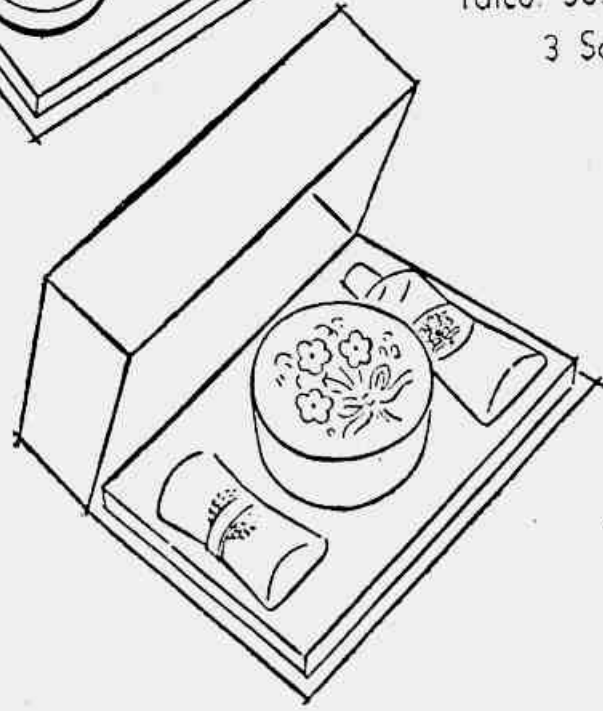
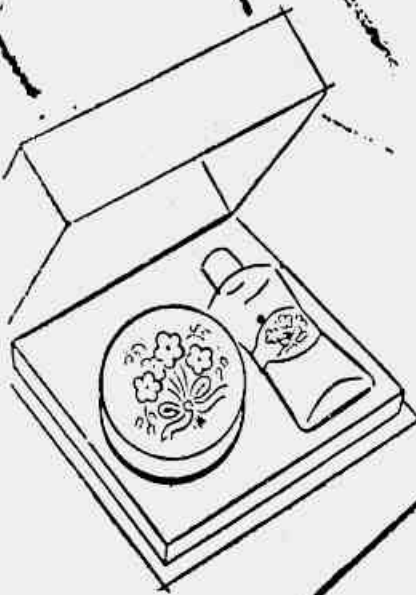
Colônia, Talco, Sabonete. 140.

Colônia, Sabonete, Loção. 165.

Colônia. 50. 75. 150. Loção. 75.

Talco. 50. Pó de Arroz. 35.

3 Sabonetes. 65.



RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

helenarubinstein

RIO DE JANEIRO AVENIDA RIO BRANCO, 311. TEL. 45-1442

REGULADOR XAVIER

★ O remédio de confiança da mulher ★

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:

→ N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

A inquietação da arte moderna

(Continuação da pág. 27)

mílias sem teto, crianças sem pais. Problemas sociais exigindo soluções urgentes. Por mais equista, por mais ensimesmado nos seus próprios sonhos, o artista não podia deixar de ouvir o grito de angústia da atualidade. Um sentimento mórbido de tristeza e depressão refletiu-se na sua obra. As novas emoções reclamaram novas formas de expressão. Mais do que nunca, despida de elementos

estéticos a arte deixou de ser "ornamental". Se, através dos séculos, ela teve, às vezes, um aspecto de crítica, satírica com Juvenal ou dramática em Dante; se em épocas fúteis e douradas, ela tomou um feitiço de crônica mundana, com Fragonard ou Watteau, em nossos dias, tem um caráter essencialmente social e político. As vigorosas composições da arte moderna, impregnadas de angústia, expressivas e enigmáticas em suas deformações, contêm mensagens que perturbam a nossa tranquilidade íntima. Transmitem diretamente um pouco da inquietação presente na atmosfera de hoje e que os artistas aspiram mais profundamente do que os outros mortais.

Todos estamos convencidos!

este creme dental antisséptico...

limpa mais

A generosa espuma de Kolynos limpa completamente os dentes, e lhes restitue seu brilho natural, sem arranhar o esmalte. É que Kolynos é um creme dental antisséptico.

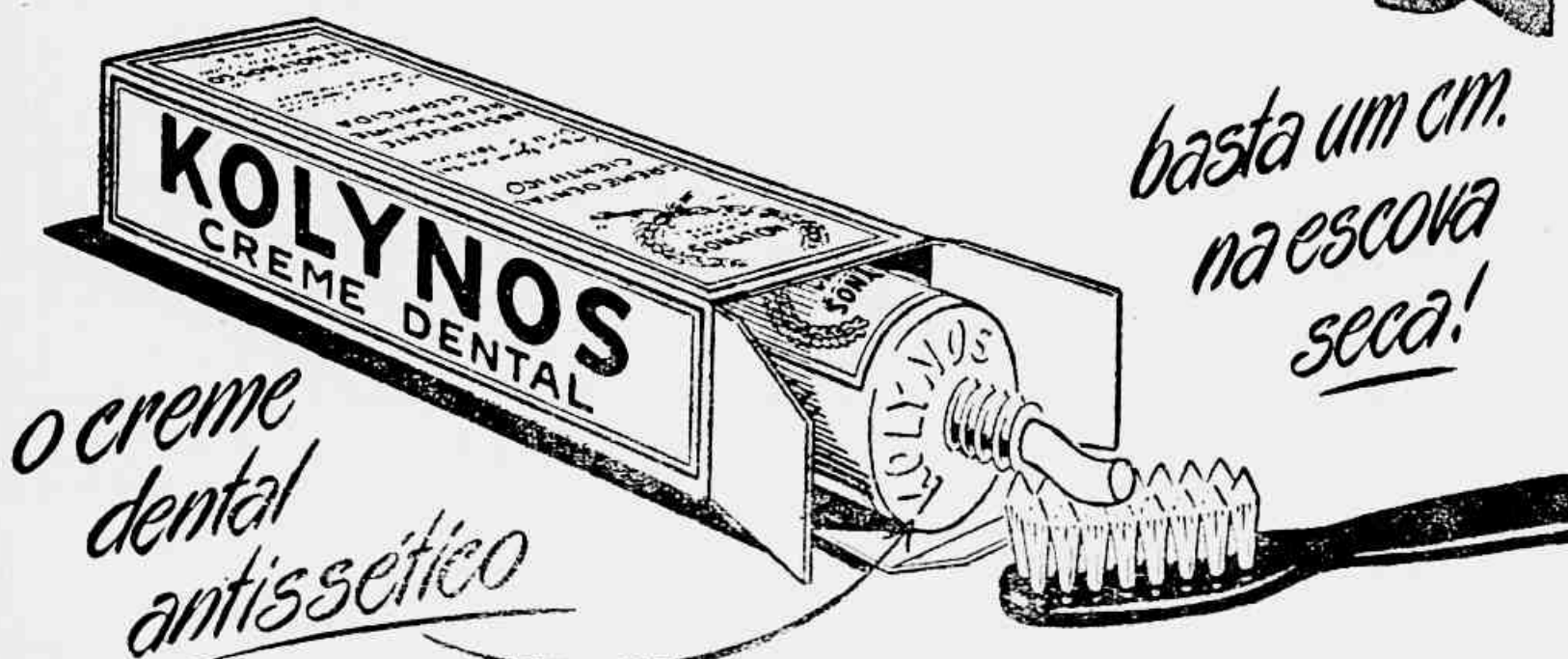
agrada mais

Não há a menor dúvida: o sabor de Kolynos agrada a todos; deleita, perfuma o hálito, deixa no paladar uma incomparável sensação de frescor.

rende mais

Kolynos é um creme dental concentrado: com uma quantidade menor de creme se obtém uma limpeza maior. Kolynos custa menos porque rende mais.

...todos estão de acordo:
para um belo sorriso não há como Kolynos.



INSTITUTO ROENTGEN

RADIOTERAPIA SUPERFICIAL E PROFUNDA
DRS. ALVARO FORTES — FERNANDO AZZI
RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 - São Paulo

Para eles a guerra não é apenas uma lembrança!

(Continuação da pág. 10)

Horizonte, onde era empregado da Central do Brasil. Embora cego de uma vista, considero-me mais habilitado do que antes, pois aqui no Centro, durante o meu período de readaptação, aprendi a escrever à máquina e hoje sou um bom datilógrafo.

E o ex-"pracinha" do 9º B. E. quis fazer uma demonstração do seu novo conhecimento à reportagem. Sentou-se à máquina de escrever e seus dedos ágeis, correram celeremente sobre o teclado. A confiança em si mesmo e no seu novo ofício era completa. Dava-se como recompensado pela cegueira parcial com o novo meio de vida que lhes ensinaram. Voltará para sua terra, não como um inválido, porém, com ainda maiores "chances" para trabalhar e progredir através do trabalho.

DIVERSÕES E ENSINO

Dirige atualmente o Centro de Readaptação o jovem tenente-dentista Tércio Secca, que alia à dedicação pelos seus readaptandos o entusiasmo pelo seu novo mister. Enquanto nos levava a percorrer cada dependência do hospital ia nos revelando detalhes interessantes da vida que leva os internados.

— Uma das preocupações da Comissão é a de levantar e melhorar o ânimo dos ex-combatentes. Para isso, procuramos tornar o ambiente agradável, proporcionando-lhes distrações adequadas, leitura, aprendizagem de novos ofícios, etc. Semanalmente a Secretaria Geral do Ministério da Guerra nos envia o seu aparelho cinematográfico e filmes para a nossa sessão de cinema. Já fizemos três "shows" com elementos de rádio e teatro, que gentilmente se ofereceram para colaborar conosco. Ainda agora estamos recebendo mais uma gentileza: a Confederação Brasileira de Desportos tem nos enviado para os seus jogos ingressos para as cadeiras especiais. Os senhores bem poderão avaliar o contentamento que isso representou para os soldados que como os brasileiros em geral são entusiastas do futebol.

O tenente nos levou ao salão de esportes, à biblioteca, à rouparia, barbearia, dispensa, cozinha, sala de curativos ligeiros, gabinete dentário que, por sinal, foi inteiramente instalado pela CRIFA e, finalmente, a todos os recantos que a curiosidade do reporter desejou conhecer. Ao chegar-mos ao refeitório, quando começava a ser servido o almoço, tivemos uma impressão confortadora. Se todos

(Continua na pág. 58)

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX

produto do laboratório da GUARAMIDINA

ANEL ZODIAICO
Registrado e garantido por lei. A Oitava Maravilha. Um presente inesquecível. Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês do Nascimento. Feito de Prata Fina com ouro de 18 K. Também fornecemos todo de Ouro com Platina. Man de medida do dedo, o dia e mês do nascimento, pagando no ato de recebê-lo na Agência do seu Correio pelo Reembolso Postal. Peça em catálogos. Fábrica de Jóias "Azteca" — Rua Regente Feijó nº 18, Rio de Janeiro.

STANDARD
CR\$ 115,00

FEDERAL
CR\$ 165,00

INCA
CR\$ 285,00

AMERICA
CR\$ 150,00

CAPITAL
CR\$ 265,00

BRASIL
CR\$ 300,00



A Rainha Vitória

(Continuação da pág. 53)

a rainha e expansiva rainha. Ele gostava de ver-se rodeado de cientistas, artistas e escritores, mas Vitória "não estava disposta a encorajar essa gente". De sorte que o período de adaptação da vida do casal foi um período tempestuoso e cheio de rugas. Ambos tinham vontade de ter e para haver harmonia no círculo familiar uma das duas vontades devia dar lugar à outra.

E de modo bastante surpreendente, foi a impetuosa Vitória que se submeteu ao castigo de Alberto. Estava apaixonada por ele. Um dia — assim contam — Alberto encercou-se em seu quarto após uma das costumadas rugas. Vitória foi bater-lhe furiosamente à porta.

— Quem está aí?

— A rainha da Inglaterra, que exige ingresso no quarto!

A porta continuou fechada. Outra avançada de golpes.

— Quem está aí?

— A rainha da Inglaterra!

E a porta sempre fechada. Repetidas vezes se ouviram as mesmas batidas e a mesma pergunta, a mesma resposta.

Finalmente as pancadas se tornaram mais leves.

— Quem está aí?

— A tua mulher, Alberto.

Então Alberto abriu a porta e deixou Vitória entrar no quarto.

★

O dr. Stockmar tomou Alberto a seu cargo e gradualmente o transformou num político. Porque Stockmar, assim como Alberto, era alemão e os dois tinham, no fundo, acentuada inclinação para a monarquia absoluta, em contraposição ao governo constitucional. Lorde Melbourne deturpou o ministério e seu lugar fora ocupado por sir Robert Peel. Vitória, que detestava o novo primeiro-ministro, adquiriu aos poucos o hábito de consultar o marido a respeito de importantes decisões políticas. E em todas essas ocasiões Alberto, guiado pelo sempre vigilante Stockmar, procurava amoldar o espírito da rainha por uma forma germânica de pensamento político. Finalmente, o casal chegou a uma harmonia completa. Alberto tornara-se virtualmente o rei da Inglaterra e Vitória contentava-se com o seu papel secundário de dócil "hausfrau". O hava pela saúde dele admirável a inteligência, obedecia-lhe às vontades e dava-lhe — de acordo com as boas tradições alemãs — uma fartura

messe de filhos. "Graças a Deus" escrevia no seu diário "agora sei o que é a verdadeira felicidade".

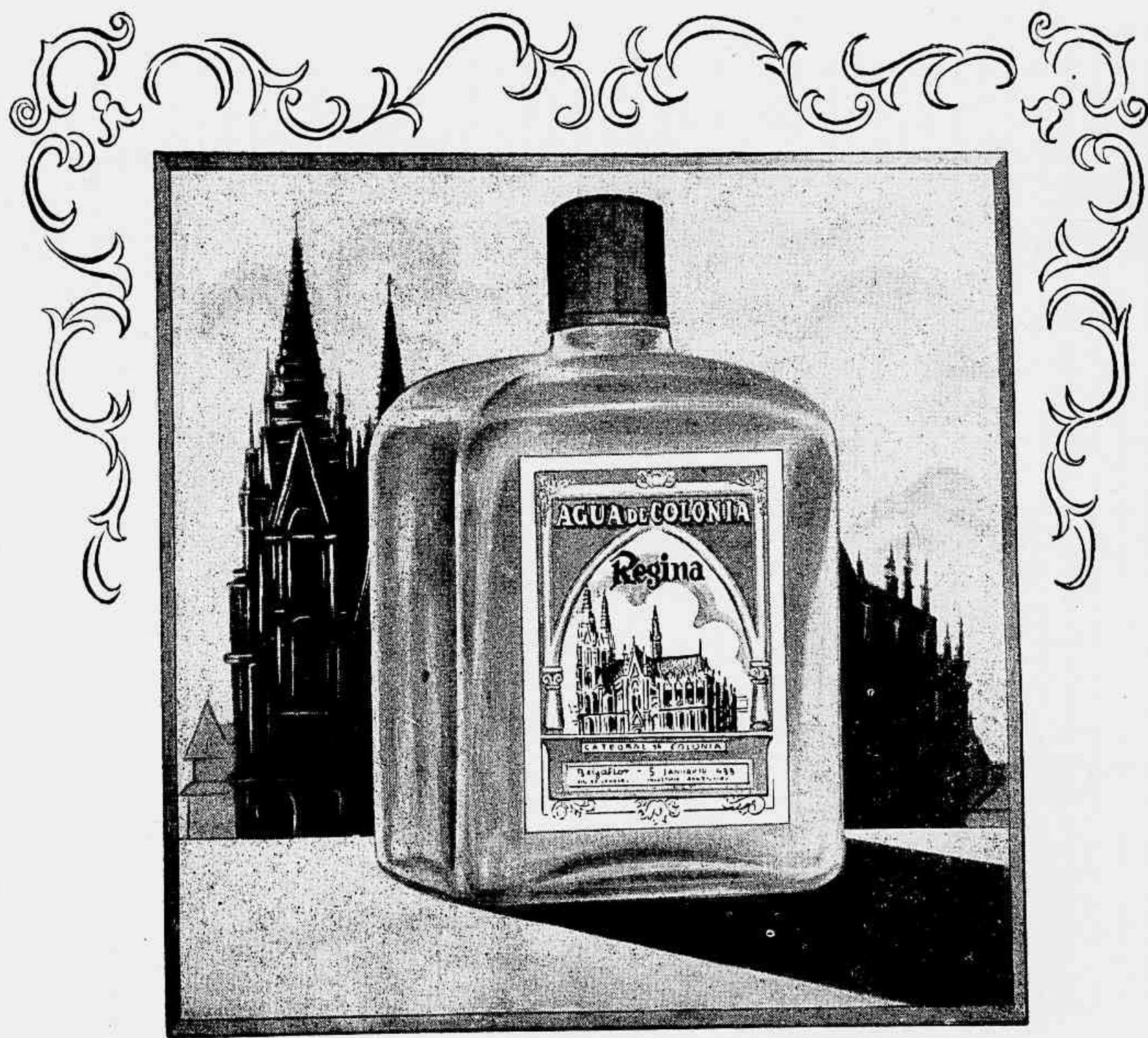
Mas o povo inglês indignava-se com a sua submissão a Alberto. A Inglaterra, murmuravam, estava sendo governada, e governada ditatorialmente, por um estrangeiro. Alberto, por outro lado, insistia no seu direito real e material de governar

a rainha e, por intermédio desta, todo o povo da Inglaterra. Era privilégio seu, ou melhor, era seu "dever", — afirmava ao duque de Wellington. — "tornar a sua posição completamente integrada na de Vitória" — preencher qualquer lacuna que, como mulher, ela naturalmente havia de deixar no exercício das suas funções reais. Já que ele era "o chefe na-

tural da família", continuava o duque, considerava-se "o superintendente dos arranjos domésticos de Vitória o administrador de seus negócios particulares, seu único conselheiro secreto em matéria de política o tutor dos infantes o secretário privado da soberana e seu ministro permanente". Em suma, considerava-se seu amo e senhor bem como o amo e senhor da Inglaterra.

O príncipe Alberto arvorava-se em chefe supremo. Contudo, sentia-se infeliz. Porque era de acordo com o seu modo, de ver um governante sincero, honesto, honrado e brando. Fazia apenas aquilo que, na sua opinião, mais convinha aos interesses da esposa. Estava convencido de saber muito melhor do que os ingleses o que estes na realidade necessitavam. Pois não era um sábio e um alemão? Um membro dessa raça superior de cientistas, soldados e filósofos? Então, por que não confiavam nele os ingleses? Por que não lhe obedeciam, por que não o respeitavam e amavam como merecia?

Por Deus ele os obrigaria a dar-lhe obediência, respeito e amor! Havia de



A RAINHA DAS ÁGUAS DE COLÔNIA!

Regina

O SABONETE MARAVILHA!

A VENDA EM TODO O BRASIL ★

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

P. Ferraz

Isto
eles ainda
não têm...



Um projetor
de cinema!

Que presente.
instrutivo
para seus filhos!

PROJETORES

8 E 16 m/m MUDOS
16 m/m SONOROS

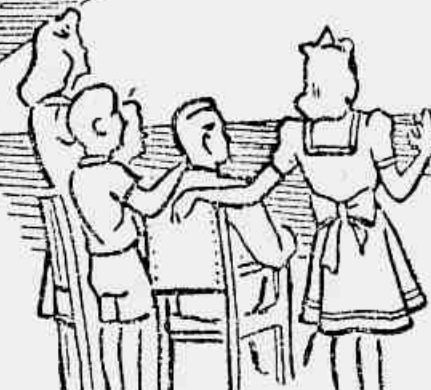
FILMADORES

8 E 16 m/m

FILMES

EM GERAL

PEÇAM UM CATÁLOGO
DE NOSSA FILMOTECA



FAZEMOS
CINEMA
A DOMICILIO

PEÇAM INFORMAÇÕES

VENDAS PELO Credi-MESBLA

RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO
PORTO ALEGRE

MESBLA

PELOTAS — RECIFE
NITEROI
BELO HORIZONTE

SECÇÃO CINE-FOTO

Rua do Passeio, 48/56

VENDAS DE NATAL DIÁRIAMENTE ATÉ ÀS 22 hs.

ADQUIRA O DIREITO
DE SER JOVEM E BELA
Usando
VELAS ANTISSÉPTICAS

TAVARES
MARCA REGISTRADA

AGORA EM NOVA
EMBALAGEM



Em todas as Farmácias e Drogeries do Brasil

CORTE E COSTURA



Aprenda pelo método moderno POR CORRESPONDÊNCIA, o Curso completo de Corte e Costura. Estude EM SUA PRÓPRIA CASA, nas horas livres, sem deixar suas ocupações habituais. Em pouco tempo e com poucos gastos, será uma excelente modista, perfeitamente preparada para fazer qualquer trabalho nessa profissão.

MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS
ENVIENOS HOJE MESMO O COUPON ABAIXO

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
Caixa Postal, 5058 - São Paulo

478

GRATIS

Cada aluno receberá:
- 100 aulas de última moda - Carteira de identidade - 100 zarzuela de visita - Serviço especial de consultas sobre o curso.

Nome, Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS o folheto completo sobre o curso de Corte e Costura por correspondência.

Nome _____

Rua _____ No. _____

Cidade _____

Estado _____

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2ª Loja

mostrar-lhes como um príncipe alemão era capaz de trabalhar! Desde a madrugada até altas horas da noite ficava sentado à sua secretária, lendo despachos, estudando cifras e ideando planos — planos que fariam da Inglaterra um país melhor, mais culto, mais seguro, e mais saudável para nele viver. Um país como a Alemanha, por exemplo. Ah, esse sim era um ideal a que valia a pena dedicar a vida! "Transformar a Inglaterra numa verdadeira monarquia, em vez de uma pseudo-democracia!"

Tal era o sonho insensato e impossível pelo qual Alberto se afanava dia e noite, e pelo qual terminou sacrificando a vida. O excesso de trabalho forçou-lhe demasiadamente a constituição pouco vigorosa. Teve um ataque de febre tifóide. Durante algum tempo pareceu que poderia restabelecer-se. Seu espírito, quando Vitória se inclinava sobre ele, saía do

delírio febril em que se achava, e Alberto sorria, murmurando: "liebes Weibchen". Mas depois teve uma recaída, e a 14 de dezembro de 1861 o homem que sonhara com a monarquia absoluta na Inglaterra foi chamado à democracia absoluta da morte.

O resto da vida de Vitória é um estudo em branco e negro — a longa e trevosa noite do seu pesar pela morte de Alberto, e o claro esplendor de sua gloriosa velhice.

A morte do príncipe Alberto foi um golpe terrível para ela. Não era uma dor comum a que sofria com a perda de um marido tão amado. Era uma dor aguda um ressentimento contra o destino que não respeitara a afeição duma rainha. Como se atrevissem os céus a torturá-la como a um simples mortal? Não, ela não se deixaria tratar como uma criatura comum. Continuaria procedendo como

se Alberto ainda estivesse vivo, como se ele ainda estivesse ali para guiá-la para traçar-lhe planos e dar-lhe conselhos. Numa carta que escreveu a seu tio, o rei Leopoldo da Bélgica, expressava a "firme resolução... de que a vontade "dele" (Alberto) — os "seus" planos... as "suas" opiniões... sejam a "minha" lei! E "nenhuma força humana" há de apartar-me do que "e'e" decidiu e quis". Vitória estava resolvida a deixar-se governar pela mão firme unânime dum rei absoluto. "Tornou-se", escreve Lytton Strachey, "uma ardente campeã da mentalidade alemã".

Os ingleses ressentiram-se com essa atitude. Não gostaram nem do seu excessivo prussianismo, nem de suas excessivas lamentações. Ela queria ser considerada como "um sombrio e triste pináculo de solitária grandeza". Mas o povo a considerava simplesmente como

uma mulherzinha egoísta e obstinada que esquecia os interesses de cem milhões de pessoas vivas na sua imoderada adoração por um morto.

E continuou egoísta e obstinada ano após ano. Tinha, dizia aos seus íntimos, um dever sagrado a cumprir. Dedicaria sua vida a perpetuar a grandeza do marido. Os ingleses não o haviam compreendido bem. Aquilo não podia ficar assim. Deviam aprender a compreendê-lo, a admirá-lo, a venerá-lo como ela o fazia. Ordenou, pois, a um dos mais eminentes biógrafos da Inglaterra, Mr. Theodore Martin, que escrevesse uma biografia completa do príncipe Alberto. Esta obra, insistia, tinha de ser escrita com o auxílio dela e sob a sua fiscalização. O estilo seria o de Mr. Martin, mas os pensamentos deviam ser os da rainha Vitória. Mr. Martin tomou a seu cargo a tarefa e terminou-a depois de quatorze

anos. Era uma obra monumental, em quatro volumes — bem documentada, bem planejada, bem escrita e, como o tema que procurava imortalizar, absolutamente eterna. A figura do príncipe Alberto se mostra. A figura do príncipe Alberto se mostra. A figura do príncipe Alberto se mostra.

Mas a rainha, sem perceber que o povo se ria dela à socapa, prosseguiu na sua obra de duzentas mil libras, um esplêndido mausoléu para Alberto, e, com a despesa adicional de várias centenas de milhares de libras, erigiu um santuário comemorativo onde uma estátua de Alberto pesando dez toneladas, executada em bronze, figurava como monumento central.

Então Vitória deu por terminada a obra de imortalização de Alberto e voltou a viver entre os mortais da Inglaterra.

O homem que a fez descer do seu pedestal impopular de triste e solitária "grandeza" e edificou para ela um santuário no coração dos súditos foi Benjamin Disraeli. Conseguiu-o com um método muito simples. Todos os outros ingleses tinham-lhe criticado a excessiva devoção a Alberto. Disraeli aplaudia-a. Matou-lhe a vaidade saciando-a. "O príncipe", dizia, falando de si mesmo na terceira pessoa, "foi realizar o ideal". Quanto à própria Vitória, Disraeli, ao dirigir-se a ela, empregava frequentemente a expressão "nós os escritores, minha senhora". — Já se viu ministro mais encantador do que Dizzy? — pensava a rainha ao dar-lhe a mão a beijar. Disraeli tomou-a pela mão e gentilmente a reconduziu ao seu povo, cuja afeição ela perdera.

Quando o povo a viu, apiedou-se dela. Uma mulherzinha triste, gorda, grisalha, alvejada e patética. Afinal de contas, não era tão orgulhosa assim. Bastante humana até, como eles. Uma viúva e mãe. E também tinha os seus desgostos, a colada. Sua filha, a princesa Ali-e, falecera recentemente. E alguns de seus mais caros amigos também tinham morrido.

Houve então uma tentativa de assassinato que quase chegou a consumar-se. O povo se horrorizou com o atentado e reagiu-se com o seu insucesso. A piedade que a velha senhora inspirava aos súditos ia-se transformando rapidamente em afeição. E Vitória, contente com essa mudança de atitude, começou a tomar um interesse genuíno pelas reuniões públicas, ia aos concertos, ao teatro, às conferências. Assistia à colocação da primeira pedra dos edifícios e ao lançamento dos couraçados ao mar. Uma vez, por ocasião da abertura duma exposição internacional em Liverpool, passou pelas ruas numa carruagem aberta, sob furiosa chuva. Tinha fibra, aquela rainhazinha!

Por fim era feliz, era a rainha bem-amada duma nação próspera. A rainha, e não a autócrata. A sombra da dominação de Alberto desaparecera de sua vida. Já não se interessava pela ditadura — exceto no seu círculo familiar. Neste ela insistia em conservar a direção única, na qualidade de matriarca real. Filhos, netos, bisnetos, todos tremiam ao ouvir-lhe a voz. Certa ocasião o príncipe de Gales, que tinha então cinquenta anos, chegou um pouco atrasado ao jantar. Embora não fosse culpado da demora, não se atreveu a arrostar o descontentamento da mãe. Saindo à sua procura os serviços foram encontrá-lo parado atrás dum pilar enxugando nervosamente o suor da testa.

A rainha era intransigente em matéria de pontualidade e obedecia rigorosamente à etiqueta da corte. As meticolosas regras convencionais e a deferência devida às pessoas de categoria superior tinham de ser estritamente observadas. Contudo, Vitória se interessava matematicamente não só pelo bem-estar da sua família mas também pelas alegrias e tristezas de todos os servidores do paço, até à última lavadeira ou copeira. Nos últimos anos afrouxou a dignidade real a ponto de conceder aos cortesãos mais velhos principalmente aqueles que tinham padecido de recente enfermidade, a permissão de sentar-se em sua presença.

Quanto mais avançava em idade, mais humana se tornava e menos autócrata.

Porque, à medida que crescia o seu prestígio pessoal, declinava o prestígio da coroa britânica. No fim de sua vida, Vitória chegara a ser a mais popular de todos os monarcas da história inglesa. E, na mesma ocasião, a idêntica de realeza atingia o mais alto grau de impopularidade na história da Inglaterra.

E assim entrou ela no crepúsculo de uma longa existência, cercada pelo amor do povo mas não pela sua obediência. Quando, em 1897, percorreu as ruas de Londres por ocasião do Jubileu, a adoração dos seus súditos não conheceu limites. A rainha tinha os olhos cheios de lágrimas e murmurava constantemente.

— Como são bons para mim! Como são bons para mim!

Viveu ainda quatro anos depois do Jubileu. E não foram anos inteiramente felizes, pois as ambições imperialistas da Inglaterra tinham lançado o país na guerra dos Boers. Vitória sofria com os sofrimentos do povo. Condoia-se das suas perdas. Também ela conhecera a dor da mãe que perde os filhos. A despeito da idade avançada, trabalhava constantemente à sua secretária, fazendo tudo que esta

Aos srs. distribuidores e assinantes desta revista

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

va em suas mãos para servir à causa do país.

Não tardou a fazer-se sentir o efeito de tantos esforços e preocupações. No verão de 1900 começou a falhar-lhe a memória, e no fim daquele ano já poucas forças lhe restavam.

Entretanto viveu ainda o bastante para ver o começo do novo século. A 14 de janeiro de 1901 teve uma longa entrevista com lorde Roberts, o vitorioso comandante inglês na guerra dos Boers. Foi o último ato público da sua longa existência. Poucos dias depois (22 de janeiro)

deixava mansamente o palco do drama em que desempenhara tão importante papel.

★

— Sinto-me triste e abatida — observa Jane Marryot, na "Cavalcade" de Noel Coward, — como se a morte de Vitória fosse uma perda pessoal. Estranho, não?

— Sim — responde sua amiga, Margaret Harris, — eu creio que todos sentem o mesmo.

(Do livro "Vidas de estadistas famosos").

O sonho que se tornou realidade!...

★ BRILHANTINA
★ AGUA DE COLÔNIA
★ EXTRATO

★ LOÇÃO
★ OLEO
★ PO DE ARROZ
★ TALCO

Perfume
Rêve Rose
de GALLY

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz

Para eles a guerra não é apenas uma lembrança!

(Continuação da pág. 54)

os hospitais do exército servissem comida semelhante, não haveriam tantas reclamações, como as que ouvimos dos "pracinhas" que por eles passaram, principalmente do H.C.E., sobre o qual as coxilhas, com referência à comida que ali servem, são feitas por todos, sem exceção. A alimentação do Centro deveria servir de padrão para os hospitais das nossas forças armadas. O nosso desejo é que a atual Comissão de Readaptação continue com o mesmo zelo pela missão que lhe foi confiada. Os homens que a compõem, — dos quais tivemos ótima impressão durante a palestra que com eles mantivemos —, estão firmemente decididos a fazer do Centro uma grande obra. Acreditamos e esperamos que tal aconteça. O dr. Nilton Campos, professor de psicologia da Faculdade Nacional de Filosofia e que representa na CRIFA o Ministério de Educação e Saúde, disse ao reporter que uma das missões que terão de resolver será a alfabetização dos internados, pois a quase totalidade é de analfabetos. A homens assim, de instrução rudimentar, poucos ofícios leves estarão reservados. Para facilitar sua readaptação terão, em primeiro lugar, que aumentar suas possibilidades de trabalho com a instrução primária, quando menos. Pelo que pudemos observar, essa medida deverá ser iniciada imediatamente, tendo prioridade sobre qualquer outro problema. A alfabetização daqueles homens lhe abrirá horizontes mais vastos, ajudando-os a suportar melhor as suas incapacidades físicas.

S. JOÃO DEL-REI, CELEIRO DE HERÓIS

O 11º Regimento de Infantaria, de S. João del-Rei que escreveu algumas das mais belas páginas de heroísmo durante a campanha nas terras da Itália, não podia deixar de estar representado nessa primeira leva de "pracinhas" recebida pelo Centro. Já havíamos conversado com o soldado Augusto Freire, que, sendo embora de Sergipe, serviu nesse Regimento. Agora encontramos um filho da mesma zona onde está sediado o Regimento, nascido em Dorcas Campos. Chama-se Helio Silva. Era rádio-telegrafista do seu Batalhão e nos conta, com aquela fala arrastada do mineiro do interior, a sua última história em terras italianas:

— Voltávamos, eu e outros companheiros, da cidade de Alessandra, em um caminhão do Exército. Próximo a esta cidade, quando atravessávamos a ponte, explodiu u'a mina que não havia sido descoberta — aqui pelo José Sampaio, — disse ele a sorrir para o seu companheiro do 9º B. E. Caminhão e passageiros voaram para todos os lados. Com a explosão e o choque perdi os sentidos. Fiquei trinta e seis horas desacordado. Quando voltei a mim já estava sendo operado no Hospital Militar de Gênova. Tratado com todos os recursos médicos consegui



DELICIOSO COMO
UMA LENDA...

TIPO AMERICANO
PRODUTO SUDAN S/A

DENTIFRICIOS PAZZAIZ



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

escapar. Fui depois transportado para o H.C.E., aqui no Rio, onde tive novamente a perna rasgada para que os cirurgiões pudessem remover uma placa de platina que durante muitos meses ficou unindo um dos meus ossos da perna. Quando me restabeleci dessa intervenção vim para o Centro onde completo um estágio de readaptação.

Embora ainda não se locomova perfeitamente, espera dentro m pouco receber alta e embarcar no primeiro trem

para Minas. Ele nos diz da sua ansiedade :

— Logo que chegue a S. João del-Rei irei visitar meus parentes que moram na rua Paulo Freitas e, em seguida, irei para a minha casa, em Dôres.

Boa viagem, "pracinha" Helio Silva, e que esta não demore muito...

PONTA FORA TAMBEM ESTEVE EM LIVORNO

Antes de encerrarmos a nossa edição ao CRIFA não queremos deixar de contar a pequena história do lavrador Arcênio Meza de Moraes. Este soldado veio de longe, da fronteira de Mato Grosso com o novo território de Ponta Porã. Veio ao Rio, incorporou-se a F.E.B. e foi lutar num país muito distante, que até então quase não conhecia. Mas iria lutar contra inimigo da sua terra natal e isso bastava. Atravessou mares, voou pela primeira vez, passou por cidades estranhas onde talavam línguas exóticas e chegou às ilhas de Freetown. Lutou muito naquelas planícies e planaltos, gelados e inhóspitos, até que um desastre com o "jeep" em que viajava, quando regressava de Livorno, o obrigou a buscar o hospital. Foi operado em Bolonha, mas os erros da perna, quebrados em vários lugares, não se consolavam e tiveram que enviá-lo aos Estados Unidos, onde pôde contar com melhor aparelhagem cirúrgica. O "pracinha" Arcênio guarda as melhores recordações dos nossos irmãos da América. De lá foi removido para o H.C.E. e, daí, para o Centro de Readaptação. Este soldado, devido a natureza da sua fratura, conservará durante toda a vida um parafuso de platina ligando os ossos.

—Mas isto — diz-nos o matogrossense — não me atrapalhará muito na vida de agricultor, para a qual pretendo voltar. Embora não possa ficar em pé durante muitas horas, nem andar percurso longo, irei me arranjando lá na minha rocinha, que já está esperando por mim.

Quando nos despedíamos, ele nos fez uma pergunta em-
barbosa.

— Senhor redator, seria muito difícil conseguir um caminhãozinho que pudesse levar para Ponta Porã? O senhor poderia dizer na sua revista que este é o meu grande desejo?

Como não, Arcênio? Aqui ficou registrada a sua interrogação e o seu desejo. De nossa parte fazemos votos para que alguém os ouça e possa conceder-lhe esta pequena retribuição, pequena em comparação com a ajuda que você e todos os seus companheiros nos prestaram na guerra.

A nossa saída os "pracinhas" vieram até o saguão para a despedida. O Augusto Freire, com suas pernas mecânicas, desceu todas as escadas e, se não estivéssemos de automóvel, desceria toda a ladeira conosco.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é isto quem quer. Isso é a verdade. Os crimes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora só temo a crise da classe ultra concentrada que se caracteriza por sua ação rápida para emburrecer, alisar, refrescar a vida.

Depois de explicar este crime, observe como a sua cética ganha um ar de naturalidade, aumentando a vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente sacada. O Crème de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e as rugas. A sua tendência para pigmentar-se.

O vige o brilho de uma pela airo
e sobre volta a luzada com a luz de
Crime de Afonso "Mafarroto"



DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e sairá da cama disposto para tudo. Do fígado deve fluir para os intestinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se este suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e estes fermentam nos intestinos. Então sobrevém a sensação de fartura, seguida pela prisão de ventre. V. se sente deprimido, desanimado e de mau humor. V. precisa das Pímulas Carter para o Fígado, para fazer com que esse litro de suco biliar corra livremente e V. se sinta realmente bem. Compre um vidro hoje mesmo. Tome-as conforme as instruções. São eficazes para fazer a bilis fluir livremente. Peça Pímulas CARTER para o Fígado. Tamanho econômico: Cr\$ 3,50.

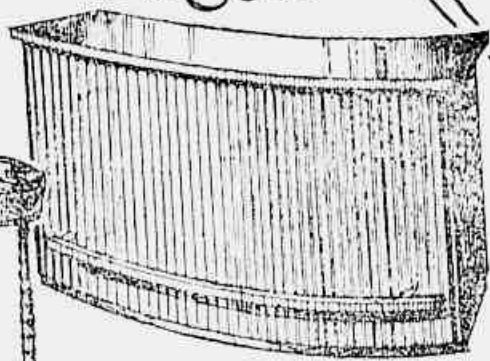
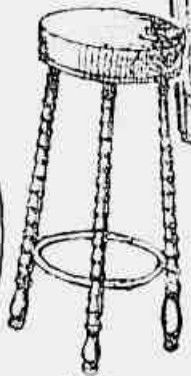
CABELLOS BRANCOS

CASPA Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE **ALEXANDRE**



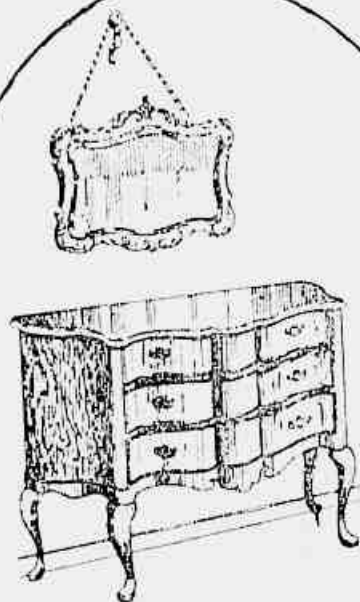
POLTRONA COM ALMOTADAS



BAR RUSTICO
COM 3 BANCOS



POLTRONA
PROVENÇAL



COMODA
PROVENÇAL



SECRETARIA
COM GAVETÕES



MESA ESPINHADA
TIPO FRANCÊS



COMODA
ESPINHADA
TIPO FRANCÊS

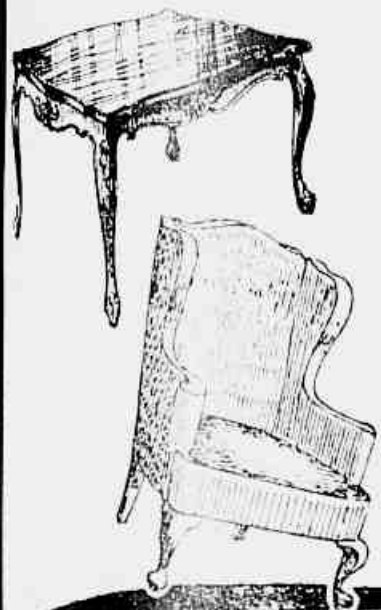


TAMBORETE ESPINHADO
TIPO FRANCÊS

Grande Venda do 34.º Aniversário

PRESENTES UTEIS E DISTINTOS

Mesas, poltronas, escrivaninhas
e uma infinidade de moveis avulsos.
Sortimento incomparavel de tapetes
de todas as qualidades e dimensões.
Preços excepcionais



ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

65·RUA DA CARIOCA·67·RIO



C^{IA} DE CIGARROS

Souza Cruz